

MEDIUNIDADE I

1. Médiun e mediunidade

1.1. O que é médium

Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. É de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes ou psicógrafos.

O Livro dos Médiuns – Q. 159

Médiun quer dizer medianeiro, intermediário. Mediunidade é a faculdade humana, natural, pela qual se estabelecem as relações entre homens e espíritos.

Mediunidade – J. Herculano Pires – cap. I

O médium é exatamente aquele indivíduo que tem a possibilidade de propiciar a comunicação dos mortos com os vivos. Não se trata de alguém dotado de poderes milagrosos, não! Nem de alguém atuado pelo demônio! Tampouco alguém que sofra das faculdade mentais. Não, nada disto. Apenas tem a condição de permitir o intercâmbio entre a Humanidade desencarnada e a encarnada. Mediunidade, acima de tudo, é uma ferramenta de trabalho, para consolar os que sofrem, para esclarecer os que se debatem nas trevas, quer sejam encarnados ou desencarnados.

Na acepção mais ampla do termo, todos somos médiuns pois todos estamos sujeitos à influência dos Espíritos. Uns mais, outros menos. No entanto, há pessoas que apresentam esta faculdade em grau mais acentuado; nelas o fenômeno se faz mais patente, mais evidenciado. São aquelas pessoas que vêem os Espíritos, ouvem as suas vozes, dando-nos os seus recados e mensagens...

A Obsessão e seu Tratamento Espírita – Celso Martins – pág. 39

Os médiuns, em sua generalidade, não são missionários na acepção comum do termo; são almas que fracassaram desastrosamente, que contrariaram, sobremaneira, o curso das leis divinas, e que resgatam, sob o peso de severos compromissos e ilimitadas responsabilidades, o passado obscuro e delituoso. O seu pretérito, muitas vezes, se encontra enodado de graves deslizes e de erros clamorosos. Quase sempre, são espíritos que tombaram dos cumes sociais, pelos abusos do poder, da autoridade, da fortuna e da inteligência, e que regressam ao orbe terráqueo para se sacrificarem em favor do grande número de almas que desviaram das sendas luminosas da fé, da caridade e da virtude. São almas arrependidas, que procuram arrebancar todas as felicidades que perderam, reorganizando, com sacrifícios, tudo quanto esfacelaram nos seus instantes de criminosas arbitrariedades e de condenável insânia.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág. 155

Ser médium não quer dizer que a alma esteja agraciada por privilégios ou conquistas feitas. Muitas vezes, é possível encontrar pessoas altamente favorecidas com o dom da mediunidade, mas dominadas, subjugadas por entidades sombrias ou delinquentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo ao escândalo e à perturbação, em vez de cooperarem na extensão do bem. Por isso é que não basta a

mediunidade para a concretização dos serviços que nos competem. Precisamos da Doutrina do Espiritismo, do Cristianismo puro, a fim de controlar a energia medianímica, de maneira a mobilizá-la em favor da sublimação espiritual na fé religiosa, tanto quanto disciplinamos a eletricidade, a benefício do conforto na Civilização.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág. 157

1.2. O que é mediunidade

Chama-se mediunidade o conjunto de faculdades que permitem ao ser humano comunicar-se com o mundo invisível.

Espíritos e Médiuns – Léon Denis – cap. III

- Qual a verdadeira definição da mediunidade?

- A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena, enriquecendo todos os seus valores no capítulo da virtude e da inteligência, sempre que se encontre ligada aos princípios evangélicos na sua trajetória pela face do mundo.

O Consolador – Emmanuel – Q. 382

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVIII – item 9

Mediunidade, pois, é meio de comunicação entre o mundo espiritual e o mundo físico.

Convivência e intercâmbio.

Desenvolvimento e aplicação das potencialidades divinas. "Vós sois Deuses" – disse-o Jesus

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – cap. 2

Mediunidade, em termos gerais, é oportunidade para que o Espírito se reabilite de enganos do pretérito.

Poucos médiuns - muito pouco mesmo - são missionários.

A maioria, constituída de almas que faliram, estão tentando subir o monte da redenção, pelo trabalho mediúnico, sustentada na oração.

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – pág. 92

Mediunidade, em boa sinonímia, é, sobretudo, sintonia, afinidade.

Emmanuel

1.3. Todos nós somos médiuns?

A mediunidade não é exclusiva dos chamados "médiuns". Todas as criaturas a possuem, porquanto significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. Não bastará, entretanto, perceber. É imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõe aos serviços preliminares de limpeza do vaso receptivo. Dividem, inexoravelmente, a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outro, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág. 149

- É justo considerarmos todos os homens como médiuns?

- Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

O Consolador – Emmanuel – Q. 383

Médiuns são pessoas aptas a sentir a influência dos Espíritos e a transmitir os pensamentos destes. Toda pessoa que, num grau qualquer, experimente a influência dos Espíritos é, por esse simples fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não constitui privilégio exclusivo, donde se segue que poucos são os que não possuam um rudimento de tal faculdade. Pode-se, pois, dizer que toda gente, mais ou menos, é médium. Contudo, segundo o uso, esse qualificativo só se aplica àqueles em quem a faculdade mediúnica se manifesta por efeitos ostensivos, de certa intensidade.

Obras Póstumas – pág. 57 – item 33

A maioria dos homens habituou-se a crer que médium só o é aquele que, em mesa específica de trabalhos mediúnicos, psicografia ou fala, ouve ou vê os Espíritos, alivia ou cura os enfermos.

O pensamento geral, erroneamente, difundido além-fronteiras do Espiritismo, é de que médium somente o é aquele que dá passividade aos desencarnados, oferecendo-lhes a organização medianímica para a transmissão da palavra falada ou escrita.

Em verdade, porém, médiuns somos todos nós que registramos, consciente ou inconscientemente, idéias e sugestões dos Espíritos, externando-as, muita vez, como se fossem nossas.

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – cap. 7

- Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se vêem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

- Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens há privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; põe-nos nas mãos deles. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XX – Q. 226, 2ª

Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Parece, dizem, que tão preciosa faculdade deverá ser atributo exclusivo dos de maior merecimento.

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é inerente a uma disposição orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como da de ver, de ouvir, de falar. Ora, nenhuma há de que o homem, por efeito do seu livre-arbítrio, não possa abusar, e se Deus não houvesse concedido, por exemplo, a palavra senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou faculdades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedida a faculdade de comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Onde, ao demais, o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para os fortificar no bem, aos viciosos para os corrigir. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que o privaria Deus, que não quer a morte do pecador, do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXIV – item 12

1.4. Quando surge a mediunidade?

O surgimento da faculdade mediúnica não depende de lugar, idade, condição social ou sexo.

Pode surgir na infância, adolescência ou juventude, na idade madura ou na velhice.

Pode revelar-se no Centro Espírita, em casa, em templos de quaisquer denominações religiosas, no materialista.

* * *

Os sintomas que anunciam a mediunidade variam ao infinito.

Reações emocionais insólitas.

Sensação de enfermidade, só aparente.

Calafrios e mal-estar.

Irritações estranhas.

Algumas vezes, aparece sem qualquer sintoma. Espontânea. Exuberante.

Um botão de rosa (a figura é de Emmanuel) que desabrocha para, no encanto e no perfume de uma rosa, embelezar a vida.

Desabrochando, naturalmente, a mediunidade é esse botão, tendo por jardineiro o Espiritismo, que cuidará de seu crescimento.

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – cap. 3

1.5. Mediunidade e sintonia

Mediunidade é sintonia e filtragem. Cada Espírito vive entre as forças com as quais se combina, transmitindo-as segundo as concepções que lhe caracterizam o modo de ser.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág. 153

As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa, levados a efeito por entidades menos evoluídas ou extremamente consagradas à caridade sacrificial.

De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito.

Precisamos compreender - repetimos - que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual.

Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações, invocações e apelos.

Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.

Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar.

Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida.

Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais nos colocamos em sintonia.

Na mediunidade, essas leis se expressam, ativas.

Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa-vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem.

Ninguém está só.

Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá.

Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade.

Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, "teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração".

Roteiro – Emmanuel – pág. 121

459. Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?

"Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem."

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. IX

A assertiva dos Espíritos a Allan Kardec demonstra que, na maioria das vezes, estamos todos nós - encarnados - agindo sob a influência de entidades espirituais que se afinam com o nosso modo de pensar e de ser, ou em cujas faixas vibratórias respiramos.

Isto não nos deve causar admiração, pois se analisarmos a questão sob o aspecto puramente terrestre chegaremos à conclusão de que vivemos em permanente sintonia com as pessoas que nos rodeiam, familiares ou não, das quais recebemos influências através das idéias que exteriorizam, dos exemplos que nos são dados, e também que influenciemos com a nossa personalidade e pontos de vista.

Quando acontece de não conseguirmos exercer influência sobre alguém de nosso convívio e que desejamos aja sob o nosso prisma pessoal, via de regra tentamos por todos os meios convencê-lo com argumentos persuasivos de diferente intensidade, a fim de lograrmos o nosso intento.

Natural, portanto, ocorra o mesmo com os habitantes do mundo espiritual, já que são eles os seres humanos desencarnados, não tendo mudado, pelo simples fato de deixarem o invólucro carnal, a sua maneira de pensar e as características da sua personalidade.

Assim, vamos encontrar desde a atuação benéfica de Benfeitores a amigos espirituais, que buscam encaminhar-nos para o bem, até os familiares que, vencendo o túmulo, desejam prosseguir gerindo os membros do seu clã familiar, seja com bons ou maus intentos, bem como aqueles outros a quem prejudicamos com atos de maior ou menor gravidade, nesta ou em anteriores reencarnações, e que nos procuram, no tempo e no espaço, para cobrar a dívida que contraímos.

Por sua vez, os que estão no plano extrafísico também se acham passíveis das mesmas influências, partidas de mentes que lhes compartilham o modo de pensar, ou de outras que se situam em planos superiores, e, no caso de serem ainda de evolução mediana ou inferior, de desafetos, de seres que se buscam intensamente pelo pensamento, num conúbio de vibrações e sentimentos incessantes. Essa permuta é contínua e cabe a cada indivíduo escolher, optar pela onda mental com que irá sintonizar.

Portanto, a resposta dos Espíritos a Kardec nos dá uma noção exata do intercâmbio existente entre os seres humanos, seja ele inconsciente ou não, mas, de qualquer modo, real e constante.

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – cap. 1

Nosso Espírito residirá onde projetarmos nossos pensamentos, alicerces vivos do bem e do mal. Por isto mesmo, dizia Paulo, sabiamente: - "*Pensai nas coisas que são de cima*".

Palavras de Emmanuel – Chico Xavier – pág. 148

1.6. Comunicação entre o mundo material e espiritual

Os Espíritos vivem, ora na Terra, encarnados, ora no espaço, desencarnados, mas, os interesses recíprocos, de toda ordem, que os unem, fazem com que se comuniquem, embora situados em planos diferentes de vibração, por meio da mediunidade, faculdade orgânica de que são dotadas todas as criaturas, em maior ou menor grau de desenvolvimento.

Há, assim, um intercâmbio ativo e contínuo de idéias e mesmo de interesses materiais, que assegura o permanente contato entre os dois mundos, prova evidente da sobrevivência do Espírito ao perecimento do corpo material, de que se servia, quando na Terra.

A vida, em verdade, é contínua, e tudo quanto apresente de grandeza ou miséria retrata, por igual, as duas comunidades, que reagem constantemente entre si, intimamente ligadas pela origem e ideais.

Coube ao Espiritismo revelar o mecanismo dessas revelações, estudando as leis que as regem, e mostrar a necessidade de submeter todas as manifestações à direção e controle de pessoas esclarecidas, estudiosas e moralizadas.

Na verdade, os encarnados sofrem verdadeiro assédio de seus irmãos do mundo espiritual, a que continuam ligados por sentimentos de amor, saudade, ódio, medo, remorso, vingança, alimentados, também, por eles, intensamente.

Nos seus diversos graus de intensidade, a atuação dos Espíritos sobre os encarnados pode acarretar-lhes, como de fato acontece, perturbações das mais sérias, agravadas por sua invigilância e seus pensamentos negativos e pelos laços que os prendem, de vidas anteriores, aos antigos comparsas, hoje desencarnados.

Então teremos, como é sabido, as obsessões, as subjugações, as possessões, que hoje avassalam a maioria das criaturas.

Disciplinando a mediunidade, estudando e controlando os fenômenos, a que dá causa, o Espiritismo esclarece, em termos técnicos, corretos e simples, o mecanismo da comunicação entre encarnados e desencarnados, oferecendo aos homens os meios seguros de convivência com os que já partiram, mostrando-lhes como tornar proveitoso e útil esse intercâmbio.

A Doutrina Espírita nos demonstra que, segundo a lei divina do Amor, devemos ser humildes e aceitar com resignação as provas, que nos são impostas, como conseqüência de nossas más ações em

vidas progressas, quando, então, ofendemos irmãos que confiaram em nós e que agora procuram, em sua ignorância espiritual, cobrar aquilo a que se julgam com direito, embora ninguém possa fazer justiça pelas próprias mãos. Devemos ter fé e trabalhar, com dedicação, pelo esclarecimento desses irmãos, orando muito por eles e realizar a nossa própria reforma íntima, indispensável respaldo do nosso desejo de progresso espiritual, de nossa paz interior.

O intercâmbio com os irmãos da espiritualidade também nos proporciona ensinamentos preciosos, pelas mensagens recebidas de entidades categorizadas e que constituem advertências, conselhos, roteiros seguros para nossas vidas, sujeitos que estamos a difíceis provas, individuais e coletivas.

Não nos deixemos, porém, enganar, porque entre o mediunismo sem doutrina e a prática consciente e disciplinada da mediunidade, como comprova o Espiritismo, a diferença é muito grande, e depende de nós a escolha do meio mais adequado de mantermos o intercâmbio com os irmãos da espiritualidade, aos quais devemos levar a contribuição do nosso saber e sincero desejo de ajuda e esclarecimento quando necessitados, recebendo, outrossim, dos que estejam em condições de assim proceder, o ensino precioso de suas mensagens de consolação.

O Espiritismo Básico – Pedro Franco Barbosa – pág. 143

1.7. A mediunidade é de todos os tempos

Antiquíssimos, porém, são os fenômenos mediúnicos. Eles se deram em todos os tempos e em todos os povos - conforme a História comprova - , porque a mediunidade é uma faculdade inerente ao ser humano, sendo lei natural a comunicação entre os espíritos encarnados e desencarnados.

O intercâmbio mediúnico sempre esteve ligado ao serviço religioso e, a princípio, era feito apenas por **iniciados**, isto é, por homens ou mulheres preparados especialmente para essa atividade, através de um treinamento que, às vezes, levava dezenas de anos (pitons e pitonisas, arúspices, oráculos, adivinhos, profetas, sibilas etc.).

Desconhecendo as leis que regem os fenômenos mediúnicos, o povo os considerava maravilhosos, sobrenaturais. E quem podia produzir esses fenômenos e fazer o intercâmbio mediúnico era considerado um ser privilegiado, investido de poderes divinos.

Desse conceito se aproveitavam os sacerdotes na Índia, na Pérsia, no Egito ou em Roma, que exerciam, então, influência sobre o povo e até mesmo sobre os governantes. E, para assegurar esse poder sobre as massas, usavam não só suas faculdades mediúnicas mas, também, as práticas mágicas e a prestidigitação.

Estudos Sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – 1º fascículo – Campinas-SP

Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. A ignorância exagerou seu poder e, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a.

O Que é o Espiritismo – Allan Kardec – pág. 104

A crença na aparição e manifestação dos "mortos" remonta a eras que se perdem na noite dos tempos.

Desde que o mundo existe, os Espíritos nunca deixaram de patentear aos homens a sua imortalidade.

Se remontarmos à época dos oráculos, tão venerados pela filosofia pagã, veremos o papel saliente dos profetas (médiuns) e das manifestações dos "mortos", como que exaltando o sentimento e a razão humana, para lhe descortinar as manifestações da Vida Eterna.

Era tão grande a influência da profecia sobre os povos, que estes mandavam construir os templos sobre fendas do solo, donde diziam sair exalações que davam o poder da inspiração profética.

Além do Templo de Delfos, o mais célebre de todos, pelas portentosas manifestações que procediam dos seus médiuns, destaca-se o de Júpiter Amon, na Líbia; o de Marte, na Trácia; o de Vulcano, em Heliópolis; o de Esculápio, o de Ísis e muitos outros de importância religiosa nos antigos tempos.

Os médiuns tinham, na Antigüidade, os nomes de profeta, sibila, pítia, e se purificavam pelos sacrifícios, obedientes a um regime especial. Vivendo nesses templos, onde se conservavam isolados das gentes, bebiam água inspirada e antes de subirem à tripeça mascavam folhas de louro colhidas perto da nascente de Castália.

Inúmeros eram os videntes espalhados por toda a parte, e era crença, naqueles tempos, que bastava ao indivíduo dormir num templo para adquirir esse dom.

O povo da China, cuja cronologia remonta há mais de 30.000 anos, entregava-se à evocação dos Espíritos dos avoengos.

Na Pérsia os fenômenos espíritas fizeram prosélitos. Em Acaia chegava-se a ver os Espíritos com o auxílio de um espelho que havia num poço no Templo de Ceres.

Os historiadores dizem que no Egito Antigo os sacerdotes possuíam poderes sobrenaturais: "faziam prodígios, invocavam os mortos".

A História está repleta de fatos, que outra coisa não são que aparições e comunicações espíritas vivificando o sentimento religioso.

Médiuns e Mediunidades – Caibar Schutel – pág. 28

1.8. Os fenômenos mediúnicos no Velho Testamento

O Velho Testamento é um repositório de fenômenos interessantíssimos, que lembram os costumes israelitas, sua história, sua vida protegida sempre pelos Espíritos dos "mortos".

Moisés, o grande médium, libertador dos judeus escravizados à tirania do Egito, vidente, audiente e escrevente, vê Jeová na sarça do Horeb e no Sinai, onde escreve as Tábuas da Lei, escuta vozes no propiciatório da Arca da Aliança e produz maravilhas que a nenhum homem ainda foi dado fazer.

Todas as grandes personalidades da Antiga Dispensação se distinguiram pelas suas faculdades mediúnicas.

José, sub-rei do Egito, comunicava-se com Espíritos, que lhe apareciam "num copo d'água", (copo mágico). Esdras, com o auxílio do Espírito reconstitui a Bíblia que se havia perdido; Samuel, Jeremias, Malaquias, Jó, Isaías, Ezequiel, Daniel, Oséias, Amós, Jonas, Miquéias, Sofonias, Naum, todos mantinham relações com os "mortos".

O Rei Saul invoca o Espírito de Samuel pela pitonisa do Endor.

Joel, tomado por um Espírito, anuncia a multiplicação dos dons mediúnicos e as manifestações dos Espíritos, com as seguintes palavras: "E há de ser que depois derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos velhos sonharão; vossos mancebos terão visões. E também sobre os meus servos e minhas servas naqueles dias derramarei o meu Espírito."

Médiuns e Mediunidades – Caibar Schutel

No Velho Testamento vemos os profetas, videntes e audientes inspirados, que transmitem ao povo a vontade dos Guias e, de todas as formas de mediunidade parece mesmo que a mais generalizada era a de vidência.

Samuel, no Livro I, cap. 9, v. 9, assim o demonstra, quando diz: "Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se vamos ao vidente; porque os que hoje se chamam profetas chamavam-se videntes".

É já de rigor citativo a consulta feita por Saul ao Espírito de Samuel, na gruta do Endor.

As pragas que, segundo se narra, por intermédio de Moisés foram lançadas sobre o Egito; as maravilhas ocorridas com o povo hebreu no deserto, quando conduzido por esse grande Enviado, a saber: a labareda de fogo que marchava à frente dos retirantes, o maná que os alimentava; as fontes que jorravam das rochas; o recebimento do Decálogo, etc., tudo são afirmações do extraordinário poder mediúnico do grande fundador da nação judaica.

Que maior exemplo de fenômeno de incorporação que o revelado por Jeremias - o profeta da paz - quando, tomado pelo Espírito, pregava pelas ruas contra a guerra aos exércitos de Nabucodonosor! E que outro maior, de vidência no tempo, que o demonstrado por João escrevendo o Apocalipse!

Mediunidade – Edgard Armond – pág. 22

Era costume consultar os videntes sobre todos os fatos da vida íntima, sobre os objetos perdidos, as alianças, os empreendimentos de toda ordem. Lê-se em Samuel I, cap. IX, v. 9:

"Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se: Vinde, vamos ao vidente. - Porque os que hoje se chamam profetas, chamavam-se videntes."

A Bíblia (IV Reis, VI, 6), nos refere que Eliseu faz vir à superfície, lançando um pedaço de madeira à água, o ferro de um machado que nela havia caído.

Da levitação, esse mesmo Eliseu transportado "para o meio dos cativos que viviam junto do rio Chobar" (Ez., III, 14, 15), e Filipe que subitamente desaparece aos olhos do eunuco e se encontra novamente em Azot (Atos, VIII, 39,40), são exemplos notáveis. A propósito de escrita mediúnica, pode citar-se a das tábuas da lei (Êxodo, XXXII, 15, 16, XXXIV, 28). Todas as circunstâncias em que essas tábuas foram obtidas provam exuberantemente a intervenção do mundo invisível.

Não menos comprobativa é a inscrição traçada, por uma mão materializada, em uma das paredes do palácio durante um festim que dava o rei Baltasar. (Daniel, cap. V).

Poder-se-ia considerar como fenômenos de transporte o maná de que se alimentam os israelitas em sua jornada para Canaã, o pão e vaso d'água, colocados ao pé de Elias, quando despertou, por ocasião de sua fuga pelo deserto (I Reis, XIX, 5 e 6) etc.

Cristianismo e Espiritismo – Léon Denis – nota nº 7, pág. 285

1.9. Os fenômenos mediúnicos no Novo Testamento

No Novo Testamento, desde antes do Nascimento, então as provas são ainda mais concludentes e notáveis, máxime as de mediunidade curadora, o dom das línguas, as levitações e os fenômenos luminosos.

Maria de Nazaré não viu o Espírito anunciador? Jesus não foi gerado com intervenção do Espírito Santo? E os milagres seus e dos apóstolos?

Voltando a citar Leon Denis, é dele esta pergunta: os apóstolos do Cristo foram escolhidos por serem sábios ou notáveis ou porque possuíam qualidades mediúnicas?

Esses apóstolos, como sabemos, e seus discípulos, durante o tempo de seus trabalhos, atuaram como verdadeiros médiuns, bastando citar S. Paulo e S. João, um o mais dinâmico e culto, outro o mais místico.

Que foi o Pentecostes senão a outorga de faculdades mediúnicas aos apóstolos e discípulos?

E, justamente por exercerem francamente a mediunidade, é que sabiam de seus perigos, dos cuidados que sua prática exigia, e sobre isso chamavam a atenção de seus discípulos.

S. Paulo dizia: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" e S. João juntava: "Caríssimos, não creiais em todos os espíritos, mas provai que os espíritos são de Deus". Advertiam, assim, contra a ação dos espíritos obsessores e mistificadores.

Era tão comum a mediunidade entre os primitivos cristãos, que instruções escritas eram enviadas às comunidades das diferentes cidades, para regular a sua prática; e essas instruções foram sendo, com o correr do tempo, enfeixadas em livros para melhor conservação.

Mediunidade – Edgard Armond – pág. 23

O Apóstolo Paulo, na 1ª Epístola aos Coríntios, cap. XII, lembra a diversidade de dons, e, portanto, a diversidade de operações; lembra, conseqüentemente, a diversidade de médiuns, e acrescenta: "A manifestação do espírito é dada a cada um para o que for útil".

No final do capítulo recomenda a todos procurarem os melhores dons, vale dizer, mediunidades, e aponta o caminho mais excelente para que sejam bons os resultados experimentais. É assim que, depois de um eloqüente discurso sobre a caridade, faz realçar esta virtude em sua forma espiritualizada, ou seja, caracterizada por benevolência, tolerância, humildade, paciência, perseverança, desinteresse, condições estas de que devem revestir os médiuns.

O apóstolo citado diz em sua Carta Doutrinária: "Uns têm a palavra da sabedoria, outros da fé, outros promovem a operação de maravilhas, outros têm os dons de curar, outros a variedade de línguas, outros a interpretação das línguas, outros o DOM DE DISCERNIR OS ESPÍRITOS. (I Cor., XII, 4 a 9).

A todas essas mediunidades e a todos esses médiuns devemos acrescentar que - uma mesma mediunidade pode ser mais acentuada, mais vigorosa em uns do que em outros; a força psíquica não é sempre a mesma para todos os médiuns, que a possuem em graus diferentes.

Médiuns e Mediunidades – Caibar Schutel – pág. 23

Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; e de repente veio do céu um ruído, como de um vento impetuoso, que encheu toda a casa onde estavam sentados; e lhes apareceram umas como línguas de fogo, as quais se distribuíram, para repousar sobre cada um deles; e todos ficaram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.

E habitavam em Jerusalém judeus, homens religiosos, de todas as nações em baixo do céu: e quando se ouviu este ruído, juntou-se ali a multidão e ficou pasmada, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. E estavam atônitos e maravilharam-se, perguntando: Não são galileus todos esses que estão falando? E como os ouvimos falar, cada um na língua do nosso nascimento, partos, medas e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, a Pamfília, o Egito e as partes da Líbia próximas a Cirene, e forasteiros romanos, sendo uns judeus e outros prosélitos, cretenses e árabes; como é que o ouvimos falar em nossas línguas as grandezas de Deus? E ficaram todos atônitos e perplexos e perguntavam uns aos outros: Que quer dizer isto? Outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto.

Atos II, 1-13

UM LIVRO DE MEDIUNIDADE

O Evangelho é um livro de mediunidade por excelência.

Para comprovação, basta recordar-lhe alguns tópicos.

Surge o Mestre em plano de exaltação medianímica.

O Espírito de Gabriel entra em contato com Zacarias, vaticinando o nascimento de João Batista. Em seguida, procura Maria de Nazaré, anunciando-lhe a vinda de Jesus.

Um amigo espiritual conversa com José da Galiléia, em torno do mesmo assunto.

Espíritos purificados materializam-se, à frente dos tratadores de animais, exaltando o Cristo.
Um espírito santificado move Simeão a reconhecer o Divino Orientador recém-nato.

* * *

Mais tarde, no ministério público, vê-se Jesus cercado de médiuns e fenômenos mediúnicos.
Transforma-se a água em vinho nas bodas de Caná.
Multiplicam-se pães e peixes para a turba faminta.
Ele, o Mestre, restaura o equilíbrio de vários médiuns obsediados, inclusive de enfermos diversos, atuados por espíritos sofredores, que os segregavam em moléstias-fantasmas.
Corporificam-se espíritos veneráveis no cimo do Tabor.
Simão Pedro assinala em si próprio a influência simultânea de espíritos felizes e infelizes.
Nas meditações do jardim, que lhe precederam a crucificação, o Senhor é sustentado por um espírito angélico.

* * *

Depois da morte do Grande Renovador, desbordam acontecimentos mediúnicos de todas as condições.
Maria de Magdala surpreende-lhe o Espírito, nas vizinhanças do túmulo vazio.
Dois companheiros encontram-no a caminho de Emaús.
Os discípulos conseguem vê-lo e ouvi-lo, a portas trancadas, em sucessivas reuniões de Jerusalém.
Após algum tempo, sete deles logram-lhe a presença, junto às águas do Tiberíades.
Legiões de instrutores desencarnados improvisam efeitos físicos, no dia de Pentecostes, entre os semeadores do Evangelho, impelindo-os a falar em línguas diferentes.
Um benfeitor espiritual liberta os cultivadores da Boa Nova, retidos indebitamente numa cadeia pública.
Realizações da mediunidade socorrista fazem-se intensas.
O Espírito de Jesus aparece a Saulo de Tarso, que cai de rojo, traumatizado de assombro, e, para ajudá-lo, visita Ananias, em Damasco, a solicitar-lhe cooperação.
Outros médiuns chegam à cena.
Agabo transmite instruções da esfera espiritual.
Elimas é mediano a desgarrar-se da missão que lhe cabe.
A jovem adivinhadora de Filipos é médium que as sombras envolvem na exploração mercenária.
Da luz da Manjedoura às visões do apocalipse, todo o Novo Testamento é um livro de Mediunidade, emoldurando a grandeza do Cristo. (Emmanuel)

Mediunidade dos Santos – Clovis Tavares - Prefácio

1.10. A proibição de Moisés

Nos tempos bíblicos, quando o povo hebreu vivia em cativeiro, no Egito, o intercâmbio mediúnico estava sendo utilizado para adivinhações, interesses egoístas, materiais e mesquinhos, misturando-se com práticas mágicas e, até, sacrifícios humanos.

Por isso Moisés, o grande médium e legislador hebreu, ao retirar o povo do cativeiro, proibiu a prática mediúnica de modo geral.

Quando entrares no país que Javé, teu Deus, te der (...)

Não se achará, entre ti, quem faça passar pelo fogo o seu filho ou filha, quem se entregue à adivinhação, aos augúrios, às feitiçarias e à magia. Quem recorra aos encantamentos, interrogue aos espíritos, ainda que familiares, e quem invoque os mortos.

Porque todo homem que pratica estas coisas é abominável para Javé e é por causa destas abominações que Javé, teu Deus, vai expulsar estas nações da tua presença.

Deuteronômio, Cap. 18, vs. 9/13

Se Moisés proibiu, é que era possível fazer o intercâmbio, pois o impossível não é preciso proibir.

Mas a proibição de Moisés não era uma condenação da mediunidade em si mesma. Visava, apenas, reprimir os abusos. Particularmente, porém, Moisés continuou usando sua mediunidade (pela qual recebia as instruções do Além). E desejava que todo o povo viesse a fazer o intercâmbio, também, mas de modo correto e superiormente inspirado. É o que se vê nesta passagem:

Moisés pedira ajuda a Deus para atender ao povo muito numeroso e recebera a promessa de que o senhor iria "derramar o seu espírito" sobre 70 anciãos do povo.

Na hora aprazada, isso ocorreu, na tenda em que era feita a concentração e oração por Moisés. Mas 2 dos anciãos, Eldad e Medad, haviam ficado no campo e ali mesmo começaram a profetizar (a falarem mediunizados).

Foram contar a Moisés. E Josué queria que Moisés mandasse impedir aquela manifestação, pois era proibido.

Moisés, porém, retrucou: - Por que há de ser tão ciumento a meu respeito? Prouvera a Deus que todo o povo fosse feito de profetas, e que o Senhor lhes desse o seu espírito!

Números, Cap. 11, vs 26/29

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – 1º fascículo – Campinas/SP

1.11. A liberação por Jesus

Quando, 1300 anos depois, Jesus veio à Terra, a humanidade já havia evoluído um pouco mais e poderia voltar a utilizar a mediunidade, que Moisés proibira.

Jesus, então:

- Afirmou a influência dos espíritos bons e maus sobre as pessoas, como ao declarar Pedro que Jesus era o Cristo (Mt., cap. 16, v. 17) e no caso do espírito impuro expulso (Mt. 12 v. 43 e L. 11 v. 24).
- Exemplificou o intercâmbio com o Além, como ao conversar com Moisés e Elias materializados (Mt. 17 vs 1/18) e com a legião de espíritos que obsediava um homem em Gadara (Mt. 5 vs 1/20).
- Desenvolveu as faculdades mediúnicas nos seus discípulos ("conferiu-lhes o poder") e ordenou que trabalhassem com elas ("curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios"), sem nada cobrar ("Recebestes de graça, de graça dai") (Mt. 10). Vide ainda: Mt. 17 v.

21, em que Jesus ensina os discípulos que é necessário "jejum e oração" para ter autoridade moral ante espíritos mais rebeldes.

- Anunciou um batismo do espírito que se cumpriu no Dia de Pentecostes, quando os discípulos, mediunizados, falaram até em outros idiomas.

Pedro esclareceu, então, que se estava cumprindo a profecia de Joel: "...nos últimos dias, acontecerá, diz Deus, que do meu espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e filhas profetizarão, vossos mancebos terão visões, vossos velhos, sonhos".

Era a liberação da mediunidade para todas as pessoas. Pedro ainda explicou que a promessa divina abrange "a todos quantos Deus nosso Senhor chamar". (Atos, cap. 1, vs. 4/5; cap. 2, vs 1/39).

1.12. O uso da mediunidade no Espiritismo

Alguns séculos depois, não respeitando a liberação da mediunidade, que Jesus fizera, grupos religiosos tentaram proibir de novo o intercâmbio mediúnicos, dizendo ser obra do demônio e perseguindo os que o praticavam, sob a acusação de serem bruxos, feiticeiros.

Mas Deus já "derramou o seu espírito sobre toda a carne", a sensibilidade já se desenvolveu na espécie humana e a mediunidade se generalizou, sendo impossível conter a manifestação dos espíritos por toda parte.

Surge, então, o Espiritismo, que utiliza a mediunidade como instrumento valioso de espiritualização da humanidade. Também não concorda que se faça mau uso dela, esclarece que sua finalidade é superior e ensina técnicas para a segurança e proveito espiritual na sua prática, especialmente em "O Livro dos Médiuns", de Allan Kardec.

"Sem a força disciplinadora da Doutrina dos Espíritos, sem a orientação cristã do Espiritismo, seriam os fenômenos, sem dúvida, apenas um turbilhão de energias avassalantes, desorientadas, sem rumo nem objetivo definido, sem finalidade educativa." (Martins Peralva - cap. 26 - Mediunidade e Evolução)

Estudos sobre Mediunidade - Apostila - CEAK - 1º fascículo - Campinas/SP

1.13. A mediunidade não é exclusividade do Espiritismo

Ante a palavra mediunidade, a nossa mente dirige-se, naturalmente, para a Doutrina que Allan Kardec, o insigne Codificador, estruturou no plano físico.

A associação é compreensível, porque, embora as manifestações mediúnicas tenham-se verificado desde os primeiros tempos da evolução planetária, foi o Espiritismo que, na segunda metade do século XIX, não só as classificou, metodicamente, mas igualmente estabeleceu diretrizes para a sua prática.

* * *

Sem a força disciplinadora da Doutrina dos Espíritos, sem a orientação cristã do Espiritismo, seriam os fenômenos, sem dúvida, apenas um turbilhão de energias avassalantes, desorientadas, sem rumo nem objetivo definido, sem finalidade educativa.

Mediunidade e Evolução - Martins Peralva - pág. 93

Uma das partes mais fascinantes do Espiritismo é, sem dúvida, a mediunidade. É um campo rico de problemas, onde o estudioso encontrará farto material para observações e estudos.

Não nos alongaremos na técnica da mediunidade, a qual poderá ser facilmente estudada em livros especializados. Queremos aqui simplesmente chamar a atenção para os dois pontos seguintes:

- A mediunidade não depende do Espiritismo.
- Por que o Espiritismo usa a mediunidade.

A mediunidade é um meio de comunicação; ela serve para que duas esferas, ou se quiserem, dois mundos se comuniquem entre si: o mundo ou esfera material habitado por nós e o mundo ou esfera espiritual habitado pelos espíritos.

É um erro supor que o Espiritismo inventou a mediunidade. A mediunidade sempre existiu, uma vez que sempre existiram as duas esferas.

As pessoas que usam a mediunidade chamam-se médiuns. Também os médiuns não são exclusividade do Espiritismo; deles sempre houve e se manifestam não somente no seio do Espiritismo, como também no seio de todas as outras religiões, no de todas as camadas sociais, entre ricos e entre pobres, entre crentes e descrentes, entre letrados e iletrados.

A mediunidade é uma qualidade inerente ao espírito e não há ninguém privado dela. E assim, num sentido geral, todos nós encarnados somos médiuns.

Entretanto, o grau de mediunidade varia de pessoa para pessoa: em algumas é acentuado, em outras menos, chegando a um mínimo imperceptível em grande número. Acontece que poucos sabem usar conscientemente a mediunidade; a esses poucos é que se dá, especificamente, o nome de médiuns.

Médiuns, por conseguinte, são as pessoas que se dedicam com sinceridade e carinho ao intercâmbio entre os dois mundos, transmitindo-nos com mais facilidade as instruções e as explicações providas dos desencarnados.

Quando as pessoas que se dedicam às Belas Artes em geral, os escritores, os sábios, os religiosos, os benfeitores da humanidade, concretizam na Terra suas obras e seus ideais, recebem a inspiração necessária através da mediunidade de que são portadores. As grandes realizações humanas chegam à Terra, providas dos planos superiores, pela mediunidade dos que estão aptos a entendê-las e a executá-las.

Sendo o Espiritismo uma religião que veio especialmente para demonstrar-nos a imortalidade da alma e a vida que passaremos a viver depois do fenômeno da morte, encontrou nos médiuns auxiliares preciosos para coadjuvã-lo nessa tarefa.

Como os escafandristas que mergulham nos mares e de lá trazem notícias da vida submarina e mesmo tesouros que o fundo do mar guarda, assim o médium penetra na esfera espiritual e de lá traz informações valiosas acerca de nossa vida futura e lições importantes para vivermos nobremente enquanto formos encarnados.

Médiuns e mediunidade não são privilégios do Espiritismo. O que acontece é que o Espiritismo sabe tirar todo o proveito possível da mediunidade, colocando-a a serviço da libertação da alma humana e descerrando-lhe horizontes espirituais ilimitados.

Resumindo: através da mediunidade estudamos o mundo espiritual; vemos o estado em que lá vivem os desencarnados; conhecemos os resultados das ações que os desencarnados praticam na terra; e como "homem prevenido vale por dois", aprendemos a pautar nossa vida segundo as leis divinas consubstanciadas no Evangelho de Jesus, para evitarmos as péssimas conseqüências do desrespeito a essas leis.

Longe de ser combatida ou ironizada, a mediunidade precisa ser carinhosamente estudada, por constituir luminoso caminho de progresso para a humanidade.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 54

1.14. Mediunidade no catolicismo

SANTA TERESA D'ÁVILA

São incontáveis os casos e exemplos de vidência mediúnicamente na existência dos Santos da Igreja Romana.

A clarividência na vida de Santa Teresa de Jesus, a grande mística de Ávila, é por ela mesma atestada no magnífico volume de sua autobiografia, precioso conjunto de depoimentos mediúnicos que confirmam a veracidade e a lógica da interpretação espírita dos fenômenos psíquicos, tão abundantes na vida dos grandes santos quanto na missão dos verdadeiros médiuns.

As aparições de Cristo na vida da grande mística de Ávila são inúmeras. No capítulo VII de sua Vida, fala das graves irregularidades morais dos conventos espanhóis: "Usa-se tão pouco o caminho da verdadeira religião que o frade ou a freira que começam a seguir deveras os seus chamados, mais devem temer os companheiros de casa do que a todos os demônios... Não sei de que nos espantamos vendo que há tantos males na Igreja; pois aqueles que deveriam ser os exemplos de quem todos tirassem virtudes, só fazem manchar os esforços dos Santos, passados nas lides da religião." E refere-se a determinadas visitas que compareciam aos conventos e que a Santa não cuidava serem moralmente perigosas: "Estando eu com uma pessoa pouco tempo depois de conhecê-la, quis o Senhor dar-me a entender que não me convinhem aquelas amizades, avisar-me e dar-me luz em cegueira tão grande. Apareceu-me Cristo com grande rigor, dando-me a entender quanto aquilo Lhe pesava. Vi-O com os olhos da alma, mais claramente do que O poderia ver com os olhos do corpo e ficou aquilo tão bem impresso em mim que agora, passados vinte e seis anos, ainda me parece que O tenho presente...Fez-me muito mal o fato de não saber que era possível ver sem os olhos do corpo; e o demônio, que me ajudou nesse engano, fez-me entender que era coisa impossível; que eu o havia imaginado; que só poderia ser obra diabólica e outras coisas dessa espécie. Contudo, sempre me ficava a idéia de que fora obra de Deus e que não era ilusão".

No texto, é explícita a declaração da clarividência da Santa. Cristo lhe apareceu e a repreendeu. Interessante é notar a observação seguinte. Diz Santa Teresa que viu Jesus "com os olhos da alma, mais claramente do que o poderia ver com os olhos do corpo". Estava absolutamente certa a grande Doutora da Igreja. A Doutrina Espírita explica como se processa a sensibilização das antenas psíquicas para o fenômeno da clarividência.

Frei Estefânio Piat refere-se à clarividência de santa Teresa d'Ávila: O próprio céu ratifica esse julgamento quando, depois da morte, Frei Pedro aparece à Reformadora do Carmelo, rodeado pelo brilho fulgurante de sua beatitude e diz-lhe em tom penetrante: "O bendita penitência, que me valeu tamanho peso de glória!"

E noutra passagem:

"Durante um almoço, Teresa d'Ávila viu o Mestre Divino aproximar-se e servir o frade menor (Frei Pedro de Alcântara) com as próprias mãos e com um carinho infinito".

Santa Teresa, conta ainda Piat, "viu Francisco de Assis e Antônio de Pádua ladeando Pedro de Alcântara para lhe servir de ajudantes", num ofício religioso.

São Pedro de Alcântara foi um dos grandes, senão o maior dos amigos de Santa Teresa d'Ávila. Ernest Hello chega a dizer que "Pedro de Alcântara dividiu em duas partes a vida de Teresa d'Ávila. Antes dele foi de trevas, com ele veio a luz".

Mediunidade dos Santos – Clovis Tavares – pág. 29

SANTA BRÍGIDA

À semelhança das antigas profetisas do Velho e do Novo Testamento, na mesma tradição que remonta a Miriã, irmã de Moisés, com seu louvores a Deus e suas dificuldades mediúnicas; a Hulda, que profetizou a destruição de Jerusalém; a Débora, com suas intervenções na política de seu povo e de seu tempo e a Ana, filha de Fanuel, que reconheceu em Jesus menino, quando apresentado do Templo, o Cristo prometido e assim o proclamou... Na mesma trajetória espiritual de Francisco de Assis e de Catarina de Siena, Brígida dirige sua palavra inspirada ao povo da Suécia. Fala aos reis e aos príncipes de sua pátria, aos seus chefes religiosos locais e, finalmente, ao próprio Papa de Roma. Foi, por isso, chamada de "correio a serviço de um Grande Senhor".

Transmite ao povo palavras proféticas, que ouve das elevadas esferas espirituais. Chega a anunciar catástrofes para a sua pátria e suas predições vieram a cumprir-se. No processo de canonização, Petrus Olai, seu confessor e que muitas vezes funcionou como seu secretário, relata que quando Fru Brigitta se estabeleceu em Alvastra (Suécia), no ano de 1346, “aconteceu que Deus lhe concedeu em grande abundância visões e divinas revelações; não enquanto ela dormia, mas em vigília, quando orava. O corpo permanecia como sempre, mas ela era arrebatada em êxtase, fora dos sentidos”. Era Petrus Olai que escrevia os ditados transcendentais, ou noutras palavras, as mensagens mediúnicas e as traduzia para o latim (“...cominciò Petrus Olai a scrivere e a tradurre tutte le visioni e rivelazioni...”).

Inúmeros são os casos, narrados por Joergensen, de aparições de santos a Brígida de Vadstena. Limitar-nos-emos a alguns.

A nossa vidente orava, um dia, na Igreja de S. Maria Maio, em Roma, quando se sentiu arrebatada, em êxtase, e contemplou o Espírito da Santa Mãe de Jesus, que a esclareceu sobre dúvidas íntimas e muito a confortou. Quando Brígida, humilde que era, duvidou, certa vez, de sua própria missão, idêntico auxílio do Alto lhe veio pela palavra de João Batista, o Precursor, palavra que foi continuada, no mesmo momento, pelo auxílio de Maria, que novamente lhe levantou o ânimo, para o cumprimento de sua nobre tarefa espiritual.

O Espírito de João Evangelista já lhe aparecera, certa vez, na Suécia, elucidando-a a respeito de idéias correntes sobre a iminente vinda do Anticristo. Dissera-lhe o Apóstolo, na visão: “Não sabemos nem o tempo nem a hora”. Brígida disse se recordou – das palavras do Espírito de João – quando mais tarde, em Roma, um monge, um “saccus verborum”, lhe queria impingir idéias também sobre imminente aparição do Anticristo no mundo.

Também, numa Igreja que lhe era dedicada em Roma, apareceu a Brígida o Espírito de São Lourenço, o valoroso mártir do século III.

Outra aparição, em Roma, foi a do Espírito de São Francisco de Assis. Numa Igreja a ele dedicada, no Trastevere, no dia 4 de outubro de 1351, Brígida vê e ouve o Espírito do Poverello, que lhe fala com especial carinho. Meses depois, a Santa, em companhia de sua filha Karin (Catarina) e outros peregrinos se dirige a Assis. Joergensen descreve as impressões da vidente sueca ao chegar ao humilde santuário de Francisco. Traduzimos apenas o seguinte trecho: Sobre o altar não havia nenhum quadro, mas estava São Francisco em pessoa. Dos estigmas de suas mãos, de seus pés e do lado, EMANAVAM RAIOS DOURADOS; e esses raios traspassaram o coração de Brígida: ‘Bem-vinda seja aqui, aonde te convidei. Mas existe uma morada que ainda é mais minha – a obediência...’

Idem – pág. 37

Analisaremos em seguida a mediunidade psicográfica na vida de Santa Brígida de Vadstena. Entre suas diversas faculdades mediúnicas, esta foi sem dúvida uma das mais notáveis.

Psicógrafa, no ambiente católico de seu tempo, sua potencialidade mediúnica muito se assemelha à de um médium espírita da atualidade. No seu processo de canonização, ela é chamada de “correio a serviço de um Grande Senhor”. E o foi realmente, pois recebeu do Mundo Espiritual, várias vezes, ordem explícita de escrever cartas a várias autoridades civis e religiosas, em sua pátria e fora dela. O fenômeno é legitimamente psicográfico. Assim, “com severas expressões”, escreve ao Papa Clemente VI, da parte do próprio Cristo, segundo ela admitia. Nós, espiritistas, preferimos aceitar, sem querer negar a possibilidade excepcional da comunicação direta com o Espírito de Jesus, que muitas vezes, tenha sido um intermediário de alta hierarquia o comunicante, em nome do Mestre Divino. De qualquer modo, o fenômeno da psicografia se repetiu, em inúmeras ocasiões, na vida de Santa Brígida. E na mesma ocasião, foram escritas mensagens dirigidas aos reis da França e da Inglaterra, visando por um fim à Guerra dos Cem Anos. Na verdade, nem o Papa, nem os monarcas atenderam aos apelos do Alto por intermédio da humilde servidora de Deus.

Interessante foi o processo de transmissão do livro mediúnicamente que Santa Brígida recebeu, o chamado livro das Revelações. Conta seu biógrafo que “em língua sueca, Brígida escreveu tudo aquilo que em cerca de uma hora lhe fora revelado e que havia permanecido em sua memória, como se cada palavra tivesse sido insculpida no mármore. O texto sueco é de catorze mil palavras e o latino (a tradução foi feita por Petrus Olai) de cerca de dezesseis mil.

Outro livro que Santa Brígida psicografou, foi o denominado Sermo Angelicus. Estava ela em Roma, por volta de 1350, hospedada num palácio que lhe fora oferecido temporariamente pelo Cardeal Hugo de Beaufort, irmão do Papa Clemente VI, e que na época residia em Avinhão. Foi na capela desse palácio que – como claramente se expressa Joergensen - , "Brígida, sob o ditado de um Anjo, escreveu o Sermo Angelicus". Páginas adiante o mesmo biógrafo repete a afirmativa: "Brígida escreveu o Sermo Angelicus sob o ditado de um Anjo".

Idem – pág. 39

SANTA MARGARIDA MARIA ALAÇOQUE

Ampla faculdade de clarividência possuiu Santa Margarida Maria Alacoque, a vidente de Paray-le-Monial.

O Padre J. Croiset, em seu Compêndio diz que Margarida Maria desde a infância via os Espíritos de Jesus e de Maria Santíssima, havendo sido por gratidão à Santa Mãe do Senhor, que a curara de uma paralisia, que acrescentou o nome de Maria ao seu nome de batismo, Margarida Alacoque.

Suas visões ela mesma descreve amplamente em sua autobiografia. "Minha Mãe Santíssima me disse amorosamente, para me consolar: 'Não temas coisa alguma; hás de ser minha verdadeira filha, e eu hei de ser sempre tua boa Mãe.

DOM BOSCO

Um dos mais notáveis fenômenos mediúnicos da vida de Dom João Bosco é o seu colóquio com o Espírito daquele que foi seu condiscípulo e íntimo amigo, uma nobilíssima alma, Luís Comollo. O fato foi testemunhado pela mãe do Santo, D. Margarida Bosco. O que não se pode saber ao certo - pelo silêncio que em torno do singular fenômeno fez Dom Bosco - é que se o acontecimento se limitou a simples clarividência, tão comum na vida do missionário italiano, ou se o Espírito de Luís Comollo se materializou e pôde, assim, conversar mais intimamente com seu amigo terreno. Esta última hipótese é bem plausível. De qualquer modo, entretanto, o fenômeno é extraordinário e quem o descreve é o ilustre Padre A. Auffray, no seu célebre Saint Jean Bosco, obra premiada pela Academia Francesa.

Seu melhor biógrafo cita este caso, após relatar o fato extraordinário da manifestação do Espírito de Comollo.

Idem – pág. 67

Na biografia da Santa Gemma Galgani se diz: "Gemma levava intensa vida interior. Jesus lhe aparecia, mas nunca aos olhos do corpo". Também testemunha de igual modo Santa Margarida Maria Alacoque, a vidente de Paray-le-Monial, em sua autobiografia: "Via-o e sentia-o junto de mim e ouvia-o muito melhor do que se fosse com os sentidos corporais, pelos quais me poderia distrair para me voltar para outra coisa".

Idem – pág. 27

Existe ainda um pequeno livro chamado O Manuscrito do Purgatório - impressionante e proveitosa revelação de uma Alma no Purgatório - formado por mensagens mediúnicas, de autoria de uma freira que desencarnara num convento da França, psicografado por outra freira no período de 1874 a 1890. O opúsculo tem o imprimatur da Igreja, foi traduzido para o português pelo Monsenhor Ascânio Brandão e publicado pelas Edições Paulinas. Nestas mensagens há relatos de zonas de sofrimento muito semelhantes às descritas por André Luiz em seus diversos livros, psicografados por Francisco Cândido Xavier. Há também afirmativas que sugerem a reencarnação, como a seguinte: "A terra é apenas uma passagem onde só se recebe um corpo que por sua vez há de voltar à terra".

Logo de início diz o manuscrito que aparição "é uma manifestação do outro mundo, de alguém que nos vem dizer o que lá se passa". E é o que ocorreu no caso citado com a freira, que era por todos do convento considerada santa, e também dotada de reto juízo, equilíbrio e de muito bom senso."

Idem – pág. 104

É imenso o rol dos Santos da Igreja, detentores da mediunidade curativa. Aqui está uma lista do Padre Rohrbacher:

S. Abrão, o Ermitão, curava os doentes. O Bem-aventurado André de Gallerani realizou curas maravilhosas. São Cutiberto, Bispo de lindisfarne, na Inglaterra, também realizou extraordinárias curas. Igualmente, São Yuríbio, espanhol, Arcebispo de Lima. O Bem-aventurado Tomasso, no século XIV, realizou curas admiráveis na Úmbria. São Ludigero, Bispo de Münster e contemporâneo de Carlos Magno, curou o cantor cego Bernlef, o Jovem, São Ruperto, primeiro Bispo de Salisburgo; São João do Egito; São Gontrão, rei da Borgonha e neto de Santa Clotilde; Santo Eustácio curaram cegos, portadores de várias enfermidades, possessos...

Afirma Frei Francisco de Jesus Maria Sarmiento, que Santa Genoveva restituiu a vista à sua Mãe, que repentinamente a havia perdido.

* * *

Entre as faculdades psíquicas de Santo Afonso de Ligório, era notável sua mediunidade curativa. Foram inúmeras - relata seu biógrafo, Pe. Montes - as curas efetuadas pelo missionário napolitano.

Certa vez, no Seminário de Nola, curou um cego: "Havia entre os visitantes um certo Miguel Brancia, que perdera a vista há longos anos, sem que os médicos e remédios lhe valessem. Brancia pediu a Afonso lhe fizesse o sinal da cruz na fronte. Fê-lo o bispo e imediatamente o cego deu um grito, aturdido pela luz. Recobrou a vista".

Profundamente edificante, muito além da notável mediunidade curativa de Santo Afonso, é sabermos que o missionário italiano nunca se envaideceu de seus reais poderes psíquicos. Não apenas os colocou a serviço do bem, em favor dos sofredores do mundo, mas não permitiu jamais que sombras de orgulho espiritual penetrassem seu espírito. Uma vez mais reconhecemos que *não é a mediunidade em si que engrandece o missionário da Luz no mundo, mas sim a nobreza espiritual do servidor de Deus a revelar-se em sua vida inteira*, inclusive na atividade mediúnica.

Idem – pág. 183

1.16. Mediunidade e enfermidades

MEDIUNIDADE E DOENÇA

Mediunidade não é doença nem leva à perturbação, pois é uma faculdade natural.

Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas, é por sua falta de equilíbrio emocional, por sua ignorância do que seja a mediunidade ou porque está sob a ação de espíritos maus.

Porque há quem não saiba se equilibrar no uso da mediunidade e por isso apresenta distúrbios, foi levantada a hipótese de ser a mediunidade um estado patológico, ou seja, de doença do médium.

Para esclarecimento do assunto, Allan Kardec indagou e os espíritos responderam:

"Será a faculdade mediúnica indício de um estado patológico qualquer, ou de um estado simplesmente anômalo?" (fora do normal)

"Anômalo, às vezes, porém, não patológico; há médiuns de saúde robusta; os doentes o são por outras causas." (de "O Livro dos Médiuns" - 2ª parte, Cap. XVIII).

Atualmente, as pesquisas no campo da Parapsicologia já evidenciaram o que o Espiritismo, há mais de cem anos, preconizava.

"Os fenômenos paranormais não são patológicos", afirma Robert Amadou (Parapsicologia, IV parte, Cap. IV, nº 5)

"Até hoje, nada indicou qualquer elo especial entre funções psicopatológicas e parapsicológicas", diz J. B. Rhine (Fenômenos e Psiquiatria, Pág. 40, Linhas 18 e 20).

MEDINIDADE E LOUCURA

"Poderia a mediunidade produzir a loucura?"

"Não mais do que qualquer outra coisa, desde que não haja predisposição para isso, em virtude de fraqueza cerebral. A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em germen; porém, existindo este, o bom senso está a dizer que se deve usar de cautela, sob todos os pontos de vista, porquanto qualquer abalo pode ser prejudicial". (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, Cap. XVIII)

Se o princípio predisponente da loucura existir, fácil é reconhecê-lo pelas condições psíquicas e mentais da pessoa.

Em muitos casos, porém, rotulado como doença mental, segundo os cânones científicos, o que há é simples perturbação espiritual que, tratada convenientemente, cede por completo. Em outros casos, a mediunidade não teve os cuidados necessários e gerou obsessões e possessões de curto, médio e longo curso, que somente uma assistência espiritual adequada e paciente poderá resolver.

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – 1º fascículo – Campinas/SP

- Certas pessoas consideram as idéias espíritas como capazes de perturbar as faculdades mentais, pelo que acham prudente deter-lhes a propagação.

- Deveis conhecer o provérbio: "Quem quer matar o cão - diz que o cão está danado".

Não é, portanto, estranhável que os inimigos do Espiritismo procurem agarrar-se a todos os pretextos; como este lhes pareceu próprio para despertar temores e suscetibilidades, empregam-no logo, conquanto não resista ao mais ligeiro exame. Ouvi, pois, a respeito dessa loucura, o raciocínio de um louco.

Todas as grandes preocupações do espírito podem ocasionar a loucura; as ciências, as artes, a religião mesmo, fornecem o seu contingente. A loucura provém de um certo estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento; estando o instrumento desorganizado, o pensamento fica alterado.

A loucura é, pois, um efeito consecutivo, cuja causa primária é uma predisposição orgânica, que torna o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões; e isto é tão real que encontrareis pessoas que pensam excessivamente e não ficam loucas, ao passo que outras enlouquecem sob o influxo da menor excitação.

Existindo uma predisposição para a loucura, toma esta o caráter de preocupação principal, que então se torna idéia fixa; esta poderá ser a dos Espíritos, num indivíduo que deles se tenha ocupado, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tivesse tornado um louco espírita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante.

O Que é o Espiritismo – Allan Kardec – pág. 111

“Não é a faculdade mediúnica que provoca a obsessão.”

- Os Espíritos sempre existiram, influenciando salutar ou perniciosamente a humanidade; não foram os médiuns ou os espíritas que os criaram.

- A faculdade mediúnica é apenas mais um meio de se manifestarem; na falta dela, o fazem por mil outras maneiras, mais ou menos ocultas.

- Através da prática mediúnica, os Espíritos que estavam agindo invisível, ocultamente, são revelados.

Graças ao Espiritismo e à prática mediúnica que ele apresenta, os encarnados ficam esclarecidos sobre a existência dos Espíritos e seu modo de agir, podendo se acautelarem e reagirem à sua influência.

De fato, a obsessão surge mesmo em pessoas que nunca conheceram nem praticaram o Espiritismo (já nos tempos bíblicos se apontavam obsediados).

Hoje em dia, observa-se que as forças trevas e sombrias, aproveitando a invigilância e a ignorância dos encarnados, desfecham verdadeiros assaltos sobre muita gente.

Mais do que nunca, os grupos espíritas são solicitados para tentar intervir nos casos de obsessão, no sentido de recuperar o equilíbrio e a saúde das pessoas.

Mas a obsessão “é um dos maiores escolhos da mediunidade e também um dos mais freqüentes.”

"Por isso não serão demais todos os esforços que se empreguem em combatê-la porquanto além dos inconvenientes que acarreta, é obstáculo absoluto à bondade e à veracidade das comunicações. A obsessão, de qualquer grau, sendo sempre efeito de algum constrangimento, e este não podendo jamais ser exercido por um bom Espírito, segue-se que toda comunicação dada por um médium obsediado é de origem suspeita e nenhuma confiança merece. Se nelas alguma coisa de bom se encontrar, guarde-se isto e rejeite-se tudo o que for simplesmente duvidoso". (Item 242/244 – Cap. XXIII – O Livro dos Espíritos)

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – 4º fascículo – Campinas/SP

2. Sonhos e premonições

2.1. O sono

É um fenômeno fisiológico pelo qual o corpo entra em repouso.

Nele se dá uma suspensão da vida ativa e de relação que possibilita se afrouxem os laços fluídicos que prendem o espírito à matéria.

Estando lassos os cordões fluídicos, o espírito pode afastar-se do corpo adormecido e:

- Recuperar suas faculdades espirituais (cuja ação a influência da matéria impedia ou limitava).
- Reconhecer-se como ser imortal e ver com clareza a finalidade de sua existência atual.
- Lembrar-se do passado (inclusive vidas anteriores) e prever acontecimentos.

Obs: A amplitude ou não dessas possibilidades é relativa ao grau de evolução do espírito.

O sono parece um pouco com a morte (desencarnação). Só que, nesta, o desligamento dos laços fluídicos é total, enquanto que, no sono, a emancipação é parcial.

No sono, os cordões fluídicos, mesmo lassos, continuam a possibilitar perfeita comunicação com o corpo; se for necessário o pronto retorno, o espírito tomará imediato conhecimento e regressará incontinentemente.

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – pág. 92 – Campinas/SP

2.2. Perispírito: União do espírito com o corpo

À face do Espiritismo, o ser humano é constituído por três elementos essenciais e diferenciados, com natureza, organização, estrutura, funções e finalidades distintas, interpenetrando-se mutuamente sem perderem a sua autonomia, formados de matérias sucessivamente mais rarefeitas e sutilizadas, constituindo um sistema solidário e harmônico:

1º - Corpo físico

2º - O perispírito

3º - O espírito

O Homem e seus Corpos – Anne Besant

O perispírito é o traço de união entre a vida corpórea e a vida espiritual. É por seu intermédio que o Espírito encarnado se acha em relação contínua com os desencarnados; é, em suma, por seu intermédio, que se operam no homem fenômenos especiais, cuja causa fundamental não se encontra na matéria tangível e que, por essa razão, parecem sobrenaturais.

A Gênese – Allan Kardec – pág. 288

2.3. Vivência do Espírito durante o sono

401. Durante o sono, a alma repousa como o corpo?

“Não, o espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. VIII

O espírito nunca está inativo. O sono, que repousa o corpo, é para o espírito, oportunidade de entrar em relação com o mundo espiritual, a fim de haurir orientação, conforto e forças para prosseguir com acerto em sua jornada terrena.

Emancipando-se parcialmente do corpo, cada espírito vai agir segundo seu estado evolutivo. Assim, varia a vivência do espírito durante o sono.

Inferiores - Presos que estão por interesses egoístas, materialistas, pouco se afastam do corpo ou do ambiente terreno; dão expansão aos seus instintos e tendências inferiores, junto aos espíritos com os quais se afinam.

Benévolos ou evoluídos - Vão a ambientes espirituais elevados, onde se instruem e trabalham, junto a entidades superiores e reencontram amigos e parentes desencarnados.

2.4. Importância do sono

O fato de passarmos um terço de nossa existência dormindo (8 das 24 horas do dia) indica a **importância**:

Do sono físico, ensejando repouso orgânico, liberação de toxinas etc.

Do sonho, para o equilíbrio:

- Psíquico (pessoas impedidas de sonhar sofrem perturbações graves).
- Espiritual (a vivência espiritual que desfrutamos enquanto o corpo dorme é como hora de visitas ou de tomar sol no pátio para o detento numa prisão).

Façamos, pois, um **preparo** para o nosso repouso diário:

- Orgânico (refeições leves, higiene, silêncio etc.).
- Mental (leituras, conversas, filmes, atividades comedidas, não afligentes ou desgastantes).
- Espiritual (leitura edificante, meditação, serenidade, perdão, prece).

Assim, nosso corpo e mente repousarão, enquanto em espírito teremos melhor oportunidade de alcançarmos a convivência com os espíritos bons e amigos.

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – pág. 94 – Campinas/SP

2.5. Emancipação da alma

Em certos estados, o espírito encarnado se emancipa parcialmente do corpo, passando a gozar de relativa liberdade, com diferentes percepções e manifestações.

Durante a emancipação parcial e conforme o grau dela, o corpo fica com suas funções diminuídas ou alteradas.

2.5.1. Desdobramento

É o nome que se dá ao fenômeno de exteriorização do perispírito.

No desdobramento:

- O Espírito, com o seu perispírito, se afasta do corpo.
- O perispírito continua ligado ao corpo por cordões fluídicos; isto permite ao espírito tomar conhecimento de tudo que se passa com o corpo e retornar instantaneamente, se necessário (inclusive em caso de ameaça física ou ferimento mortal).
- O corpo fica com as funções orgânicas reduzidas, mais ou menos inerte, conforme o grau de desdobramento.
- O perispírito é que manifesta a vida do espírito (ativa e inteligente), agindo com maior liberdade, tal como o perispírito dos desencarnados, podendo afastar-se a grandes distâncias do corpo.

O desdobramento pode ser:

- Consciente – se a pessoa guarda conhecimento do processo ocorrido.
- Inconsciente – se, ao retornar do desdobramento, a pessoa nada recorda.

OBS: há casos em que, durante o desdobramento, a pessoa relata o que está ocorrendo mas, ao despertar, de nada mais se lembra.

- Voluntário – se a própria pessoa o promove.

Há perigos, porém, para as pessoas inexperientes ou mal assistidas em promover o desdobramento, que só deve ser feito:

- Por quem esteja habilitado.
- Com objetivos elevados.

– Com a concordância e auxílio do mentor espiritual.

- Provocado – por outros agentes, encarnados ou desencarnados através de processos hipnóticos e magnéticos.

Os bons espíritos podem provocar o desdobramento ou auxiliá-lo sempre com finalidades superiores. É assim o caso de "Desdobramento em Serviço", relatado por André Luiz no Cap. II do livro "Domínios da Mediunidade", psicografado por Francisco Cândido Xavier.

Mas os espíritos obsessores também podem provocá-lo para produzir malefícios (obsessão ou possessão); os espíritos protetores nem sempre poderão impedir, se a vítima oferecer dependência, afinidade com o obsessor.

2.5.2. Letargia

É resultante da emancipação parcial do espírito.

Nela, o corpo perde temporariamente a sensibilidade e o movimento, há flacidez geral (tronco e membros) e diminuição do metabolismo e dos ritmos fisiológicos-orgânicos, ficando com todas as aparências da morte. Por isso é chamada também de morte aparente.

Mas as funções do corpo continuam a se executar, sua vitalidade não está aniquilada porém em estado latente (como na crisálida).

O sair deste estado faz o povo pensar em ressurreição. (Ex.: Lázaro).

2.5.3. Catalepsia

Também resulta da emancipação parcial do espírito.

Nela, também há perda temporária da sensibilidade e do movimento. Mas difere da letargia, porque há rigidez muscular, não atinge o corpo todo (não é geral), a inteligência pode se manifestar, não se confundindo nunca com a morte.

2.5.4. Sonambulismo

É outro dos estados de emancipação da alma.

No estado sonambúlico, o espírito está de posse de suas percepções e faculdades, que o corpo geralmente embota.

E poderá usar seu próprio corpo para certas ações, como movimentaria uma mesa ou outro objeto no fenômeno de efeitos físicos, ou movimentaria a mão do médium na psicografia mecânica.

2.5.5. Êxtase

É um sonambulismo mais apurado, o grau máximo da emancipação da alma.

Permite vivência maior no campo espiritual. O corpo fica somente com vida vegetativa, a um passo do desprendimento total.

Quando em êxtase, a pessoa pode ficar num estado de encantamento e exaltação prejudicial; é preciso, então, adverti-la e convidá-la ao retorno ao corpo.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Em estado de emancipação, qualquer que seja o seu grau, o espírito pode ter percepções, colher informações, observar fenômenos etc.

Entretanto, pela imperfeição da criatura humana, poderá enganar-se quanto ao que vê, não saber interpretar etc.

Por isso, nem tudo o que a pessoa disser nesses estados deve ser considerado como inteiramente digno de crédito. Há necessidade de analisar, como, por exemplo, certas profecias.

Há também a possibilidade de suceder que, nesse estado de emancipação, ela mergulhe no conhecimento de si mesma, nas suas idéias, experiências anteriores, etc. e enseje o fenômeno anímico (produção da própria alma), do qual falamos em aula anterior.

Conforme o grau de emancipação, o espírito encarnado pode até influenciar outros médiuns e dar comunicação.

LIVROS CONSULTADOS

Allan Kardec:

- O Livro dos Espíritos - 2ª parte - Cap. VIII;
- Obras Póstumas - 1ª parte - § 4º - Manifestações dos Espíritos;
- A Gênese - Cap. XIV (especialmente item 29);
- A Alma é Imortal - 1ª parte - Cap. IV.

"Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir aonde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades. Durante a encarnação, o Espírito jamais se acha completamente separado do corpo; qualquer que seja a distância a que se transporte, conserva-se preso sempre àquele por um laço fluídico que serve para fazê-lo voltar à prisão corpórea, desde que a sua presença ali se torne necessária. Esse laço só a morte o rompe."

Obras Póstumas – Allan Kardec – pág. 51, item 24

O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre.

Graças ao sono, os Espíritos encarnados estão sempre em relação com o mundo dos Espíritos. Por isso é que os Espíritos superiores assentem, sem grande repugnância, em encarnar entre vós. Quis Deus que, tendo de estar em contato com o vício, pudessem eles ir retemperar-se na fonte do bem, a fim de igualmente não falirem, quando se propõem a instruir os outros. O sono é a porta que Deus lhes abriu, para que possam ir ter com seus amigos do céu; é o recreio depois do trabalho, enquanto esperam a grande libertação, a libertação final, que os restituirá ao meio que lhes é próprio.

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Q. 402

Duas são as finalidades do sono: proporcionar ao corpo oportunidade de recuperar energias e libertar parcialmente nosso espírito, facultando-lhe novas experiências. Enquanto dormimos, nosso espírito pode afastar-se de nosso corpo, ficando preso a ele apenas por um laço fluídico.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rignonatti – pág. 11

2.6. Encontros com Encarnados e Desencarnados

414. Podem duas pessoas que se conhecem visitar-se durante o sono?

“Certo e muitos que julgam não se conhecerem costumam reunir-se e falar-se. Podes ter, sem que o suspeites, amigos em outro país. É tão habitual o fato de irdes encontrar-vos durante o sono, com amigos e parentes, com os que conheceis e que vos podem ser úteis, que quase todas as noites fazeis essas visitas.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. VIII

A seu turno, é muito comum indivíduo que se conhecem e ainda vivem no plano físico, visitarem-se durante o sono; e há casos em que um deles encontrando-se acordado, têm a visão do outro na sua forma perispiritual, cópia autêntica do corpo físico, dirigindo-lhe palavra com toda a naturalidade.

Revista Espírita – nº 1 – Goiânia – pág. 6

Não somente com os desencarnados podemos nos relacionar espiritualmente, enquanto o corpo dorme.

Também podemos visitar criaturas encarnadas e com elas convivermos, de maneira superior ou inferior, conforme sejam o grau de evolução, propósitos e anseios, nossos e deles.

Revista Espírita – nº 1 – Goiânia – pág. 6

No livro "Os Mensageiros" - Cap. XXXVII - André Luiz, referindo-se aos encontros que se dão durante o sono, acrescenta: "Estas ocorrências, nos círculos da crosta, dão-se aos milhares, todas as noites. Com a maioria de irmãos encarnados, o sonho apenas reflete perturbações fisiológicas ou sentimentais a que se entregam; entretanto, existe grande número de pessoas que com mais ou menos precisão, estão aptas a desenvolver este intercâmbio espiritual."

Vivemos atualmente na carne, com perda de mais de um terço de nossa vida consciente, que escapa assim ao nosso controle, nas brumas do esquecimento do sono.

O problema está, pois, em obtermos aos poucos esse domínio, vivendo conscientemente, tanto de dia como de noite, na vigília como no sono para que a luz da verdade triunfe das sombras da morte, e para que a vida realmente seja eterna.

Estas faculdades de lucidez, tão belas e tão úteis, abrem ao médium educado e consciente, um mundo extraordinário de conhecimentos e revelações espirituais. Transformam o homem em um ser diferente, visto que possui o poder de, mesmo quando encarnado, viver nos dois mundos. Rasgam-se para ele ilimitados horizontes que abarcam muito do universo e lhe permitirão compreender muitas das grandezas da criação divina.

Mas é preciso educação e desenvolvimento metódico e progressivo, o que só se torna possível quando o Espírito está em condições de mérito próprio, quando é digno e pode merecer a colaboração preciosa e indispensável de assistentes espirituais competentes.

Não havendo mediunidade-tarefa, nenhum processo material ou artificial dará resultado se, do ponto de vista moral, ou segundo as necessidades de sua própria evolução, o indivíduo não for digno.

Mediunidade – Edgard Armond – pág. 71

2.7. Posição do Espírito encarnado durante o sono

Uma vez que o sono nos liberta parcialmente da matéria, abrindo-nos as portas do mundo espiritual, é importante que aproveitemos bem estas horas de liberdade.

Vejamos em quais posições pode colocar-se o espírito, nas horas em que seu corpo dorme.

Há espíritos que, parcialmente libertos do corpo pelo sono, conservam toda a lucidez; compreendem que estão no mundo espiritual e dedicam estas horas e estudos para trabalhos espirituais; assim ganham tempo, porque quando desencarnarem encontrarão prontos esses trabalhos.

Outros espíritos continuam durante o sono a tratarem de seus negócios e a preocuparem-se com seus problemas materiais, exatamente como quando acordados. Esses espíritos em nada se beneficiam dos momentos de liberdade espiritual que o sono lhes concede.

Alguns espíritos ficam perturbados, sonolentos e não se afastam do pé do leito onde repousam seus corpos.

Enfim, há espíritos que dão azo a seus instintos baixos e procuram os lugares do vício e mesmo do crime.

O sono favorece o encontro dos espíritos encarnados com os desencarnados. Assim o encarnado pode encontrar-se com seus entes queridos já desencarnados, de cujo encontro lhe advém grande consolo.

Os doentes que sofrem sem esperanças de cura para seus corpos e muitas vezes segregados do convívio de seus familiares, nas horas de sono haurem forças para suportar seus padecimentos com paciência e resignação.

Os encarcerados, enquanto seus corpos dormem, podem perfeitamente procurar a companhia de espíritos mais elevados, os quais lhes ensinarão os meios de se regenerarem e corrigirem seus erros; desse modo ganharão tempo, pois que, verificarão mais tarde terem executado grande parte do trabalho regenerativo.

A nós, espíritos encarnados desejosos do progresso espiritual, o sono concede excelentes oportunidades. Instrutores espirituais mantêm escolas onde congregam, todas as noites, um número considerável de espíritos encarnados semilibertos pelo sono, e lhes ministram lições, ensinamentos e conselhos.

2.8. Preparar-se para bem dormir

É útil que nós nos preparemos para bem dormir. Um bom sono concede maior liberdade ao nosso espírito, permitindo-nos aproveitar melhor nossa estada no mundo espiritual.

Para termos um bom sono, isto é, um sono que ajude o nosso espírito desprender-se com facilidade do corpo, é preciso que prestemos atenção no seguinte: o mal e os vícios seguram o espírito preso à Terra. E quem se entregar ao mal e aos vícios durante o dia, embora seu corpo durma à noite, seu espírito não terá forças para subir e ficará perambulando por aqui, correndo o risco de ser arrastado por outros espíritos viciosos e perversos.

A excessiva preocupação com os negócios materiais também dificulta o espírito a desprender-se da Terra e mesmo enquanto o corpo dorme, continua o espírito a pensar exclusivamente em seus problemas materiais, alheio ao proveito espiritual que poderia conseguir naquelas horas de liberdade.

O bem e a virtude nos levarão, através do sono, às colônias espirituais onde fruirmos a companhia de mentores elevados; receberemos bom ânimo para a luta diária; ouviremos lições enobrecedoras e poderemos dedicar-nos a ótimos trabalhos.

Compreendemos agora que é de grande valia a maneira pela qual passaremos o dia; cultivemos bons pensamentos, falemos boas palavras e pratiquemos bons atos; cumpramos rigorosamente nossos

deveres; não alimentemos ambições excessivas, nem desejos de realização difícil; evitemos a ira, o rancor, o ódio, a maledicência; conservemo-nos tranquilos, cheios de confiança na Providência Divina. E assim preparados, contentes, iremos à noite ao mundo espiritual. E de manhã, ao retomarmos nosso veículo físico, elevemos ao Senhor nossa prece agradecida pela noite que nos concedeu de repouso ao nosso corpo e de liberdade ao nosso espírito.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rignonatti – pág. 12

2.9. Os sonhos

Pobres homens, que mal conheceis os mais vulgares fenômenos da vida! Julgais-vos muito sábios e as coisas mais mezinhas vos confundem. Nada sabeis responder a estas perguntas que todas as crianças formulam: que fazemos quando dormimos? Que são os sonhos?

O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. Notai, porém, que nem sempre sonhais. Que quer isso dizer? Que nem sempre vos lembrais do que visteis, ou de tudo o que haveis visto, enquanto dormíeis. É que não tendes então a alma no pleno desenvolvimento de suas faculdades. Muitas vezes, apenas vos fica a lembrança da perturbação que o vosso Espírito experimenta à sua partida ou no seu regresso, acrescida da que resulta do que fizestes ou do que vos preocupa quando despertados. A não ser assim, como explicaríeis os sonhos absurdos, que tanto os sábios, quanto as mais humildes e simples criaturas têm? Acontece também que os maus Espíritos se aproveitam dos sonhos para atormentar as almas fracas e pusilânimes.

“Os sonhos são efeito da emancipação da alma, que mais independente se torna pela suspensão da vida ativa e de relação. Daí uma espécie de clarividência indefinida que se alonga até aos mais afastados lugares e até mesmo a outros mundos. Daí também a lembrança que traz à memória acontecimentos da precedente existência ou das existências anteriores. As singulares imagens do que se passa ou se passou em mundos desconhecidos, entremeados de coisas do mundo atual, é que formam esses conjuntos estranhos e confusos, que nenhum sentido ou ligação parecem ter.

A incoerência dos sonhos ainda se explica pelas lacunas que apresenta a recordação incompleta que conservamos do que nos apareceu quando sonhávamos. É como se a uma narração se truncassem frases ou trechos ao acaso. Reunidos depois, os fragmentos restantes nenhuma significação racional teriam.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Q. 402

Há sonhos que são apenas um processo físico-psíquico e outros que são sonhos espíritos.

No primeiro caso, o sonho:

- Retrata condições orgânicas (perturbações circulatórias, digestivas, ruídos ambientes, calor, frio, etc.). Às vezes, ajudam a detectar enfermidades de que conscientemente não nos apercebemos.
- Ou revela criações mentais nossas (subconsciente), com base no que houver afetado a nossa mente na vigília (pensamentos, impressões, anseios, temores, etc.). Podem ajudar a interpretar nosso mundo psíquico.

Já o sonho espírita é o resultado da vivência do espírito no mundo espiritual, enquanto o corpo dormia; é a lembrança do que ele viu, sentiu ou fez durante a emancipação parcial.

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – pág. 94 – Campinas/SP

2.10. A lembrança dos sonhos

Pergunta-se com frequência: Por quê razão as pessoas, via de regra, não se recordam dos sonhos?

Acontece que o corpo, vestimenta do espírito, é composto de uma matéria pesada e grosseira que dificulta a conservação das impressões que o ser inteligente recebeu através do seu perispírito e não por intermédio dos órgãos corporais.

Revista Espírita – nº 1 – Goiânia – pág. 6

Sabemos que nem tudo de nossa estada no plano espiritual por meio do sono, fica esquecido ao acordarmos. Frequentemente trazemos de lá imagens, cenas, fatos e idéias que formam aquilo a que denominamos sonhos. O sonho é, por conseguinte, um reflexo fragmentário de nossa vida fora do corpo e fixamo-lo por analogia, por símbolos e por intuições.

Entretanto, para que sonhemos, isto é, para que lembremo-nos de qualquer fato que presenciamos no plano espiritual, é necessário que tal fato nos tenha impressionado fortemente a fim de que nosso espírito possa conservá-lo na mente, ainda quando envolto na matéria.

ANALOGIA

Quando o espírito semi-liberto do corpo pelo sono observa uma cena, um acontecimento, ou nele toma parte, ao voltar para o corpo trazendo a lembrança, traduz o que viu por imagens que lhe são familiares. Procede, nesse caso, como uma criança que ao descrever para um adulto um fato que presenciou, serve-se de sua reduzida compreensão infantil. Daí as descrições por vezes cômicas, absurdas, incompreensíveis, retorcidas que as crianças fazem. Elas viram o fato mas não possuem recursos para se expressarem convenientemente. Assim o espírito, ao regressar ao corpo, não tem possibilidades de se lembrar fielmente do que viu; e o pouco do que se recorda, que constitui o sonho propriamente dito, sofre a distorção do cérebro e é traduzido pelas imagens comuns ao estado de acordado. Por exemplo, a lembrança da rapidez com que o espírito se movimenta no espaço é reproduzida no cérebro por uma queda de grande altura. Se um inimigo desta ou de outras encarnações nos persegue em nossa semi-liberdade, parecer-nos-á que sonhamos termos sido perseguidos por alguém.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 12

O espírito, semi-liberto pelo sono, recebe impressões: vê, ouve, fala, age, move-se, usando de facilidades, tais como: maior visão, maior percepção mental, maior compreensão; por vezes, maior lembrança do passado, maior mobilidade; possibilidade de encontros com espíritos que conheceu em encarnações anteriores; assiste a cenas que se desenrolam em esferas espirituais próximas à Terra; vai a lugares aos quais só pode ter acesso como espírito e executa tarefas de seu interesse.

Contudo, ao regressarmos ao nosso corpo físico, esquecemos os nossos atos espirituais, ficando a nossa memória adormecida com relação à nossa vida de semi-liberdade. Isto se deve a que nosso corpo funciona como um redutor da capacidade perceptiva do espírito, particularmente o cérebro, em virtude de suas lentas e pequenas vibrações.

Para termos uma idéia aproximada da capacidade perceptiva do espírito, figuremos uma escala de percepções espirituais, graduada de zero a cem.

Quando acordados, isto é, inteiramente ligados ao corpo, nossa capacidade de percepção espiritual se reduz a zero; raros encarnados conseguem perceber alguma coisa do mundo espiritual que os cerca.

Quando semi-libertos do corpo pelo sono, nossas percepções espirituais se ampliam, variando na escala de um a noventa e nove, dependendo de nosso maior ou menor adiantamento espiritual.

E finalmente quando desencarnarmos e passarmos a viver definitivamente como espíritos, nossa percepção espiritual será completa.

De nossas atividades no mundo espiritual enquanto nosso corpo repousa, geram-se os sonhos, das quais são uma lembrança perfeita.

Nem sempre sonhamos, isto é, nem sempre guardamos a lembrança do que se passou conosco durante o sono. Isto porque ao reentrar no corpo, ficamos com nossa capacidade de percepção espiritual

reduzida a zero e, por conseguinte, não podemos lembrar-nos do que houve conosco, quando estávamos fora do corpo.

Os sonhos, cuja lembrança nítida guardamos, são raros; comumente nos ficam fragmentos deles e muitas vezes visões que não conseguimos compreender.

Para melhor compreensão dos sonhos e de seus fragmentos, agrupemos nosso comportamento como espíritos enquanto nosso corpo dorme, em oito categorias:

- 1ª - Conselhos que recebemos de nossos amigos espirituais.
- 2ª - Trabalhos enobrecedores que executamos no mundo espiritual.
- 3ª - Estudos, viagens.
- 4ª - Reuniões com amigos espirituais.
- 5ª - Encontro com inimigos espirituais, se os tivermos.
- 6ª - Continuação do trabalho material.

Considerável percentagem de encarnados, ao entregarem seu corpo físico ao repouso, continuam, sono a dentro, com suas preocupações materiais. Não aproveitam a oportunidade para se dedicarem um pouco à vida eterna do espírito.

- 7ª - Satisfação de baixas paixões e de vícios.
- 8ª - Estado de entorpecimento.

São comuns os encarnados cujos espíritos não se afastam do lado do corpo, enquanto este repousa; ficam entorpecidos junto ao leito, como que adormecidos também.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 14

Às vezes, nada lembramos dessa vivência espiritual, porque durante ela o cérebro físico não foi utilizado e depois, no retorno ao corpo, a matéria deste, pesada e grosseira, também não permitiu o registro das impressões trazidas pelo espírito.

Outras vezes lembramos apenas as impressões do que nosso espírito experimentou à saída ou no retorno ao corpo. Se essas lembranças se misturarem aos problemas fisio-psíquicos, tornam-se confusas, incoerentes.

Quando necessário, os bons espíritos, atuam magneticamente sobre nós para que, ao acordar, lembremos algo de maior importância tratado no mundo espiritual. Mesmo que não lembremos tudo perfeitamente, do que foi vivido durante o sono do corpo, ficará uma intuição, que nos sugere idéias, ações.

Os espíritos maus também podem fazer o mesmo se, pelo nosso modo de viver, tivermos concedido a eles essa ascendência sobre nós.

Estudos sobre Mediunidade – pág. 93

– Quando o Espírito se desliga do corpo, durante o sono, ele se recorda de existências passadas? Qual a sua experiência pessoal?

– Isso pode suceder muitas vezes, mas precisamos progredir ainda e muito, no campo das conquistas morais, para que um discernimento mais claro no assunto nos presida as observações. Pelo menos, é o que observo comigo mesmo.

– Por que os indivíduos sofrem limitação na lembrança das experiências que ocorrem durante o sono?

– Dizem os Amigos Espirituais que raros espíritos encarnados estão habilitados a guardar com proveito semelhantes recordações, de vez que as lembranças desse teor, na criatura despreparada para isso lhe criariam choques prejudiciais e desnecessários.

Entrevistas – Chico Xavier – pág. 102 e 121

2.11. Conhecimento do futuro - Premonições

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

868. Pode o futuro ser revelado ao homem?

“Em princípio, o futuro lhe é oculto e só em casos raros e excepcionais permite Deus que seja revelado.”

869. Com que fim o futuro se conserva oculto ao homem?

“Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria do presente e não obraria com a liberdade com que o faz, porque o dominaria a idéia de que, se uma coisa tem que acontecer, inútil será ocupar-se com ela, ou então procuraria obstar a que acontecesse. Não quis Deus que assim fosse, a fim de que cada um concorresse para a realização das coisas até daquelas a que desejaria opor-se. Assim é que tu mesmo preparas muitas vezes os acontecimentos que hão de sobrevir no curso da tua existência.”

870. Mas, se convém que o futuro permaneça oculto, por que permite Deus que seja revelado algumas vezes?

“Permite-o, quando o conhecimento prévio do futuro facilite a execução de uma coisa, em vez de a estorvar, obrigando o homem a agir diversamente do modo por que agiria, se lhe não fosse feita a revelação. Não raro, também é uma prova. A perspectiva de um acontecimento pode sugerir pensamentos mais ou menos bons. Se um homem vem a saber, por exemplo, que vai receber uma herança, com que não conta, pode dar-se que a revelação desse fato desperte nele o sentimento da cobiça, pela perspectiva de se lhe tornarem possíveis maiores gozos terrenos, pela ânsia de possuir mais depressa a herança, desejando talvez, para que tal se dê, a morte daquele de quem herdará. Ou, então, essa perspectiva lhe inspirará bons sentimentos e pensamentos generosos. Se a predição não se cumpre, aí está outra prova, consistente na maneira por que suportará a decepção. Nem por isso, entretanto, lhe caberá menos o mérito ou o demérito dos pensamentos bons ou maus que a crença na ocorrência daquele fato lhe fez nascer no íntimo.”

522. O pressentimento é sempre um aviso do Espírito protetor?

“É o conselho íntimo e oculto de um Espírito que vos quer bem. Também está na intuição da escolha que se haja feito. É a voz do instinto. Antes de encarnar, tem o Espírito conhecimento das fases principais de sua existência, isto é, do gênero das provas a que se submete. Tendo estas caráter assinalado, ele conserva, no seu foro íntimo, uma espécie de impressão de tais provas e esta impressão, que é a voz do instinto, fazendo-se ouvir quando lhe chega o momento de sofrê-las, se torna pressentimento.”

402. Como podemos julgar da liberdade do Espírito durante o sono?

“Pelos sonhos. Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode por-se em comunicação com os demais Espíritos, *quer deste mundo, quer do outro*. Dizes freqüentemente: tive um sonho extravagante, um sonho horrível, mas absolutamente inverossímil. Enganaste. É amiúde uma recordação dos lugares e das coisas que viste ou que verás em outra existência ou em outra ocasião. Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de investigar no passado ou no futuro.”

404. Que se deve pensar das significações atribuídas aos sonhos?

“Os sonhos não são verdadeiros como o entendem os leitores de buena-dicha, pois fora absurdo crer-se que sonhar com tal coisa anuncia tal outra. São verdadeiros no sentido de que apresentam imagens que para o Espírito têm realidade, porém que, freqüentemente, nenhuma relação guardam com o que se passa na vida corporal. São também, como atrás dissemos, um pressentimento do futuro, permitido por Deus, ou a visão do que no momento ocorre em outro lugar a que a alma se transporta. Não se contam por muitos os casos de pessoas que em sonho aparecem a seus parentes e amigos, a fim de avisá-los do que a elas está acontecendo? Que são essas aparições senão as almas ou Espíritos de tais pessoas a se comunicarem com entes caros? Quando tendes certeza de que o que vistes realmente se deu, não fica

provado que a imaginação nenhuma parte tomou na ocorrência, sobretudo se o que observastes não vos passava pela mente quando em vigília?”

405. Acontece com freqüência verem-se em sonho coisas que parecem um pressentimento, que, afinal, não se confirma. A que se deve atribuir isto?

“Pode suceder que tais pressentimentos venham a confirmar-se apenas para o Espírito. Quer dizer que este viu aquilo que desejava, foi ao seu encontro. É preciso não esquecer que, durante o sono, a alma está mais ou menos sob a influência da matéria e que, por conseguinte, nunca se liberta completamente de suas idéias terrenas, donde resulta que as preocupações do estado de vigília podem dar ao que se vê a aparência do que se deseja, ou do que se teme. A isto é que, em verdade, cabe chamar-se efeito da imaginação. Sempre que uma idéia nos preocupa fortemente, tudo o que vemos se nos mostra ligado a essa idéia.”

411. Estando desprendido da matéria e atuando como Espírito, sabe o Espírito encarnado qual será a época de sua morte?

“Acontece pressenti-la. Também sucede ter plena consciência dessa época, o que dá lugar a que, em estado de vigília, tenha a intuição do fato. Por isso é que algumas pessoas prevêm com grande exatidão a data em que virão a morrer.”

Em suma, dentro em pouco vereis vulgarizar-se outra espécie de sonhos. Conquanto tão antiga como a de que vimos falando, vós a desconheceis. Refiro-me aos sonhos de Joana, ao de Jacob, aos dos profetas judeus e aos de alguns adivinhos indianos. São recordações guardadas por almas que se desprendem quase inteiramente do corpo, recordações dessa segunda vida a que ainda há pouco aludíamos. (402)

É nas propriedades e nas irradiações do fluido perispíritico que se tem de procurar a causa da *dupla vista*, ou *vista espiritual*, a que também se pode chamar vista psíquica, da qual muitas pessoas são dotadas, freqüentemente a seu mau grado, assim como da vista sonambúlica.

O perispírito é o *órgão sensitivo* do Espírito, por meio do qual este percebe coisas espirituais que escapam aos sentidos corpóreos. Pelos órgãos do corpo, a visão, a audição e as diversas sensações são localizadas e limitadas à percepção das coisas materiais; pelo sentido espiritual, ou *psíquico*, elas se generalizam: o Espírito vê, ouve e sente, por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispíritico.

No homem, tais fenômenos constituem a manifestação da vida espiritual; é a alma a atuar fora do organismo. Na dupla vista ou percepção pelo sentido psíquico, ele não vê com os olhos do corpo, embora, muitas vezes, por hábito, dirija o olhar para o ponto que lhe chama a atenção. Vê com os olhos da alma e a prova está em que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e vê o que está muito além do alcance do raio visual. Lê o pensamento figurado no raio fluídico.

A Gênese – Allan Kardec – cap. XIV – item 22

2.12. Os erros de profecia

Necessariamente incompleta e imperfeita é a vista espiritual nos Espíritos encarnados e, por conseguinte, sujeita a aberrações. Tendo por sede a própria alma, o estado desta há de influir nas percepções que aquela vista faculte. Segundo o grau de desenvolvimento, as circunstâncias e o estado moral do indivíduo, pode ela dar, quer durante o sono, quer no estado de vigília.

A Gênese – Allan Kardec – cap. XIV – item 27

Se o espaço-tempo não fosse curvo, profetizar seria, a rigor, inviável; entretanto, raios mentais de grande potência podem tocar em registros magnéticos do passado, ainda persistentes, ou em projeções

ideais do futuro, resultantes de mentalizações concentradas, provocando processos de reflexão tecnicamente semelhante à que é detectada pelo radar.

As mentalizações ideais que constroem o futuro são, porém, incessantemente emitidas e sempre diferenciadas, podendo dar-se, em razão disso, que algumas concentrações delas, eventualmente percebidas por mentes encarnadas ou desencarnadas, não correspondam aos fatos, quando estes realmente ocorrem, explicando-se, desse modo, os erros de profecia.

Universo e Vida – Áureo – pág. 82

2.13. Premonição é mediunidade?

Na verdade, a potencialidade mediúcnica nunca permanece letárgica. Pelo contrário, ela se atualiza com mais freqüência do que supomos, passa de potência a ato em diversos momentos da vida, através de pressentimentos, previsões de acontecimentos simples, como o encontro de um amigo há muito ausente, percepções extrasensoriais que atribuímos à imaginação ou à lembrança e assim por diante. Vivemos mediunicamente, entre dois mundos e em relação permanente com entidades espirituais. Durante o sono, como Kardec provou através de pesquisas ao longo de mais de dez anos, desprendemo-nos do corpo que repousa e passamos ao plano espiritual. Nos momentos de ausência psíquica de distração, de cochilo, distanciamos-nos do corpo rapidamente e a ele retornamos como o pássaro que voa e volta ao ninho. A Psicologia procura explicar esses lapsos fisiologicamente, mas as reações orgânicas a que atribui o fato não são causa e sim efeito de um ato mediúcnico de afastamento do Espírito. Os estudos de Hipnotismo comprovam isso, mostrando que a hipnose interfere constantemente em nossa vigília, fazendo-nos dormir em pé e sonhar acordados, como geralmente se diz. A busca científica de uma essência orgânica da mediunidade nunca deu nem dará resultados. Porque a mediunidade tem sua essência na liberdade do espírito.

Mediunidade – J. Herculano Pires – pág. 14

Há sido objeto de muita meditação, por parte dos estudiosos dos acontecimentos psíquicos transcendentais, os curiosos fenômenos de premonições, pressentimentos e mesmo os de profecia. Freqüentemente, cada um de nós é avisado, pelos protetores espirituais, durante o sono natural ou provocado, de fatos que mais tarde se realizam integralmente, tais como foram vistos durante aqueles transe. Dar-se-á então o caso de que os sucessos da existência sejam estabelecidos fatalmente, por um programa preestabelecido no Além, programa que nós mesmos, os humanos, podemos ver e analisar contemplando a sua, por assim dizer, maquete espiritual, durante um sonho, e, assim, avisados do que acontecerá?

É possível que, de algum modo, seja assim. Os fatos capitais da existência humana: provações, testemunhos, reparações, etc., foram delineados, com efeito, até certo limite, como o revela a Doutrina Espírita, antes da reencarnação, co-participamos da elaboração do programa que deveremos viver na Terra, e, portanto, a ciência de certos acontecimentos a se desenrolarem em torno de nós, ou conosco, ficará arquivada em nossa consciência profunda, ou subconsciência. Durante a vigília ou vida normal de relação, tudo jazerá esquecido, calcado nas profundidades da nossa alma. Mas, advindo a relativa liberdade motivada pelo sono, poderemos lembrar-nos de muita coisa e os fatos a se realizarem em futuro próximo serão vistos com maior ou menor clareza, e, ao despertarmos, teremos sonhado o que então virá a ser considerado o aviso ou a premonição.

É evidente que tais possibilidades derivam de uma faculdade psíquica que possuímos, espécie de mediunidade, pois a premonição não existe no mesmo grau em todas as criaturas, embora seja disposição comum a qualquer ser humano, a qual, se bem desenvolvida, poderá conceder importantes revelações e provas do intercâmbio humano-espiritual, tais como as profecias de caráter geral, a se cumprirem futuramente, ou mesmo de caráter restrito ao próprio indivíduo e a outro que lhe seja afim. Alguns casos de premonições pelo sonho parecem mesmo tratar-se da interessante e bela faculdade denominada "onírica" (mediunidade pelo sonho), tão citada na Bíblia e tão comum ainda hoje. Em importantes obras espíritas de absoluto critério vemos esse fenômeno investigado, estudado e descrito por eminentes pesquisadores dos

fatos relacionados com a alma humana e suas forças de ação. Os fatos modernos de premonições já não poderão causar sensação, embora continuem despertando interesse, e apenas vêm para testemunhar os poderes espirituais que conosco carregamos e as relações com o mundo dos Espíritos desencarnados.

Recordações da Mediunidade – Yvonne A. Pereira – pág. 152

2.14. Sonhos e premonições através dos tempos

Desde o princípio, o Cristianismo é uma religião repleta de visões e de revelações como podemos constatar, através de alguns exemplos dentre tantos:

2.14.1. No Velho Testamento

PROFECIA DE BALAÃO

O rei de Moab conduziu o mago ao cimo de uma elevação donde se viam os vastos acampamentos de Israel. Balão fez erigir altares para oferecer sacrifícios; depois, inspirado por Deus, em vez de amaldiçoar os hebreus, abençoou-os e disse: "Uma estrela sairá de Jacó! Um cetro surgirá de Israel e derrotará todos os seus inimigos.". Essa profecia é uma clara alusão ao futuro Messias, cujo nascimento seria anunciado por uma estrela.



A Bíblia em Quadrinhos – Edições Paulinas – pág. 53

2.14.2. No Novo Testamento

PROFECIA DE SIMEÃO

Havia em Jerusalém certo Simão, homem bom e piedoso, a quem o Espírito Santo tinha revelado que não haveria de morrer antes de ter visto o Messias. Foi, pois, ao Templo, e tendo visto o menino, tomou-o nos braços e ergueu a Deus um hino de agradecimento, dizendo: "Agora, Senhor, deixa partir em paz o teu servo, porque os meus olhos viram o teu Salvador, a luz que ilumina as gentes e a glória do povo de Israel".



A Bíblia em Quadrinhos – Edições Paulinas – pág. 199

2.14.3. O sonho de José

O Senhor, contudo, não permitiu que o seu Filho caísse sob a espada do tirano e mandou um anjo avisar em sonho a José: "Levanta-te - disse-lhe o mensageiro celeste - toma o menino e sua mãe e vai para o Egito e fica lá até que eu de novo te avise, porque Herodes está procurando o menino para o matar". José, tendo acordado Maria, de noite mesmo pôs-se em viagem para o Egito, permanecendo lá até à morte do tirano.



A Bíblia em Quadrinhos – Edições Paulinas – pág. 201

2.14.4. Em nossos dias - Premonições dos Santos

Fenômenos premonitórios vários se manifestaram na vida de inúmeros santos da Igreja Católica como: Santo Antônio de Pádua, Santa Margarida, Santa Clara, São João Bosco, Santa Brígida, Santa Tereza e outros. Como destaque, temos alguns fenômenos premonitórios da vida de São João Bosco:

Na vida de São João Bosco os fenômenos premonitórios se manifestam desde a infância, quando o menino João se empregou num sítio da família Moglia, em Castelnuovo. Foram várias as suas predições que se cumpriram com exatidão. Mais tarde, já estudante, vindo visitar sua antiga patroa, encontra-a gravemente enferma, a queixar-se de que "sua hora chegara". O jovem João despersuade-a com estas palavras:

- "Tenha coragem, patroa, e esteja sempre de bom humor, que viverá até aos noventa anos".

E realmente - conta Chiavarino - ela sobreviveu ao próprio Dom Bosco, vindo a falecer com noventa e um anos. E era chamada "a velhinha de Dom bosco".

Antes de 1870, quando se completou a unificação da Itália, Dom Bosco havia previsto os acontecimentos políticos resultantes do "Risorgimento" e suas implicações com a Igreja Romana. Chamado pelo Papa, a quem escrevera sobre o assunto, São João Bosco anunciou a Pio IX os acontecimentos que realmente se verificaram em futuro próximo: "anunciou - conta o Padre Luís Chiavarino - a terrível batalha entre a França e a Prússia; predisse que as tropas de Napoleão seriam retiradas de Roma; falou da queda do Império Francês e das grandes catástrofes que se desencadeariam sobre a França..."

Perguntou ainda ao Papa se poderia prosseguir com suas revelações. Mas, Pio IX, comovidíssimo com as predições, pediu-lhe que não continuasse...

Mediunidade dos Santos – Clóvis Tavares – pág. 163

Léon Denis, por exemplo, o eminente colaborador de Allan Kardec, tantas vezes por nós citado nestas páginas, a cuja dedicação à Doutrina Espírita tantas belas e elucidativas lições devemos, no seu importante livro "No Invisível", oferece-nos excelentes casos desse fenômeno, casos rigorosamente comprovados pelos acontecimentos posteriores e decorridos com personagens importantes da História. Transcreve ele valiosas citações de outros autores, no capítulo XIII - "Sonhos premonitórios, Clarividência, Presentimentos":

- Nos sonhos são com freqüência registrados fenômenos de premonição, isto é, comprova-se a faculdade, que possuem certos sensitivos, de perceber, durante o sono, as coisas futuras. São abundantes os exemplos históricos:

- Plutarco (Vida de Júlio César) faz menção do sonho premonitório de Calpúrnia, mulher de César. Ela presenciou durante a noite a conjuração de Brútu e Cássius e o assassinio de César, e fez todo o possível por impedir este de ir ao Senado.

Pode-se também ver em Cícero (De Divinatione, I, 27) o sonho de Simonides; em Valério Máximo (VII, § I, 8) o sonho premonitório de Atério Rufo e (VII, § I, 4) o do rei Creso, anunciando-lhe a morte de seu filho Athys.

Em seus *comentários*, refere Montlue que assistiu, em sonho, na véspera do acontecimento, à morte do Rei Henrique II (da França), traspassado por um golpe de lança, que num torneio lhe vibrou Montgomery.

Sully, em suas *Memórias* (VII, 383), afirma que Henrique IV (da França) tinha o pressentimento de que seria assassinado em uma carruagem.

Fatos mais recentes, registrados em grande número, podem ser comprobatariamente mencionados:

Abraão Lincoln sonhou que se achava em uma calma silenciosa, como de morte, unicamente perturbada por soluços; levantou-se, percorreu várias salas e viu, finalmente, ao centro de uma delas, um catafalco em que jazia um corpo vestido de preto, guardado por soldados e rodeado de uma multidão em prantos. "Quem morreu na Casa Branca?" - perguntou Lincoln. - "O presidente!" - respondeu um soldado; - "foi assassinado!". Nesse momento uma prolongada aclamação do povo o despertou. Pouco tempo depois morria ele assassinado.

Prosseguindo nas interessantes relações dos fenômenos aqui citados, Léon Denis lembra ainda um dos mais importantes, referido pelo astrônomo Camilo Flammarion em seu livro "O Desconhecido e os Problemas Psíquicos". O sensitivo aqui é o Sr. Bérard, antigo magistrado e deputado:

- Obrigado pelo cansaço, durante uma viagem, a pernoitar em péssima estalagem situada entre montanhas selváticas, ele (Sr. Bérard) presenciou, em sonhos, todos os detalhes de um assassinio que havia de ser cometido, três anos mais tarde, no quarto que ocupava, e de que foi vítima o advogado Vitor Arnaud. Graças à lembrança desse sonho é que o Sr. Bérard fez descobrir os assassinos.

Cita também o caso romântico de "Uma jovem irmã de caridade (Nièvre) que viu em sonho o rapaz, para ela desconhecido, com quem depois se havia de casar. Graças a esse sonho, ela tornou-se Mme. De la Bédollière".

Recordações da Mediunidade – Yvonne A. Pereira – pág. 153

2.15. Premonições: Os vários processos

Existem vários processos pelos quais o homem poderá ser informado de um ou outro acontecimento futuro importante da sua vida. Comumente, se ele fez jus a essa advertência, ou lembrete, pois isso implica certo mérito, ou ainda certo desenvolvimento psíquico, de quem o recebe, é um amigo do Além, um parente, o seu Espírito familiar ou o próprio Guardião Maior que lhe comunicam o fato a realizar-se, preparando-o para o evento, que geralmente é grave, doloroso, fazendo-se sempre em linguagem encenada, ou figurada, como de uso no Invisível, e daí o que chamais "avisos pelo sonho", ou seja, sonhos premonitórios. De outras vezes, é o próprio indivíduo que, recordando os acontecimentos que lhe serviriam de testemunhos reparadores, perante a lei da criação, delineados no mundo Espiritual às vésperas da reencarnação, os vê tais como acontecerão, assim os casos de morte, sua própria ou de pessoas da família, desastres, dores morais, etc., etc. E os seus protetores espirituais, que igualmente conhecem o programa de peripécias do pupilo, delineado no evento da reencarnação, com mais razão o advertirão no momento necessário, seja através do sonho ou intuitivamente. Pode acontecer que, num caso de traição de amor, por exemplo, provação que tanto fere os corações sensíveis e dedicados, e nos casos de deslealdade de um amigo, etc., o paciente, durante o sono, penetre a aura do outro, por quem se interessa,

e aí descubra as suas intenções, lendo-lhe os pensamentos e os atos já realizados mentalmente, como num livro aberto ilustrado, tal a linguagem espiritual, e então verá o que o outro pretende concretizar em seu desfavor, como se fora a realização de um sonho, pois tudo foi habilmente gravado em sua consciência e as imagens fotografadas em seu cérebro, permitindo a lembrança ao despertar, não obstante empalidecidas. Futuramente o fato será realizado objetivamente e aí está o aviso...

De outro modo, seguindo a corrente espiritual das ações de uma pessoa encarnada, por deduções um amigo da espiritualidade se científicará de um acontecimento que mais tarde se efetivará com precisão. Ele poderá comunicar o acontecimento ao seu amigo terreno e o fará de modo sutil, em sonho ou pressentimento. O estudo da lei de causa e efeito é matemática, infalível, concreta, para a observação das entidades espirituais de ordem elevada, e, assim sendo, ele se comunicará com o seu pupilo terreno através da intuição, do pressentimento, da premonição, do sonho, etc.. O estudo da matemática de causa e efeito é mesmo indispensável, como que obrigatório, às entidades prepostas à carreira transcendente de guardiães, ou guias espirituais. Estudo profundo, científico, que se ampliará até prever o futuro remoto da própria Humanidade e dos acontecimentos a se realizarem no globo terráqueo, como hecatombes físicas ou morais, guerras, fatos célebres, etc., daí então advindo a possibilidade das profecias quando o sensitivo, altamente dotado de poderes supra-normais, comportar o peso da transmissão fiel aos seus contemporâneos.

Recordações da Mediunidade – Yvonne A. Pereira – pág. 156

2.16. Os símbolos

É comum o sonho traduzir-se por símbolos que não conseguimos entender, a não ser quando se dê o acontecimento com o qual o símbolo tem relação. Temos amigos espirituais no espaço que se interessam por nós. Quando esses amigos julgam oportuno dar-nos um conselho ou advertir-nos de que, possivelmente, enfrentaremos situações difíceis ou desagradáveis para as quais devemos estar preparados, recorrem eles, comumente aos símbolos. Caso se limitassem a falar-nos em nosso estado de semiliberdade, ao voltarmos ao nosso corpo físico não nos lembraríamos de suas palavras; ou se nos lembrássemos, seriam fragmentos sem significação. Assim, por meio de símbolos que lhes traduzam o pensamento, procuram impressionar-nos fortemente. Nosso espírito, embora no corpo físico, geralmente consegue recordar-se da forte impressão recebida. Para conseguir isso, o amigo espiritual que nos quer avisar, à medida que nos vai falando, vai formando em pensamento uma imagem que é refletida em nossa mente. Ao acordarmos, trazemos conosco aquele quadro simbólico, o qual nos intriga, por não o compreendermos no momento; isso só se dará quando acontecer o fato relacionado com ele.

Vejamos alguns exemplos que ilustram o que acabamos de expor: Uma pessoa sonhou certa vez que contemplava um rochedo. Eis que a terra tremeu e o rochedo reduziu-se a pó. Envolvendo-a a poeira a ponto de parecer sufocá-la, o medo começou a apossar-se dessa pessoa, quando ouviu uma voz que lhe dizia encorajadoramente: - Sê forte.

Acordou e como de pronto não compreendesse o significado do sonho, não lhe deu maior importância.

Algum tempo depois, essa pessoa sofreu um desastre financeiro; voltou uma tarde para casa carregada de sombrios pensamentos; trancou-se no quarto e, sentada ao pé da cama com a cabeça entre as mãos, entregou-se ao desespero. De súbito ouviu distintamente a mesma voz do sonho, que lhe dizia terna e encorajante: - Sê forte. O sonho lhe voltou à memória e compreendeu então que um amigo espiritual, pressentindo a situação adversa, quis avisá-la para que se não desesperasse. O bom ânimo instalou-se de novo em seu coração aflito e recebeu novas energias para a luta; costumava dizer depois que esse sonho a livrara de cometer uma loucura.

A análise desse sonho simbólico é fácil. O amigo espiritual representou a situação financeira dessa pessoa, pelo rochedo. O desastre financeiro pelo esfacelamento do rochedo; e recomenda-lhe que seja forte na adversidade. E para que ela compreendesse o significado do sonho, foi preciso que acontecesse o fato ao qual ele se ligava.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 18

2.17. *Perante os sonhos e suas revelações*

Encarar com naturalidade os sonhos que possam surgir durante o descanso físico, sem preocupar-se aflitivamente com quaisquer fatos ou idéias que se reportem a eles.

Há mais sonhos na vigília que no sono natural.

* * *

Extrair sempre os objetivos edificantes desse ou daquele painel entrevisto em sonho. Em tudo há sempre uma lição.

Repudiar as interpretações supersticiosas que pretendam correlacionar os sonhos com jogos de azar e acontecimentos mundanos, gastando preciosos recursos e oportunidades da existência em preocupação viciosa e fútil.

Objetivos elevados, tempo aproveitado.

* * *

Acautelar-se quanto às comunicações inter vivos, no sonho vulgar, pois, conquanto o fenômeno seja real, a sua autenticidade é bastante rara.

O Espírito encarnado é tanto mais livre no corpo denso, quanto mais escravo se mostre aos deveres que a vida lhe preceitua.

* * *

Não se prender demasiadamente aos sonhos de que recorde ou às narrativas oníricas de que se faça ouvinte, para não descer ao terreno baldio da extravagância.

A lógica e o bom senso devem presidir a todo raciocínio.

* * *

Preparar um sono tranqüilo pela consciência pacificada nas boas obras, acendendo a luz da oração, antes de entregar-se ao repouso normal.

A inércia do corpo não é calma para o Espírito aprisionado à tensão.

Admitir os diversos tipos de sonhos, sabendo, porém, que a grande maioria deles se originam de reflexos psicológicos ou de transformações relativas ao próprio campo orgânico.

O Espírito encarnado e o corpo que o serve respiram em regime de reciprocidade no reino das vibrações.

Conduta Espírita – André Luiz – pág. 107

3. Mediunidade no lar

3.1. *Os espíritos*

- *Que definição se pode dar dos Espíritos?*

- *Pode dizer-se que os Espíritos são os seres inteligentes da criação. Povoam o Universo, fora do mundo material.*

O Livro dos Espíritos – Q. 76

Quem são os Espíritos?

Quando ouvimos falar de espíritos, vêm-nos à mente imagens vagas, quase que irrealis; e concebemo-los sob as mais díspares formas. Precisamos modificar nossa concepção a respeito deles. E o primeiro passo que devemos dar para isso é convencer-nos de que também somos espíritos; não há diferença entre nós e eles.

Os espíritos se dividem em duas grandes categorias, que são: a dos espíritos encarnados e a dos desencarnados.

Pertencem à categoria dos espíritos encarnados os que usam um corpo de carne, por exemplo, nós mesmos. E à categoria dos espíritos desencarnados aqueles que já não usam o veículo físico, por exemplo, quem passou pelo fenômeno da morte.

Não se justifica, por conseguinte, essa idéia sobrenatural que fazemos dos espíritos. Pois, não somos espíritos nós também, ainda que encarnados? E dia mais, dia menos, seremos transferidos para o número dos desencarnados.

O nome de espíritos, porém, é dado particularmente aos desencarnados. Quando encarnado, damos ao espírito o nome de alma.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 2

3.2. Passagem para o mundo espiritual

A morte não existe no significado de aniquilamento, destruição total, transformação para o nada, separação eterna.

Nosso espírito é indestrutível e por isso é imortal.

Todavia não poderemos permanecer sempre encarnados. Um dia chegará em que teremos de mudar de categoria. A essa mudança é que se dá o nome de morte.

A morte é o fenômeno pelo qual o espírito se desliga completamente do corpo. Ela sobrevém por doenças ou por acidentes que facilitem o desligamento.

Não devemos, portanto, temer a morte. Ela é a porta pela qual ingressaremos no mundo espiritual. E depende unicamente de nós o que lá vamos encontrar: se praticarmos o bem, coisas belas; se praticarmos o mal, o resultado do mal que tivermos cometido.

No mundo espiritual ocuparemos o lugar que nos será devido pelo progresso que já tivermos realizado.

Uma vez que estamos de passagem pela Terra, é ponto importante para nossa felicidade, quer futura quer presente, a depuração de nossos sentimentos. Depurando-os conquistaremos uma posição dignificante não só como encarnados, como também quando estivermos desencarnados.

O espírito desencarnado conserva a mesma personalidade que teve na Terra quando encarnado. Assim quando desencarnarmos, não seremos nem mais nem menos do que hoje somos; acompanham-nos para o lado de lá nossas boas e nossas más qualidades. Contudo, como no mundo espiritual veremos as coisas tais quais elas são, sem o véu do orgulho a obscurecer-nos a razão, redobramos de esforços para vencer nossas más qualidades; porque compreendemos que estas serão sempre um entrave à nossa real felicidade.

Modifiquemos, pois, daqui por diante, nossa concepção a respeito dos espíritos. Eles não são fantasmas cuja única ocupação é assombrar-nos; também não são todo-poderosos para atenderem aos nossos caprichos; não sabem tudo para responderem a todas as nossas perguntas; e não vivem, sofrendores, em infernos eternos; nem, ociosos, em paraísos inúteis.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – pág. 3 e 6

3.3. O mundo espiritual

- *Ocupam os Espíritos uma região determinada e circunscrita no espaço?*

- *Estão por toda parte. Povoam infinitamente os espaços infinitos. Tendes muitos deles de contínuo a vosso lado, observando-vos e sobre vós atuando, sem o perceberdes, pois que os Espíritos são uma das potências da natureza e os instrumentos de que Deus se serve para execução de seus desígnios providenciais. Nem todos, porém, vão a toda parte, por isso que há regiões interditas aos menos adiantados.*

O Livro dos Espíritos – Q. 87

Os espíritos desencarnados habitam colônias espirituais, as quais não são percebidas pelos nossos sentidos, dado a limitação que a matéria nos impõe. Essas colônias se acham ligadas aos mundos materiais a que pertencem os espíritos que as habitam. A Terra, por exemplo, é circundada de um imenso número dessas colônias que se assemelham a grandes cidades, cheias de vida e de animação. Quando desencarnarmos, iremos viver numa dessas colônias. As colônias espirituais que circundam a terra se dividem em três classes: as zonas purgatoriais, as colônias correcionais e as colônias de elevação.

As zonas purgatoriais, também chamadas umbral, são extensas regiões de trevas e de sofrimentos, onde o espírito que não soube fazer bom uso de sua encarnação, encontra-se ao desencarnar. Ali, entre prantos e ranger de dentes, o espírito purga os erros que cometeu na Terra, até o dia em que manifeste desejos sinceros de corrigi-los.

As colônias correcionais são verdadeiras cidades de vida organizada, nas quais o espírito se prepara para reencarnar-se. Nelas o espírito rememora as encarnações passadas e traça os planos do futuro. E enquanto aguarda o dia de reencarnar-se, estuda e entrega-se a um trabalho edificante.

As colônias de elevação são moradas de espíritos que já atingiram o máximo de perfeição moral que a Terra lhes podia oferecer. Nelas os espíritos fazem um estágio preparatório antes de se transferirem para um mundo superior ou para voltarem à Terra em missões de grande alcance social, visando ao bem da humanidade.

Independente dessas colônias espirituais, existem os mundos espirituais, os quais são habitados por espíritos que não mais necessitam das reencarnações, em virtude do grande progresso que já realizaram.

* * *

O Universo é dividido em número infinito de mundos; e cada um deles nos oferece determinados tipos de ensinamentos.

Quando tivermos progredido suficientemente num mundo, a ponto de não ter ele mais nada para nos ensinar, quer em virtudes, quer em sabedoria, ser-nos-á permitido o ingresso no mundo imediato superior, onde, como em nova classe de aulas, continuaremos nossos estudos e trabalhos.

Se um espírito demonstrar-se refratário às possibilidades de progresso que o seu mundo lhe oferece, á rebaixado a um outro condizente com seu estado. Não é um retrocesso: é simplesmente a volta a um plano equivalente à sua condição, depois de lhe terem sido concedidas oportunidade de elevação que não soube aproveitar.

E com relação às colônias que gravitam ao redor da Terra, o processo é o mesmo: cada vez que desencarnarmos, iremos para a que esteja de conformidade com o progresso que tivermos realizado em nossa última encarnação.

O Espiritismo Aplicado – Eliseu Rigonatti – págs. 6 e 7

3.4. As influências espirituais

- *Vêm os Espíritos tudo o que fazemos?*
- *Podem ver, pois que constantemente vos rodeiam. Cada um, porém, só vê aquilo a que dá atenção. Não se ocupam com o que lhes é indiferente.*
- *Podem os Espíritos conhecer os nossos mais secretos pensamentos?*
- *Muitas vezes chegam a conhecer o que desejaríeis ocultar de vós mesmos. Nem atos, nem pensamentos se lhes podem dissimular.*
- *Assim, mais fácil nos seria ocultar de uma pessoa viva qualquer coisa, do que a esconder dessa mesma pessoa depois de morta?*
- *Certamente. Quando vos julgais muito ocultos. É comum terdes ao vosso lado uma multidão de Espíritos que vos observam.*
- *Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?*
- *Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que de ordinário são eles que vos dirigem.*

O Livro dos Espíritos – Q. 456, 457 e 459

A assertiva dos Espíritos a Allan Kardec demonstra que, na maioria das vezes, estamos todos nós - encarnados - agindo sob a influência de entidades espirituais que se afinam com o nosso modo de pensar e de ser, ou em cujas faixas vibratórias respiramos.

Isto não nos deve causar admiração, pois se analisarmos a questão sob o aspecto puramente terrestre chegaremos à conclusão de que vivemos em permanente sintonia com as pessoas que nos rodeiam, familiares ou não, das quais recebemos influências através das idéias que exteriorizam, dos exemplos que nos são dados, e também que influenciemos com a nossa personalidade e pontos de vista.

Quando acontece de não conseguirmos exercer influência sobre alguém de nosso convívio e que desejamos aja sob o nosso prisma pessoal, via de regra tentamos por todos os meios convencê-lo com argumentos persuasivos de diferente intensidade, a fim de lograrmos o nosso intento.

Natural, portanto, ocorra o mesmo com os habitantes do mundo espiritual, já que são eles os seres humanos desencarnados, não tendo mudado, pelo simples fato de deixarem o invólucro carnal, a sua maneira de pensar e as características da sua personalidade.

Assim, vamos encontrar desde a atuação benéfica de Benfeitores e Amigos Espirituais, que buscam encaminhar-nos para o bem, até os familiares que, vencendo o túmulo, desejam prosseguir gerindo os membros do seu clã familiar, seja com bons ou maus intentos, bem como aqueles outros a quem prejudicamos com atos de maior ou menor gravidade, nesta ou em anteriores reencarnações, e que nos procuram, no tempo e no espaço, para cobrar a dívida que contraímos.

Por sua vez, os que estão no plano extrafísico também se acham passíveis das mesmas influências, partidas de mentes que lhes compartilham o modo de pensar, ou de outras que se situam em planos superiores, e, no caso de serem ainda de evolução mediana ou inferior, de desafetos, de seres que se buscam intensamente pelo pensamento, num conúbio de vibrações e sentimentos incessantes. Essa permuta é contínua e cabe a cada indivíduo escolher, optar pela onda mental com que irá sintonizar.

Portanto, a resposta dos Espíritos a Kardec nos dá uma noção exata do intercâmbio existente entre os seres humanos, seja ele inconsciente ou não, mas, de qualquer modo, real e constante.

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – pág. 25

3.5. Companhias espirituais

“(...) criando imagens fluídicas, o pensamento se reflete no envoltório perispirítico, como num espelho; toma nele corpo e aí de certo modo se fotografa. (...) Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo.”

A Gênese – cap. XIV – item 15

A uma simples vibração do nosso ser, a um pensamento emitido, por mais secreto nos pareça, evidenciamos de imediato a faixa vibratória em que nos situamos, que terá pronta repercussão naqueles que estão na mesma frequência vibracional. Assim, atrairemos aqueles que comungam conosco e que se identificam com a qualidade de nossa emissão mental.

Através desse processo, captando as nossas intenções, sentindo as emoções que exteriorizamos e "lendo" os nossos pensamentos é que os Espíritos se aproximam de nós e, não raro, passam a nos dirigir, comandando nossos atos. Isso se dá imperceptivelmente. Afinizados conosco, querendo e pensando como nós, fácil se torna a identificação, ocorrendo então que passamos a agir de comum acordo com eles, certos de que a sua é a nossa vontade - tal a reciprocidade de sintonia existente.

Não entraremos na questão do livre-arbítrio, sobejamente conhecida dos espíritas. Sabemos que a nossa vontade é livre de aceitar ou não estas influências. Que a decisão é sempre de nossa responsabilidade individual.

O importante é meditarmos a respeito de quanto somos influenciáveis, e quão fracos e vacilantes somos. O Espiritismo, levantando o véu dos mistérios, nos traz a explicação clara demonstrando-nos a verdade e, através desse conhecimento, nos dá condições de vencer os erros e sobretudo de nos preservarmos de novas quedas.

Fácil é, pois, aos Espíritos, nos dirigirem. Isto acontece com os homens em geral, sejam eles médiuns ostensivos ou não.

É que, como médiuns, todos somos sensíveis a essas aproximações e ninguém há que esteja absolutamente livre de influências espirituais. Escolher a nossa companhia espiritual é de nossa exclusiva responsabilidade. Somos livres para a opção.

No passado, sabemo-lo hoje, escolhemos o lado das sombras, trilhando caminhos tortuosos, tentadores, e que nos pareciam belos. Optamos pelo gozo material, escolhendo a estrada do crime, onde nos chafurdamos com a nossa loucura, enquanto fazíamos sofrer os seres que de nós se aproximavam. Muitos de nós ouvimos a palavra do Cristo e tivemos a sagrada ensanchar de optar entre a luz e a sombra. Mas, aturdidos e ensandecidos, preferimos Mamon e César.

Após essa desastrosa decisão, que repercutiria em nosso mundo íntimo, em tragédias de dores acerbadas e sofrimentos prolongados pelos séculos a fora, fomos rolando, quais seixos levados pela caudal de águas turbilhonantes, tendo junto a nós aqueles que elegemos como companheiros de jornada. Até que chegamos, finalmente, ao porto seguro do Consolador.

Toda essa trajetória está magnificamente narrada por Joanna de Ângelis, no capítulo 24 do seu livro "Após a Tempestade". E ela nos adverte de que já não há mais tempo a perder: "Estes são os momentos em que deveremos colimar realizações perenes. Para tanto, resolvamo-nos em definitivo a produzir em profundidade, acercando-nos de Jesus e por Ele nos deixando conduzir até o termo da jornada".

Eis a opção que o Espiritismo nos faculta agora. Escolha consciente, amadurecida. Escolha feita por quem já sabe e conhece. Por isto mesmo muito mais responsável.

* * *

“Obsessores visíveis e invisíveis são nossas próprias obras, espinheiros plantados por nossas mãos.”

Obsessor - do latim *obsessore*. Aquele que causa a obsessão; que importuna.

O obsessor é uma pessoa como nós.

Não é um monstro teratológico saído das trevas, onde tem a sua morada para todo o sempre.

Não é um ser diferente, que só vive de crueldades, nem um condenado sem remissão pela Justiça Divina.

Não é um ser estranho a nós. Pelo contrário. É alguém que privou de nossa convivência, de nossa intimidade, por vezes com estreitos laços afetivos. É alguém, talvez, a quem amamos outrora. Ou um ser desesperado pelas crueldades que recebeu de nós...

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – pág. 29 e 67

3.6. Mediunidade nas crianças

A mediunidade pode se manifestar na pessoa desde a fase da infância. Mas não é aconselhável o exercício da mediunidade em crianças, porque:

- O organismo, débil e em formação, pode sofrer grandes abalos.
- A imaginação está em grande atividade e pode sofrer sobreexcitação.
- Não tem discernimento suficiente para lidar com os espíritos nem valorizar sua faculdade e empregá-la com a gravidade necessária.

Às vezes, as manifestações mediúnicas que a criança apresenta são por causa das perturbações no ambiente do lar. Neste caso, o recomendável é atendê-la com passes, para eliminar as manifestações, e se orientar o comportamento dos familiares adultos, para que as tensões espirituais não mais se reflitam na criança.

Se a manifestação mediúnica na criança for espontânea e equilibrada, aceitar com naturalidade os fenômenos mas sem estimulá-los nem querer colocar a criança em verdadeiro trabalho mediúnico. Convém, entretanto, encaminhá-la para a evangelização e conhecimento doutrinário adequado à sua idade, a fim de que, no futuro, esteja preparada para entender sua faculdade e empregá-la bem.

Estudos sobre Mediunidade – Apostila – CEAK – Campinas/SP

As crianças podem revelar traços mediúnicos.

Não devem porém, ser conduzidas ao intercâmbio.

Em geral, pela sua imaturidade, não saberão fazer uso de sua faculdade e poderão, em decorrência de sua comunicação precoce com o invisível, tornarem-se presas fáceis de Espíritos malévolos, inimigos seus do passado, ou de Espíritos levianos que as terão por instrumentos de sua irresponsabilidade.

Ressalvemos, contudo, a espontaneidade.

Poderá eclodir o fenômeno espontâneo através de uma criança, independente de sessões organizadas ou mesmo distante de qualquer prévio estudo doutrinário. Nesse caso, raro na proporção de um por bilhões de criaturas, a naturalidade do fenômeno revela-nos que aquele espírito está efetivamente preparado e comporta a prática normal do intercâmbio.

Mas, não olvidemos o quadro de perturbações momentâneas a que a criança está sujeita a sofrer em decorrência do clima espiritual desequilibrado de seu lar. Essas perturbações, muito freqüentes, poderão ser confundidas com a mediunidade espontânea, mas cessarão tão logo o lar se reequilibre, porque eram efeitos e não a causa da ocorrência.

Findos os efeitos, pela extinção da causa, a criança retornará aos seus brinquedos e às suas ocupações habituais, próprias da infância, vivendo o período indispensável ao seu aprimoramento interior e ao cumprimento dos planos reencarnatórios estabelecidos a seu benefício pela Espiritualidade Maior.

Em regra geral as crianças não devem sequer, freqüentar reuniões mediúnicas de nenhuma natureza, nem como acompanhantes e menos ainda como participantes. Elas são permeáveis demais às influências e aos miasmas mentais acumulados pelo agrupamento de Espíritos enfermos numa reunião mediúnica, sofrendo-lhes as pressões e contágio na forma de doenças orgânicas e perispirituais.

Só mesmo podem, e devem, freqüentar reuniões públicas não mediúnicas que tenham por escopo central o conhecimento dos princípios Espíritas e as aulas de Moral Espírita-Cristã, que lhes fornecerão o roteiro de seu futuro no comportamento sadio do presente.

No tempo próprio serão chamadas a outros setores.

Afastando as crianças do contato com as reuniões mediúnicas - assim como afastamos nossos filhos dos laboratórios de química e outros semelhantes -, procuremos sanar as origens de suas perturbações espirituais transitórias, renovando os lares em que crescem com a instalação do "Culto do Evangelho", com a doutrinação de nossa língua, com o fenecimento dos comentários picantes e nervosos às horas das refeições, com o domínio de nossos ímpetos agressivos, com a reforma de nosso comportamento.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho – pág. 25

- Haverá inconveniente em desenvolver-se a mediunidade nas crianças?

- Certamente e sustento mesmo que é muito perigoso, pois que esses organismos débeis e delicados sofreriam por essa forma grandes abalos, e as respectivas imaginações excessiva sobreexcitação. Assim, os pais prudentes devem afastá-las dessa idéias, ou, quando nada, não lhes falar do assunto, senão do ponto de vista das conseqüências morais.

- Há, no entanto, crianças que são médiuns naturalmente, quer de efeitos físicos, quer de escrita e de visões. Apresenta isto o mesmo inconveniente?

- Não; quando numa criança a faculdade se mostra espontânea, é que está na sua natureza e que a sua constituição se presta a isso. O mesmo não acontece, quando é provocada e sobreexcitada. Nota que a criança, que tem visões, geralmente não se impressiona com estas, que lhe parecem coisa naturalíssima, a que dá muito pouca atenção e quase sempre esquece. Mais tarde, o fato lhe volta à memória e ela o explica facilmente, se conhece o Espiritismo.

- Em que idade pode a criança ocupar-se de mediunidade?

- Não há idade precisa, tudo dependendo inteiramente do desenvolvimento físico e, ainda mais, do desenvolvimento moral. Há crianças de doze anos a quem tal coisa afetarà menos do que a algumas pessoas já feitas.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XVIII – item 6, 7 e 8

Os próprios pais da Terra esperam, compassivos, pelo crescimento dos filhos, a fim de entregá-los às bênçãos da natureza, cada qual a seu tempo.

Emmanuel

Allan Kardec desaconselha o exercício da mediunidade pelas crianças, atento aos vários inconvenientes que possam advir.

* * *

No exame do assunto, há que se observar o problema do desenvolvimento sob duplo sentido: físico e mental.

Há crianças bem desenvolvidas fisicamente, mas de recursos mentais e intelectuais deficientes, o que reforça a sábia orientação do eminente Codificador.

Existem crianças fisicamente pouco desenvolvidas, porém, mental e intelectualmente bem dotadas.
Em ambos os casos a prudência aconselha seja evitado, junto à criança, o trabalho mediúnico.

* * *

Desenvolver a mediunidade, ou seja, educá-la, significa colocar-nos em relação e dependência magnética, mental e moral com entidades dos mais variados tipos evolutivos - evoluídas ou involuídas.

O frágil organismo infantil e sua inexperiência podem sofrer os efeitos de uma aproximação obsediante.

* * *

A imaginação da criança é, sobretudo, excitável, o que pode ocasionar conseqüências perigosas sob o ponto de vista do equilíbrio, da estabilidade espiritual.

A criança é facilmente impressionável.

* * *

Em decorrência das próprias leis da natureza, vive a criança em mundo diferente, muito pessoal. Restrito às diversões infantis.

Por influência dos próprios companheiros da mesma faixa etária, pode a criança querer "brincar de mediunidade", o que não seria de todo estranhável, porque há muita gente adulta "brincando de mediunidade", tornando-se veículo da satisfação de sua curiosidade e de seus interesses pessoais.

* * *

Espíritos perversos ou brincalhões podem aproveitar a fragilidade e inocência infantis para exercerem assédio sobre os ainda pequeninos intermediários do Mundo Espiritual.

* * *

São negativos todos os aspectos do desenvolvimento mediúnico das crianças.

O Codificador, missionário escolhido, estava certo ao desaconselhar tal proceder.

* * *

Há recursos de amparo às crianças que revelam mediunidade.

Prece em seu favor e dos Espíritos que delas tentam acercar-se.

Passes ministrados por companheiros responsáveis.

Freqüência às aulas espíritas de Evangelho, a fim de que possam, a pouco e pouco, ir assimilando noções doutrinárias compatibilizadas com sua idade.

* * *

Assim como os pais da Terra "esperam, compassivos, pelo crescimento dos filhos", esperemos, também, que o crescimento da criança enseje a oportunidade de sua integração na paisagem mediúnica.

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – pág. 137

A mediunidade pertence ao campo da comunicação. Desenvolve-se naturalmente nas pessoas de maior sensibilidade para a captação mental e sensorial de coisas e fatos do mundo espiritual que nos cerca e nos afeta com as suas vibrações psíquicas e afetivas. Da mesma forma que a inteligência e as demais faculdades humanas, *a mediunidade se desenvolve no processo de relação. Geralmente o seu desenvolvimento é cíclico, ou seja, processa-se por etapas sucessivas, em forma de espiral.* As crianças a possuem, por assim dizer, à flor da pele, mas resguardada pela influência benéfica e controladora dos espíritos protetores, que as religiões chamam de anjos da guarda. Nessa fase infantil as manifestações mediúnicas são mais de caráter anímico; a criança projeta a sua alma nas coisas e nos seres que a rodeiam, recebem as intuições orientadoras dos seus protetores, às vezes vêem e denunciam a presença de espíritos aos familiares, de maneira positiva e direta ou de maneira simbólica e indireta. *Quando passam dos sete ou oito anos integram-se melhor no condicionamento da vida terrena, desligando-se*

progressivamente das relações espirituais e dando mais importância às relações humanas. O espírito se ajusta no seu escafandro para enfrentar os problemas do mundo. *Fecha-se o primeiro ciclo mediúnico*, para a seguir abrir-se o segundo. Considera-se então que a criança não tem mediunidade, a fase anterior é levada à conta da imaginação e da fabulação infantis.

Mediunidade – J. Herculano Pires – pág. 11

3.7. A criança obsediada

Marcos: V. 13. Vindo ter com seus discípulos, viu Jesus que grande multidão os cercava e que com eles alguns escribas discutiam. - 14. Logo que deu com Jesus, todo aquele povo, tomado de espanto e temor, correu a saudá-lo. - 15. Ele então lhes perguntou: Que é o que discutíeis? - 16. Um homem do meio da turba respondeu: Mestre, eu te trouxe meu filho que está possesso de um espírito mudo. - 17. O qual, todas as vezes que dele se apodera, o atira ao chão e o menino espuma, range os dentes e fica seco; pedi a teus discípulos que o expulsassem, mas eles não puderam. - 18. Jesus lhes disse: Oh! Geração incrédula, até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me o menino. - 19. Trouxeram-no; e, tanto que viu a Jesus, o Espírito agitou e atirou por terra, a estorcer-se no chão e a espumar. - 20. Jesus perguntou ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? O pai respondeu: Desde a infância; - 21. E o espírito o tem muitas vezes lançado ora à água, ora ao fogo, para fazê-lo perecer. Se puderes alguma coisa, tem piedade de nós e socorre-nos. - 22. Jesus lhe disse: Se puderes crer, tudo é possível àquele que crê. - 23. Logo o pai do menino exclamou, banhado em lágrimas: Senhor, eu creio, ajuda a minha pouca fé. - 24. Jesus, vendo o povo acorrer, ameaçou o Espírito impuro, dizendo: espírito surdo e mudo, eu te ordeno: sai deste menino e não entres mais nele. - 25. O Espírito, soltando um grito e agitando violentamente o menino, saiu, ficando este como morto, de sorte que muitos diziam: morreu. - 26. Mas, tomando-lhe Jesus as mãos e erguendo-o, ele se levantou. - 27. Quando Jesus voltou para casa, seus discípulos lhe perguntaram em particular: Por que não pudemos nós expelir aquele demônio? - 28. Jesus respondeu: os demônios desta casta não podem ser expulsos senão pela prece e pelo jejum. - 29. Dali partindo, atravessaram a Galiléia. Ele não queria que ninguém o soubesse.

Elucidações Evangélicas – Antônio Luiz Sayão – pág. 355

“Aliás, não é racional considerar-se a infância como um estado normal de inocência. Não se vêem crianças dotadas dos piores instintos, numa idade em que ainda nenhuma influência pode ter tido a educação? (...) Donde a precoce perversidade, senão da inferioridade do Espírito, uma vez que a educação em nada contribuiu para isso?”

O Livros dos Espíritos – Allan Kardec – Q. 199-a

Crianças obsediadas suscitam em nós os mais profundos sentimentos de solidariedade e comiseração.

Tal como acontece ante as demais enfermidades que atormentam as crianças, também sentimos ímpetos de protegê-las, desejando mesmo que nada as fizesse sofrer.

Pequeninos seres que se nos apresentam torturados, inquietos, padecentes de enfermidades impossíveis de serem diagnosticadas, cujo choro aflito ou nervoso nos condói e impele à prece imediata em seu benefício, são muita vez obsediados de berço. Outros se apresentam sumamente irrequietos, irritados desde que abrem os olhos para o mundo carnal. Ao crescerem, apresentar-se-ão como crianças-problemas, que a Psicologia em vão procura entender e explicar.

São crianças que já nascem aprisionadas - aves implumes em gaiolas sombrias -, trazendo nos olhos as visões dos panoramas apavorantes ou recordações de tormentos que sofreram ou fizeram sofrer

no plano extrafísico, antes de serem encaminhadas para um novo corpo. Conquanto a nova existência terrestre se apresente difícil e dolorosa, ela é, sem qualquer dúvida, bem mais suportável que os sofrimentos que padeciam antes de reencarnar.

O novo corpo atenua bastante as torturas que sofriam, torturas estas que tinham as suas nascentes em sua própria consciência que o remorso calcinava. Ou no ódio e revolta em que se consumiam.

E as bênçãos de oportunidades com que a reencarnação lhes favorece poderão ser a tão almejada redenção para essas almas conturbadas.

A Misericórdia Divina oferecerá a tais seres instantes de refazimento, que lhes chegarão por vias indiretas e, sobretudo, reiterados chamamentos para que se redimam do passado, através da resignação, da paciência e da humildade.

Na obra "Dramas da Obsessão", Bezerra de Menezes narra a vida de Leonel, que desde a infância apresentou crises violentas, evidenciando a quase possessão por desafetos do pretérito. Este mesmo Leonel, já adulto e casado, acompanhou a espinhosa existência de sua filha Alcina, que como ele era obsediada desde o berço.

Crianças que padecem obsessões devem ser tratadas em nossas instituições espíritas através do passe e da água fluidificada, e é imprescindível que lhes dispensemos muita atenção e amor, a fim de que se sintam confiantes e seguras em nosso meio. Tentemos cativá-las com muito carinho, porque somente o amor conseguirá refrigerar essas almas cansadas de sofrimentos, ansiando por serem amadas.

Fundamental, nesses casos, a orientação espírita aos pais, para que entendam melhor a dificuldade que experimentam, tendo assim mais condições de ajudar o filho e a si próprios, visto que são, provavelmente, os cúmplices ou desafetos do pretérito, agora reunidos em provações redentoras. Devem ser instruídos no sentido de que façam o Culto do Evangelho no Lar, favorecendo o ambiente em que vivem com os eflúvios do Alto, que nunca falta àquele que recorre à Misericórdia do Pai.

A criança deve ser levada às aulas de Evangelização Espírita, onde os ensinamentos ministrados dar-lhe-ão os esclarecimentos e o conforto de que tanto carece.

* * *

O número de crianças obsediadas tem aumentado consideravelmente. Há bem pouco tempo chegaram às nossas mãos, quase simultaneamente, cinco pedidos de orientação a crianças que se apresentavam todas com a mesma problemática de ordem obsessiva.

Um desses casos era gravíssimo.

Certa criança de três anos e alguns meses vinha tentando o suicídio das mais diferentes maneiras, o que lhe resultara, inclusive, ferimentos: um dia, jogou-se na piscina; em outro, atirou-se do alto do telhado, na varanda de sua casa; depois, quis atirar-se do carro em movimento, o que levou os familiares a vigiá-la dia e noite. Seu comportamento, de súbito, tornou-se estranho, maltratando especialmente a mãe, a quem dirigia palavras de baixo calão que os pais nunca imaginaram ser do seu conhecimento.

Foram feitas reuniões de desobsessão em seu benefício, quando se verificaram as origens do seu estado atual. Atormentada por muitos obsessores, seu comprometimento espiritual é muito sério.

As outras crianças mencionadas tinham sintomas semelhantes: acordavam no meio da noite, inconscientes, gritando, falando e rindo alto, não atendiam e nem respondiam aos familiares, nem mesmo dando acordo da presença destes.

Todas são menores de cinco anos.

Com a terapêutica espírita completa, essas crianças melhoraram sensivelmente, sendo que três retornaram ao estado normal.

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – pág. 64

3.8. Mediunidade na adolescência

É geralmente na adolescência, *a partir dos doze ou treze anos, que se inicia o segundo ciclo*. No primeiro ciclo só se deve intervir no processo mediúnico com preces e passes, para abrandar as excitações naturais da criança, quase sempre carregadas de reminiscências estranhas do passado carnal ou espiritual. Na adolescência o seu corpo já amadureceu o suficiente para que as manifestações mediúnicas se tornem mais intensas e positivas. É tempo de encaminhá-la com informações mais precisas sobre o problema mediúnico. Não se deve tentar o seu desenvolvimento em sessões, a não ser que se trate de um caso obsessivo. Mas mesmo nesse caso é necessário cuidado para orientar o adolescente sem excitar a sua imaginação, acostumando-o ao processo natural regido pelas leis do crescimento.

O passe, a prece, as reuniões para estudo doutrinário são os meios de auxiliar o processo sem forçá-lo, dando-lhe a orientação necessária.

Certos adolescentes integram-se rápida e naturalmente na nova situação e se preparam a sério para a atividade mediúnica. Outros rejeitam a mediunidade e procuram voltar-se apenas para os sonhos juvenis. É a hora das atividades lúdicas, dos jogos e esportes, do estudo e aquisição de conhecimentos gerais, da integração mais completa na realidade terrena. Não se deve forçá-los, mas apenas estimulá-los no tocante aos ensinamentos espíritas. Sua mente se abre para o contato mais profundo e constante com a vida do mundo. Mas ele já traz na consciência as diretrizes próprias da sua vida, que se manifestarão mais ou menos nítidas em suas tendências e em seus anseios. Forçá-lo a seguir um rumo que repele é cometer uma violência de graves consequências futuras. Os exemplos dos familiares influem mais em suas opções do que os ensinamentos e as exortações orais. Ele toma conta de si mesmo e firma a sua personalidade. É preciso respeitá-lo e ajudá-lo com amor e compreensão.

O *terceiro ciclo* ocorre geralmente na passagem da adolescência para a juventude, *entre os dez e vinte e cinco anos*. É o tempo, nessa fase, dos estudos sérios do Espiritismo e da Mediunidade, bem como da prática mediúnica livre, nos centros e grupos espíritas. Se a mediunidade não se definiu devidamente, não se deve ter preocupações. Há processos que demoram até a proximidade dos 30 anos, da maturidade corporal, para a verdadeira eclosão da mediunidade. Basta mantê-lo em ligação com as atividades espíritas, sem forçá-lo. Se ele não revela nenhuma tendência mediúnica, o melhor é dar-lhe apenas acesso a atividades sociais ou assistenciais. As sessões de educação mediúnica (impropriamente chamadas de desenvolvimento) destinam-se apenas a médiuns já caracterizados por manifestações espontâneas, portanto já desenvolvidos.

Mediunidade – J. Herculano Pires – pág. 12

3.9. Mediunidade na velhice

Há ainda um *quarto ciclo*, correspondente a mediunidades que só aparecem após a maturidade, na *velhice* ou na sua aproximação. Trata-se de manifestações que se tornam possíveis devido às condições da idade: enfraquecimento físico, permitindo mais fácil expansão das energias perispiríticas; maior introversão da mente, com a diminuição de atividades da vida prática, estado de apatia neuropsíquica, provocado pelas mudanças orgânicas do envelhecimento. Esses fatores permitem maior desprendimento do espírito e seu relacionamento com entidades desencarnadas. Esse tipo de mediunidade tardia tem pouca duração, constituindo uma espécie de preparação mediúnica para a morte. Restringe-se a fenômenos de vidência, comunicação oral, intuição, percepção extrasensorial e psicografia. Embora seja uma preparação, a morte pode demorar vários anos, durante os quais o espírito se adapta aos problemas espirituais com que não se preocupou no correr da vida.

Esses fatos comprovam o conceito de mediunidade como simples modalidade do relacionamento homem-espírito.

Mediunidade – J. Herculano Pires – pág. 13

3.10. Problemas mediúnicos: Orientações à família

“Vinculados os Espíritos no agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamentos recíprocos, no problema da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não tenham sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento das contas.”

Grilhões Partidos – Divaldo P. Franco

Não somente o obsediado deve ser conscientizado da sua participação na terapêutica desobsessiva, mas também os seus familiares precisam ser alertados quanto à sua própria participação no processo.

O problema do obsesso não é isolado, não é só dele. O seu grupo familiar tem vínculos profundos que os entrelaçam. Por isto, sempre que possível a família deve receber orientações que esclareçam quanto à sua conduta e participação no tratamento do obsediado.

Este, comumente, sofre restrições no círculo familiar, pois é raro que os parentes entendam e tenham ciência dos problemas que o afligem.

Grande número de obsediados procede de famílias que não aceitam o Espiritismo e muito menos a idéia de que o mal seja provocado por Espíritos. Tal incompreensão é um problema a mais que o enfermo enfrenta e contra o qual também tem que lutar.

Entretanto, quando existe amor realmente, um ou outro familiar se dispõe a aceitar a situação, buscando compreender e até ajudar, demonstrando com essa atitude que ama sem preconceitos e imposições.

Tal aceitação favorece o paciente e, obviamente, a aplicação da terapêutica desobsessiva.

Ao contrário, se houver resistência por parte dos parentes e até rejeição, o caso complica-se e o obsediado sofre duplamente. São provações amaríssimas que evidentemente fazem parte do seu carma, já que nada ocorre injustamente.

Compete-nos, porém, tudo fazer ao nosso alcance para amenizar os sofrimentos desses irmãos.

Infelizmente é muito comum que o círculo doméstico não compreenda o doente e o rejeite de forma definitiva, relegando-o a uma clínica ou a uma casa assistencial. Julgam desfazer, com esta atitude, todos os vínculos existentes entre eles. O que acontece, todavia, é que estarão assumindo graves responsabilidades pelas quais terão de responder mais tarde. Apenas adiam o problema, que retornará um dia com agravantes.

Também sobre esse aspecto, a Doutrina fortalece os laços de família, facultando a visão e o entendimento do pretérito e dos liames que unem os seres de um mesmo grupo consanguíneo, o que resulta em maior conscientização do papel da família e de sua importância no contexto social.

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – pág. 119

3.11. Culto do evangelho no lar

As noções religiosas, com a exemplificação dos mais altos deveres da vida, constituem a base de toda a educação, no sagrado instituto da família.

O Consolador – Emmanuel – Q. 108

Observem como se inclinam para cá, fugindo, em seguida, espantados e inquietos. Estamos colhendo mais um ensinamento sobre os efeitos da prece. Nunca poderemos enumerar todos os benefícios da oração. Toda vez que se ora num lar, prepara-se a melhoria do ambiente doméstico. Cada prece do coração constitui emissão eletromagnética de relativo poder. Por isso mesmo, o culto familiar do Evangelho não é tão só um curso de iluminação interior, mas também processo avançado de defesa exterior, pelas claridades espirituais que acende em torno. O homem que ora traz consigo inalienável couraça. O lar que cultiva a prece transforma-se em fortaleza, compreenderam? As entidades da sombra experimentam choques de vulto, em contato com as vibrações luminosas deste santuário doméstico, e é por isso que se mantêm à distância, procurando outros rumos...

Os Mensageiros – André Luiz – cap. 37

Para melhorar o ambiente afetivo e espiritual da família, faça reuniões de Evangelho no Lar.

Através dela, podemos:

- Ensejar um momento de paz e compreensão na vida familiar.
- Unir mais os elementos da família, pela atividade espiritual em comum.
- Ampliar nos familiares o conhecimento e entendimento do Evangelho e elevar o seu padrão vibratório, fortalecendo-os espiritualmente para as lutas da vida.
- Higienizar o ambiente espiritual do lar, pelo cultivo de pensamentos e sentimentos cristãos.
- Atrair a presença e assistência dos bons espíritos e evangelizar os desencarnados carentes, que estejam no ambiente do lar ou relacionados aos seus membros.
- Ajudar na formação de um mundo melhor na Terra, porque a evangelização estimula e acentua o sentimento de fraternidade existente em toda criatura e pode fazer germinar, em cada lar, as sementes do amor e da paz.

Para o culto, as providências são simples:

- Um volume de "O Evangelho Segundo o Espiritismo".
- Um dia certo por semana.
- Um horário intransferível para sua realização.
- Um cômodo onde todos os familiares se reúnam.

A sua mecânica também é singela:

- Inicia-se com uma prece, preferentemente oração feita de improviso por um dos presentes, por ser mais efetiva.
- Abre-se o livro ao chamado acaso, ou não.
- Leitura em voz alta do trecho aberto.
- Comentários sobre o mesmo, pelos presentes.
- E encerramento com uma prece de agradecimento pela orientação noturna, podendo alongar-se, depois, os comentários sobre a lição enquanto houver interesse e mostrar-se oportuno.

Desenvolvimento da Reunião:

PRECE INICIAL

Simple, breve, espontânea, proferida por um dos participantes e na qual, mais que as palavras, tenham valor os sentimentos (de preferência não decorada, portanto).

LEITURA DOUTRINÁRIA

Metódica e seqüente, de pequeno trecho do livro escolhido (estudo evangélico, de preferência), não excedendo a 15 minutos.

COMENTÁRIOS SOBRE A LEITURA

Rápidos, buscando sempre a essência dos ensinamentos de Jesus, para a sua aplicação na vida diária.

RECOMENDAÇÕES AO DIRIGENTE

- Colocar as lições comentadas ao alcance de todos os participantes, mesmo aos de menor compreensão intelectual.
- Incentivar a participação de todos os presentes:
 - Nos comentários.
 - Nas preces e leituras (por rodízio ou conforme as aptidões)
 - Procurar fazer que todos mantenham a conversação em cunho edificante e apropriado,

EVITANDO-SE SEMPRE:

- Desviar para outros assuntos o tema em estudo à luz do Evangelho.
- Fazer dos ensinamentos críticas (diretas ou indiretas) a qualquer membro do grupo, da família ou a outras pessoas.
- Falar em desdouro de religiões, grupos ou pessoas.
- Qualquer polêmica ou discussão.
- **Se houver necessidade de fluidificação de água** para alguém, colocá-la em recipiente adequado, no local da reunião, para ser distribuída após o término desta.

VIBRAÇÕES

- Pelo lar onde o Evangelho está sendo estudado, pelos participantes, seus parentes e amigos.
- Pela implantação e vivência do Evangelho em todos os lares.
- Pela cura ou melhoria de todos os enfermos, do corpo ou da alma, e minoração de seus sofrimentos e vicissitudes.
- Pelo entendimento fraternal entre todas as religiões.
- Pelo amparo e incentivo aos trabalhadores do bem e da verdade.
- Pela paz na Terra (inclusive rogando amparo para os governantes de todos os povos e nações).
- Outras vibrações que o grupo achar convenientes e para aqueles casos concretos que, no momento, estejam preocupando os participantes e a comunidade (Ex.: um desastre, uma calamidade etc.)

Todos do grupo, porém, deverão estar lembrados e conscientizados de que não bastam somente vibrações para ajudar a fazer da Terra um mundo melhor. É preciso, também, que todos os cristãos concorram para isso, sem esmorecimento, através de seus pensamentos, palavras e atos, em todos os instantes.

PRECE DE ENCERRAMENTO

Agradecendo a orientação e amparo espirituais, recebidos durante a reunião e na vida cotidiana.

CUIDADOS A TOMAR

- Não prolongar a reunião além dos 20 a 30 minutos, no máximo (para não ultrapassar o limite comum de atenção e participação de todos os participantes).
- Não suspender a realização da reunião em virtude de passeios adiáveis ou acontecimentos irrelevantes nem por motivo de visitantes.

Por vezes, os visitantes foram encaminhados por seus mentores espirituais ao nosso lar, nessa hora, para um encontro renovador com o Evangelho; devem, pois, ser convidados a participar da reunião; se não o quiserem fazer, poderão aguardar seu término em outro aposento, ou retornarem mais tarde.

- Não transformar o Evangelho no Lar em:
 - Ritual ou cerimônia religiosa. Ex.: se realizado em torno de uma mesa, não é necessário cobri-la com toalha especial nem colocar sobre ela qualquer objeto (imagens, retratos) ou flores, etc.;
 - Reunião mediúnica (quer seja de passes, curas, desenvolvimento, desobsessão), pois os lares não estão preparados para esses trabalhos que requerem condições vibratórias especiais e devem ser feitos nos Centros Espíritas.

Passes poderão ser aplicados, eventualmente, a alguém do grupo ou do lar que esteja enfermo, se houver pessoa preparada para ministrá-lo; mas não será prática habitual.

- Crianças só devem participar do Evangelho no Lar quando tiverem idade ou mentalidade para acompanhar a reunião sem inquietação ou fadiga. Então, podem até colaborar ativamente nas preces, leituras ou comentários, segundo sua capacidade e disposição.

Curso Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – pág. 28

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacinto – pág. 41

4. Comércio mediúnico

4.1. Sintonia: Base dos fenômenos mediúnicos

As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa, levados a efeito por entidades menos evoluídas ou extremamente consagradas à caridade sacrificial.

De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito.

Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contato com os Espíritos da Grande Luz.

Precisamos compreender - repetimos - que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual.

Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações, invocações e apelos.

Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.

Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar.

Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida.

Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais nos colocamos em sintonia.

Nos mais simples quadros da natureza, vemos manifestado o princípio da correspondência.

Um fruto apodrecido ao abandono estabelece no chão um foco infeccioso que tende a crescer, incorporando elementos corruptores.

Exponhamos a pequena lâmina de cristal, limpa e bem cuidada, à luz do dia, e refletirá infinitas cintilações do Sol.

Andorinhas seguem a beleza da primavera.

Corujas acompanham as trevas da noite.

O mato inculto asila serpentes.

A terra cultivada produz o bom grão.

Na mediunidade, essas leis se expressam, ativas.

Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa-vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem.

Ninguém está só.

Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá.

Cada alma vive no clima espiritual que eleger, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade.

Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, "teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração".

Roteiro – Emmanuel – item 28

O homem permanece envolto em largo oceano de pensamentos, nutrindo-se de substância mental, em grande proporção.

Toda criatura absorve, sem perceber, a influência alheia nos recursos imponderáveis que lhe equilibram a existência.

Em forma de impulsos e estímulos, a alma recolhe, nos pensamentos que atrai, as forças de sustentação que lhe garantem as tarefas no lugar em que se coloca.

O homem poderá estender muito longe o raio de suas próprias realizações, na ordem material do mundo, mas, sem a energia mental na base de suas manifestações, efetivamente nada conseguirá.

Sem os raios vivos e diferenciados dessa força, os valores evolutivos dormiriam latentes, em todas as direções.

A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente para o alto destino que lhe compete atingir.

Estamos assimilando correntes mentais, de maneira permanente.

De modo imperceptível, "ingerimos pensamentos", a cada instante, projetando, em torno de nossa individualidade, as forças que acalentamos em nós mesmos.

Por isso, quem não se habilite a conhecimentos mais altos, quem não exercite a vontade para sobrepor-se às circunstâncias de ordem inferior, padecerá, invariavelmente, a imposição do meio em que se localiza.

Somos afetados pelas vibrações de paisagens, pessoas e coisas que nos cercam.

Se nos confiamos às impressões alheias de enfermidade e amargura, apressadamente se nos altera o "tonus mental", inclinando-nos à franca receptividade de moléstias indefiníveis.

Se nos devotamos ao convívio com pessoas operosas e dinâmicas, encontramos valioso sustentáculo aos nossos propósitos de trabalho e realização.

Princípios idênticos regem as nossas relações uns com os outros, encarnados e desencarnados.

Conversações alimentam conversações.

Pensamentos ampliam pensamentos.

Demoramo-nos com quem se afina conosco.

Falamos sempre ou sempre agimos pelo grupo de espíritos a que nos ligamos.

Nossa inspiração está filiada ao conjunto dos que sentem como nós, tanto quanto a fonte está comandada pela nascente.

Somos obsediados por amigos desencarnados ou não e auxiliados por benfeitores, em qualquer plano da vida, de conformidade com a nossa condição mental.

Daí, o imperativo de nossa constante renovação para o bem infinito.

Trabalhar incessantemente é dever.

Servir é elevar-se.

Aprender é conquistar novos horizontes.

Amar é engrandecer-se.

Trabalhando e servindo, aprendendo e amando, a nossa vida íntima se ilumina e se aperfeiçoa, entrando gradativamente em contato com os grandes gênios da imortalidade gloriosa.

Roteiro – Emmanuel – item 26

4.2. Médiuns interesseiros: Ação dos espíritos

Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais.

A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos.

A mediunidade não é ofício do mundo, e os espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos da carne, as necessidades dos seus intermediários.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág 151.

Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais. É esse um dos defeitos de que os Espíritos zombeteiros sabem muito bem tirar partido e de que se aproveitam com uma habilidade, uma astúcia verdadeiramente notáveis, embalando com falaciosas ilusões os que desse modo se lhes colocam sob a dependência. Em resumo, a mediunidade é uma faculdade concedida para o bem e os bons Espíritos se afastam de quem pretenda fazer dela um degrau para chegar ao que quer que seja, que não corresponda às vistas da Providência. O egoísmo é a chaga da sociedade; os bons Espíritos a combatem; a ninguém, portanto, assiste o direito de supor que eles o venham servir. Isto é tão racional, que inútil fora insistir mais sobre este ponto.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXVIII – item 306

Quando o médium toma o costume de tirar proveito material de suas faculdades vai resvalando pouco a pouco para a fraude, porque se os fenômenos não se produzem, procura-se imitá-los.

Em todas as partes em que o Espiritismo é objeto de comércio, os Espíritos sérios se afastam e os espíritos inferiores vêm ocupar seu lugar.

Nestes ambientes, o Espiritismo perde toda a influência benfeitora e moralizadora, para converter-se em um verdadeiro perigo, em uma exploração da dor e das recordações aos mortos.

Espíritos e Médiuns – Léon Denis – pág. 60

A faculdade mediúnica, mesmo restrita às manifestações físicas, não foi dada ao homem para ostentá-la nos teatros de feira e quem quer que pretenda ter às suas ordens os Espíritos, para exibir em público, está no caso de ser, com justiça, suspeitado de charlatanismo, ou de mais ou menos hábil prestidigitação. Assim se entenda todas as vezes que apareçam anúncios de pretendidas sessões de Espiritismo, ou de Espiritualismo, a tanto por cabeça. Lembrem-se todos do direito que comprem ao entrar.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXVIII – item 308

Os Espíritos vos vêm instruir e guiar no caminho do bem e não no das honras e das riquezas, nem vêm para atender às vossas paixões mesquinhas. Se nunca lhes pedissem nada de fútil, ou que esteja fora de suas atribuições, nenhum ascendente encontrariam jamais os enganadores; donde devei concluir que aquele que é mistificado só o é porque o merece.

O papel dos Espíritos não consiste em vos informar sobre as coisas desse mundo, mas em vos guiar com segurança no que vos possa ser útil para o outro mundo. Quando vos falam do que a esse concerne, é que o julgam necessário, porém não porque o peçais. Se vedes nos Espíritos os substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, então é certo que sereis enganados.

Se os homens não tivessem mais do que se dirigirem aos Espíritos para tudo saberem, estariam privados do livre arbítrio e fora do caminho traçado por Deus à Humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não manda os Espíritos para que lhe acenem a estrada material da vida, mas para que lhe preparem a do futuro.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXVII – item 303

Quem haja compreendido bem o que dissemos das condições necessárias para que uma pessoa sirva de intérprete dos bons Espíritos, das múltiplas causas que os podem afastar, das circunstâncias que, independentemente da vontade deles, lhes sejam obstáculos à vinda, enfim de todas as condições morais capazes de exercer influências sobre a natureza das comunicações, como poderia supor que um Espírito, por menos elevado que fosse, estivesse, a todas as horas do dia, às ordens de um empresário de sessão e submisso às suas exigências, para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabe-se que aversão infunde aos Espíritos tudo o que cheira a cobiça e a egoísmo, o pouco caso que fazem das coisas materiais; como, então, admitir-se que se prestem a ajudar quem queira traficar com a presença deles? Repugna pensar isso e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita, para acreditar-se que tal coisa seja possível. Mas, como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasião de se divertirem à nossa custa, segue-se que, quando não se seja mistificado por um falso médium, tem-se toda a probabilidade de o ser por alguns de tais Espíritos.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXVII – item 305

Fora do terreno do que pode ajudar o nosso progresso moral, só há incerteza nas revelações que se podem obter dos Espíritos.

A primeira conseqüência má, para aquele que desvia sua faculdade do fim providencial, é ser mistificado pelos Espíritos enganadores que pululam ao redor dos homens; a segunda é cair sob o domínio desses mesmos Espíritos, que podem, por pérfidos conselhos, conduzi-lo a adversidades reais e materiais na Terra; a terceira é perder, depois da vida terrestre, o fruto do conhecimento do Espiritismo.

O Que é o Espiritismo – Allan Kardec – item 52

4.3. Mediunidade: É justo cobrar?

Restitui a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Daí gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido." (S. Mateus, cap. X, V. 8)

Daí gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido, diz Jesus a seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVI – itens 1 e 2

- Seria justo aceitar remuneração financeira no exercício da mediunidade?
- Quando um médium se resolve a transformar suas faculdades em fonte de renda material, será melhor esquecer suas possibilidades psíquicas e não se aventurar pelo terreno delicado dos estudos espirituais.

A remuneração financeira, no trato das questões profundas da alma, estabelece um comércio criminoso, do qual o médium deverá esperar no futuro os resgates mais dolorosos.

A mediunidade não é ofício do mundo, e os Espíritos esclarecidos, na verdade e no bem, conhecem, mais que os seus irmãos da carne, as necessidades dos seus intermediários.

O Consolador – Emmanuel – Q. 402

Os médiuns atuais receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que pranteio, porque sou pobre. Tal a razão porque a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la pagar seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVI – itens 7

Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe quão pouca coisa se faz mister para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom-senso repele semelhante idéia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos, ou que nos são caros? É fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas, quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a caterva dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre acorrem, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se granjear a

benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse moral e material.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVI – itens 8

A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de si próprio que o explorador dispõe; é do concurso dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa idéia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de *missão*.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVI – itens 9

O exercício mediúnico depende dos Espíritos.

Necessitando do mediano encarnado, os Espíritos não guardam uma dependência absoluta, para realização dos fenômenos indispensáveis à progressão de nossa Humanidade, de uma pessoa determinada ou especial. Se uma deixa de servi-los ou atendê-los, eles buscam outras. Os desígnios do Alto não ficam sujeitos à colaboração dos homens.

E ninguém pode determinar-lhes as manifestações.

A mediunidade depende, pois, dos Espíritos.

Deve ser, por tal, gratuita.

Através do sentido mediúnico os enviados de Jesus beneficiam a nossa Humanidade e a cada ser em particular, ofertando-lhe orientação preciosíssima em relação à Vida Eterna. Despreocupados dos fenômenos de ordem transitória, trazem mensagens de eternização, de reforma íntima, induzindo-nos a encaminhar-nos ao estado de verdadeira felicidade.

O médium não pode, conseqüentemente, condicioná-los.

E se um médium aceitar pagamento pelo exercício de sua faculdade, naturalmente aceitará as condições impostas pelo consulente e quererá impô-las ao comunicante invisível. Quem oferece moeda corrente, presentes, favores diversos como empregos, financiamento, mimos ou retribuição de qualquer espécie ou ordem, está na posição de quem compra, direta ou indiretamente, alguma coisa e pode exigir o que deseja obter. E o médium ficaria obrigado a satisfazê-lo.

Mas, quem garantirá que o Espírito concorde?

Quem assegurará que o Espírito se interesse?

Ninguém, efetivamente, pode oferecer essa segurança.

Somente Espíritos levianos ou desocupados permanecem ao lado de médiuns que compromissam o exercício de suas faculdades com a troca de valores materiais, a preço estipulado ou confiado a critério do consulente. E médiuns tais são levianos e só podem tratar com Espíritos de sua mesma categoria.

Ninguém, portanto, deverá utilizar o tempo que considerar indispensável ao seu ganha-pão diário no exercício mediúnico, desde que pela sua utilização pretenda justificar as pagas que lhe assegurarão a sobrevivência orgânica.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho

A mediunidade é uma faculdade concedida por Deus às criaturas, que nada pagam por ela.

Por isso, quando desenvolveu a mediunidade nos seus discípulos e os mandou trabalharem com ela em favor da humanidade, Jesus lhes disse: "De graça recebestes, de graça daí". (Mt. 10)

O Mestre não somente recomendou o exercício gratuito da mediunidade, Ele o exemplificou, nada cobrando dos discípulos pelo desenvolvimento mediúnicos que neles promoveu e jamais cobrando nada de ninguém por qualquer das obras espirituais que realizou, inclusive as curas.

E, ao expulsar os vendilhões do Templo de Jerusalém, deu enérgica demonstração de que não se deve comerciar com as coisas espirituais, nem torná-las objeto de especulação ou meio de vida.

PORQUE O EXERCÍCIO MEDIÚNICO NÃO PODE SER COBRADO

No campo material, a remuneração representa o valor da permuta feita para satisfazer as necessidades da vida na Terra. É lícito e natural a pessoa receber paga pelo seu trabalho, pelo exercício de sua aptidão.

A mediunidade, porém, não deve, jamais, ser comercializada nem profissionalizada, porque:

- **Tem finalidade espiritual fundamental** para todos os seres: a comunicação com o plano espiritual. É como o ar, a que toda criatura tem direito por ser fundamental para a vida. Se as coisas espirituais forem pagas, os pobres poderão ter dificultado ou impedido o acesso ao esclarecimento, ao conforto e à ajuda espiritual.
- **Não temos o direito de explorar o trabalho dos espíritos**, já que:
 - **Repugna expor os espíritos familiares e amigos para lucrar**, ganhar alguma coisa com isso;
 - **É imoral recebermos nós a paga quando os espíritos é que trabalham.**

No transe mediúnicos, somos intermediários mas o trabalho é dos espíritos. Como vender palavras, ensinamentos, fenômenos, etc., que não se originam de nossas idéias, pesquisas ou qualquer outra espécie de trabalho pessoal?

- **Não podemos assegurar os resultados.**

A mediunidade é uma faculdade fugidia, instável, com a qual ninguém pode contar com certeza, pois não funciona sem o concurso dos espíritos. Estes, quando bons, não se prestam ao comércio mediúnicos; e, quando maus, também não gostam de ser explorados e nem sempre querem atuar.

"Explorar a mediunidade é, portanto, dispor de uma coisa de que realmente não se é dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga".

- **Lançamos com isso descrédito sobre a mediunidade.**

Quando nos fazemos pagar pelo exercício mediúnicos, acarretamos descrédito sobre nós mesmos e para o intercâmbio espiritual. Isto traz grave prejuízo para o progresso moral da humanidade, pois, desacreditando da manifestação mediúnica, a humanidade perde sua fonte de informações, conforto e ajuda espiritual.

"A mediunidade séria nunca pode constituir uma profissão, isso a desacredita moralmente e a assimilaria aos leitores da "buena dicha". Esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, a ignorância e a credulidade dos supersticiosos foi que levou Moisés a proibi-la. O Espiritismo, compreendendo a feição honesta do fenômeno, elevou a mediunidade ao grau de missão."

- **E atraí os espíritos inferiores.**

Como os bons espíritos não se prestam a esse comércio e se afastam, os que ficam junto do médium mercenário são espíritos levianos, pseudo-sábios ou até malévolos mas, no mínimo, ignorantes.

O médium que vende seu trabalho mediúnicos expõe-se à influência dos espíritos inferiores, dos quais se torna comparsa, cúmplice, comprometendo com isso sua situação espiritual, presente e futura.

A REMUNERAÇÃO ESPIRITUAL

Observemos que "paga" não é somente o dinheiro mas tudo aquilo que represente remuneração, lucro, vantagem, interesse puramente pessoal, satisfação da vaidade e do orgulho.

Quando um médium dá seu tempo ao público, dizendo que o faz no interesse da causa espírita mas não pode dá-lo de graça, perguntamos com Kardec:

"Mas será no interesse da causa ou no seu próprio que o dá? E não será porque ele entrevê aí uma ocupação lucrativa? Por este preço, encontram-se sempre pessoas devotadas. Porventura haverá somente este trabalho à sua disposição?"

"Quem não tiver com que viver, procure recursos fora da mediunidade. Se quiser, consagre-lhe materialmente o tempo disponível. Os espíritos levarão em conta o seu devotamento e sacrifício, ao passo que se afastam de quem dela faça escabelo".

"À parte estas considerações morais, não contestamos de modo nenhum que possa haver médiuns interesseiros honrados e conscienciosos, porque há pessoas honestas em todas as profissões; mas se convirá, pelos motivos que expusemos, que o abuso tem mais razão de estar com os médiuns pagos do que junto àqueles que, olhando sua faculdade como um favor, não a empregam senão para prestar serviços gratuitamente".

Kardec está com a razão e podemos aduzir que a gratuidade dos serviços no meio espírita tem assegurado o afastamento das pessoas interesseiras e mal intencionadas. O desprendimento e o desinteresse exigidos, valem, pois, como um dispositivo de segurança para o movimento espírita.

Todo o bem que fazemos, porém, sempre tem sua recompensa. Afirmou Jesus que "digno é o trabalhador do seu salário" e a lei de ação e reação sempre dá às criaturas segundo suas obras.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º fascículo

4.4. Consultas - Cartomancia

- Que dizermos da cartomancia em face do Espiritismo?

- A cartomancia pode enquadrar-se nos fenômenos psíquicos, mas não no Espiritismo evangélico, onde o cristão deve cultivar os valores do seu mundo íntimo pela fé viva e pelo amor no coração, buscando servir a Jesus no santuário de sua alma, não tendo outra vontade que não aquela de se elevar ao seu amor pelo trabalho e iluminação de si mesmo, sem qualquer preocupação pelos acontecimentos nocivos que se foram, ou pelos fatos que hão de vir, na sugestão nem sempre sincera dos que devassam o mundo oculto.

O Consolador – Emmanuel – Q. 145

Muito se tem falado de pessoas que, deitando as cartas, disseram coisas de surpreendente verdade. De modo nenhum pretendemos fazer-nos apologista dos ledores da "buena-dicha" que exploram a credulidade dos espíritos fracos e cuja linguagem ambígua se presta a todas as combinações de uma imaginação abalada; mas, não é de todo impossível que certas pessoas, fazendo disso um ofício, tenham o dom da segunda vista, mesmo mau grado seu. Sendo assim, as cartas, entre as suas mãos, não passam de um meio, de um pretexto, de uma base de conversação. Elas falam de acordo com o que vêem e não com o que indicam as cartas para as quais apenas olham. O mesmo se dá com outros meios de adivinhação, tais como as linhas da mão, a clara de ovo e outros símbolos místicos.

Obras Póstumas – pág. 101

PERGUNTAS SOBRE O FUTURO

- Podem os Espíritos dar-nos a conhecer o futuro?

- Se o homem conhecesse o futuro, descuidar-se-ia do presente. É esse ainda um ponto sobre o qual insistis sempre, no desejo de obter uma resposta precisa. Grande erro há nisso, porquanto a manifestação dos Espíritos não é um meio de adivinhação. Se fizerdes questão absoluta de uma resposta, recebê-la-eis de um Espírito doidivanas, temo-lo dito a todo momento. (Veja-se O Livro dos Espíritos - "Conhecimento do futuro", nº 868)

- Não é certo, entretanto, que, às vezes, alguns acontecimentos futuros são anunciados espontaneamente e com verdade pelos Espíritos?

- Pode dar-se que o Espírito preveja coisas que julgue conveniente revelar, ou que ele tem por missão tornar conhecidas; porém, nesse terreno, ainda são mais de temer os Espíritos enganadores, que se divertem em fazer previsões. Só o conjunto das circunstâncias permite se verifique o grau de confiança que elas merecem.

- De que gênero são as previsões de que mais se deve desconfiar?

- Todas as que não tiverem um fim de utilidade geral. As predições pessoais podem quase sempre ser consideradas apócrifas.

- Que fim visam os Espíritos que anunciam acontecimentos que se não realizam?

- Fazem-no as mais das vezes para se divertirem com a credulidade, o terror, ou a alegria que provocam; depois, riem-se do desapontamento. Essas predições mentirosas trazem, no entanto, algumas vezes, um fim sério, qual o de por à prova aquele a quem são feitas, mediante uma apreciação da maneira por que toma o que lhe é dito e dos sentimentos bons ou maus que isso lhe desperta.

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec – cap. XXVI – Q. 289 – itens 7º ao 10º

- Os fenômenos premonitórios atestam a possibilidade da presciência com relação ao futuro?

- Os Espíritos de nossa esfera não podem devassar o futuro, considerando essa atividade uma característica dos atributos do Criador Supremo, que é Deus.

Temos de considerar, todavia, que as existências humanas estão subordinadas a um mapa de provas gerais, onde a personalidade deve movimentar-se com o seu esforço para a iluminação do porvir, e, dentro desse roteiro, os mentores espirituais mais elevados podem organizar os fatos premonitórios, quando convenham à demonstração de que o homem não se resume a um conglomerado de elementos químicos, de conformidade com a definição do materialismo dissolvente.

O Consolador – Emmanuel – Q. 144

Faria idéia bem falsa dos Espíritos, quem neles quisesse ver auxiliares dos leitores da buena-dicha.

Os Espíritos sérios se recusam a ocupar de coisas fúteis; os frívolos e zombeteiros tratam de tudo, respondem a tudo, predizem tudo o que se quer, sem se importarem com a verdade, e encontram maligno prazer em mistificar as pessoas demasiado crédulas. Neste caso, é essencial conhecer-se perfeitamente a natureza das perguntas que se podem dirigir aos Espíritos.

O Que é o Espiritismo – Allan Kardec – pág. 169

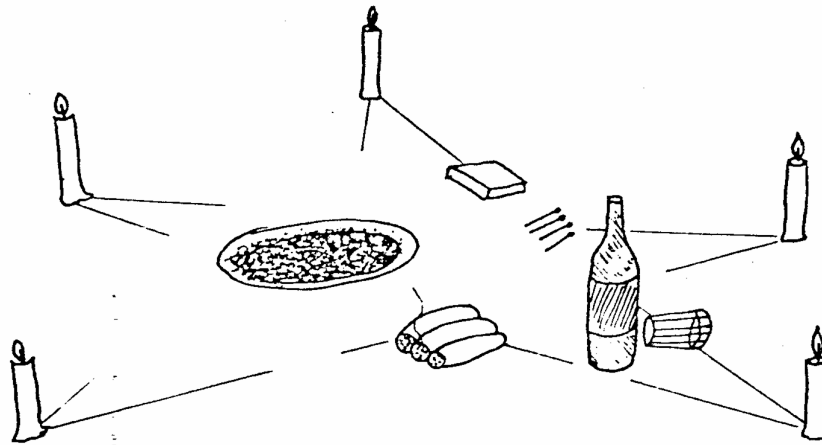
Meus bem-amados, não creiais em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo. (S. João, Epístola 1ª, cap. IV, v. 1)

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas idéias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela

mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, se não apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. S. João adverte contra eles os homens, dizendo: “Meus bem-amados, não acrediteis em todo Espírito; mas, experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”. O Espiritismo nos faculta os meios de experimentá-los, apontando os caracteres pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, *caracteres sempre morais, nunca materiais*.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXI – item 6

4.5. Trabalhos feitos



Existe o mal feito?

Será possível alguém “encomendar” aos espíritos uma carga de males para prejudicar a terceiros a quem odeie, que sejam seus desafetos, de quem se queira vingar?

Para responder esta pergunta convém lembrar primeiramente que:

Nós somos espíritos tanto quanto os que já não habitam mais este mundo, a diferença é que eles não estão ligados a um corpo físico;

Tanto eles como nós podemos agir no campo fluídico (espiritual) e no campo físico (material), sobre os seres e sobre o meio ambiente;

A ação se dá pelo pensamento e pela vontade, podendo os efeitos serem bons ou maus, conforme o impulso que lhes dá origem;

Aqui, como no plano espiritual, a lei que rege o relacionamento dos seres é a mesma: a atração dos semelhantes, a afinidade, a identidade de objetivos e interesses.

Feitos estes lembretes, podemos afirmar, em resposta à indagação que dá título a esta página: sim, é possível alguém encarnado aliar-se a um ou mais espíritos para produzir o mal contra uma terceira pessoa.

O que produzirá o mal, não será a forma material utilizada, os objetos usados para o “despacho” mas os pensamentos e sentimentos emitidos antes, durante e depois da sua preparação. O que age não é a matéria inerte, e sim, o espírito encarnado, ou o desencarnado ou ambos. É o espírito que impregna de fluidos (maus, neste caso) os objetos e endereça pensamentos destruidores sobre a pessoa visada.

A pessoa visada será atingida pelo “mal feito”?

A mensagem chegará até o destinatário. Este, contudo, não é fatalmente obrigado a aceitá-la. Embora sinta o impacto perturbador, poderá neutralizá-la se alimentar bons sentimentos e pensamentos,

concretizados numa vida digna, cristã; é a defesa natural ensejada a todas as criaturas. Poderá ainda, merecer a proteção, a ajuda dos bons espíritos para a superação dos efeitos da carga maléfica que lhe tenha sido endereçada.

Se, porém, a pessoa não cultiva em si mesma as forças do bem, não saberá como reagir, não terá forças para repelir as sugestões perturbadoras, passando a sofrer intensamente os efeitos.

Até quando? Até que os efeitos atinjam seu limite natural e comecem a diminuir ou venham a cessar. Até que se decida a uma renovação para o bem, movimentando suas próprias forças espirituais para reequilibrar-se. Até que venha a receber um auxílio exterior, pela intervenção de amigos, encarnados ou não.

Por que Deus permite que isso aconteça?

Nada no Universo se processa ao acaso. Há leis que regem a vida e a evolução dos seres. A fundamental é a da ação e reação, dentro da qual está a própria lei do amor que, se acionada, nos dará resultados muito compensadores.

Se, pois, no mundo em que vivemos ainda estamos expostos a que seres encarnados e desencarnados se unam para nos procurarem atingir prejudicialmente é porque ainda precisamos dessas experiências, ou porque ainda merecemos a ação deles sobre nós.

Quando aprendermos a manter um estado de alma equilibrado sempre sem mais possibilidades de ceder aos impactos perturbadores, aqui ou no além, estaremos vitoriosos e em paz.

E não nos prendamos na observação dos aspectos sofredores do intercâmbio mediúnico, porque, em verdade, da mesma forma que os maus, os bons espíritos também podem unir-se a nós, e nós a eles, para a realização, se quisermos, de muito “bem feito” sobre a Terra.

E aos que fizeram o mal, nada acontece?

Quem faz o mal lesa primeiramente a si mesmo, porque tudo o que pensa e deseja movimenta em primeiro lugar o seu próprio ser (mente, perispírito, fluidos). Não se consegue atingir a outros sem, antes havermos prejudicado a nós mesmos.

Além disso, haverá ainda, a volta, o retorno das ações trazendo para quem agiu o resultado, a colheita das reações obtidas.

Disse Jesus: “É preciso que o escândalo venha mas ai daquele que por quem ele vier”. Sem dúvida, neste mundo de expiações e de provas que é a Terra, ainda por muito tempo haverá necessidade de pagarmos sofrendo e aprendermos chorando as leis da vida. Ai, porém, daquele que se faça instrumento dessa dor e desse pranto, porque os acarretará para si mesmo.

Extraído da Revista Espírita – Goiânia – nº 1

4.6. Pactos - Influência de objetos

549. Algo de verdade haverá nos pactos com os maus espíritos?

“Não, não há pactos. Há, porém, naturezas más que simpatizam com os maus Espíritos. Por exemplo: queres atormentar o teu vizinho e não sabes como hás de fazer. Chamas então por Espíritos inferiores que, como tu, só querem o mal e que, para te ajudarem, exigem que também os sirvas em seus maus desígnios. Mas, não se segue que o teu vizinho não possa livrar-se deles por meio de uma conjuração oposta e pela ação da sua vontade. Aquele que intenta praticar uma ação má, pelo simples fato de alimentar essa intenção, chama em seu auxílio maus Espíritos, aos quais fica então obrigado a servir, porque dele também precisam esses Espíritos, para o mal que queiram fazer. Nisto apenas é que consiste o pacto.”

O fato de o homem ficar, às vezes, na dependência dos Espíritos inferiores nasce de se entregar aos maus pensamentos que estes lhe sugerem e não de estipulações quaisquer que com eles faça. O

pacto, no sentido vulgar do termo, é uma alegoria representativa da simpatia existente entre um indivíduo de natureza má e Espíritos malfazejos.

551. Pode um homem mau, com o auxílio de um mau Espírito que lhe seja dedicado, fazer mal ao seu próximo?

“Não; Deus não o permitiria.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. IX

- Deve acreditar-se na influência oculta de certos objetos, como jóias, etc., que parecem acompanhados de uma atuação infeliz e fatal?

- Os objetos, mormente os de uso pessoal, têm a sua história viva e, por vezes, podem constituir o ponto de atenção das entidades perturbadas, de seus antigos possuidores no mundo; razão por que parecem tocados, por vezes, de singulares influências ocultas, porém, nosso esforço deve ser o da libertação espiritual, sendo indispensável lutarmos contra os fetiches, para considerar tão-somente os valores morais do homem na sua jornada para o Perfeito.

O Consolador – Emmanuel – Q. 143

Nenhum objeto, medalha ou talismã tem a propriedade de atrair ou repelir Espíritos, pois a matéria ação alguma exerce sobre eles. Nunca um bom Espírito aconselha tais absurdos. A virtude dos talismãs só pode existir na imaginação de pessoas simplórias. (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXV).

Não há fórmulas sacramentais para evocar Espíritos. Quem quer que pretendesse estabelecer uma fórmula, poderia ser tachado de usar de charlatanismo, visto que para os Espíritos puros a fórmula nada vale. A evocação deve, porém, ser feita sempre em nome de Deus. (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XVII).

Os Espíritos não podem concorrer para a descoberta de tesouros ocultos. Os superiores não se ocupam de tais coisas e só os zombeteiros podem entreter-se com elas, já indicando tesouros que o mais das vezes não existem, já apontando sítios diametralmente opostos àqueles em que realmente existem. Esta circunstância tem, contudo, uma utilidade, qual a de mostrar que a verdadeira fortuna reside no trabalho. Quando a Providência tem destinado a alguém quaisquer riquezas ocultas, esse alguém as encontrará naturalmente; do contrário não, nunca. (O Livro dos Médiuns, 2ª parte, cap. XXVI)

O Céu e o Inferno – Allan Kardec – 1ª parte – cap. X

- Tratando-se da necessidade de preparação para a tarefa mediúnica, é justo acreditarmos na movimentação de fluidos maléficos em prejuízo do próximo?

- É o caso de vos perguntarmos se não haveis movimentado as energias maléficas, no decurso da vida, contra a vossa própria felicidade.

Num orbe como a Terra, onde a porcentagem de forças inferiores supera quase que esmagadoramente os valores legítimos do bem, a movimentação de fluidos maléficos é mais que natural; no entanto, urge ensinar aos que operam, nesse campo de maldade, que os seus esforços efetuam a sementeira infeliz, cujos espinhos, mais tarde, se voltarão contra eles próprios, em amargurados choques de retorno, fazendo-se mister, igualmente, educar as vítimas de hoje na verdadeira fé em Jesus, de modo a compreenderem o problema dos méritos na tarefa do mundo.

A aflição do presente pode ser um bem a expressar-se em conquistas preciosas no futuro, e, se Deus permite a influência dessas energias inferiores, em determinadas fases da existência terrestre, é que a medida tem sua finalidade profunda, ao serviço divino da regeneração individual.

O Consolador – Emmanuel – Q. 396

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato e estais, por dentro, cheios de rapinas e impurezas. Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhai a sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridões. Assim, pelo exterior, pareceis justos aos olhos dos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidades. (S. Mateus, cap. XXIII, vv. 25 a 28)

Prefácio. Os maus Espíritos somente procuram os lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para os afastar, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como se limpa o corpo, para evitar a bicheira, também se deve limpar de suas impurezas a alma, para evitar os maus Espíritos. Vivendo num mundo onde estes pululam, nem sempre as boas qualidades do coração lhes fazem abortar as tentativas; dão, entretanto, forças para que se lhes resista.

O Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec – cap. XXVIII – itens 15 e 16

467. Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

“Pode, visto que tais Espíritos só se apegam aos que, pelos seus desejos, os chamam, ou aos que, pelos seus pensamentos, os atraem.”

469. Por que meio podemos neutralizar a influência dos maus Espíritos?

“Praticando o bem e pondo em Deus toda a vossa confiança, repelireis a influência dos Espíritos inferiores e aniquilareis o império que desejem ter sobre vós. Guardai-vos de atender às sugestões dos Espíritos que vos suscitam maus pensamentos, que sopram a discórdia entre vós outros e que vos insultam as paixões más. Desconfiai especialmente dos que vos exaltam o orgulho, pois que esses vos assaltam pelo lado fraco. Essa a razão por que Jesus, na oração dominical, vos ensinou a dizer: “Senhor! Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. IX

4.7. Comércio mediúnico: Desde o velho testamento

Os hebreus, cuja crença geral era que a alma do homem, depois da morte, era restituída ao *scheol*, para dele jamais sair (Job, X, 21,22), não hesitavam em atribuir ao próprio Deus todas essas manifestações. Deus intervém a cada passo, na Bíblia, e às vezes mesmo em circunstâncias bem pouco dignas dele.

Era costume consultar os videntes sobre todos os fatos da vida íntima, sobre os objetos perdidos, as alianças, os empreendimentos de toda ordem. Lê-se em Samuel I, cap. IX, v. 9: “Dantes, quando se ia consultar a Deus, dizia-se: Vinde, vamos ao vidente. - Porque os que hoje se chamam profetas, chamavam-se videntes.”

O sumo sacerdote mesmo proferia julgamentos ou oráculos mediante um objeto de natureza desconhecida, chamado *urim*, que colocava sobre o peito. (Êxodo, XXVIII, 30. - Números, XXVII, 21).

Por uma singular contradição nos que negavam as manifestações das almas, ia-se muitas vezes evocar os mortos, admitindo desse modo os fatos, depois de haver negado a causa que os produzia. É assim que Saul faz evocar o Espírito de Samuel pela pitonisa de Êndor I Samuel, XXVIII, 7-14).

Atos XVI, 16, 17. Paulo fora avisado em sonho de que passasse por Macedônia, com Timóteo:

“Encontram eles uma serva moça que, tendo um espírito de Píton, auferia, em benefício de seus amos, grandes lucros, adivinhando. Ela se pôs a segui-los durante muitos dias, clamando: Esses homens são servos do Altíssimo, que nos anunciam o caminho da salvação.”

A expressão "espírito de Píton" designava, na linguagem daquele tempo, um mau Espírito. Era empregada pelos judeus ortodoxos, que só admitiam o profetismo oficial, reconhecido pela autoridade sacerdotal, desde que os seus ensinamentos eram conformes com os deles; pelo contrário, condenavam o profetismo popular, praticado sobretudo por mulheres, que dele tiravam partido, como em nossos dias ainda o fazem alguns médiuns mercenários. Essa qualificação, porém, de "espírito de Píton" era muitas vezes arbitrária. Disso vamos encontrar a prova no fato de a vidente ou "pitoniza" de Êndor, que serviu de intermediária a Saul para comunicar com o Espírito de Samuel, possuir também, segundo a expressão bíblica, um "espírito de Píton". Entretanto, não é possível confundir o Espírito do profeta Samuel com Espíritos de ordem inferior. A cena descrita pela Bíblia é de uma imponência grandiosa; oferece todos os caracteres de uma elevada manifestação.

Cristianismo e Espiritismo – Léon Denis – págs. 278 e 286

4.8. Caso: O desastre de Acelino

Acelino sorriu e obtemperou:

- Minha história é muito diferente. A queda que experimentei apresenta características diversas e, a meu ver, muito mais graves.

E, atendendo-nos a expectativa, prosseguiu, narrando:

- Também parti de "Nosso Lar", no século findo, após receber valioso patrimônio instrutivo dos nossos assessores. Segui enriquecido de bênçãos. Uma de nossas beneméritas Ministras da Comunicação presidiu, em pessoa, as medidas atinentes à minha nova tarefa. Não faltaram providências para que me felicitassem a saúde do corpo e o equilíbrio da mente. Após formular grandes promessas aos nossos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, em serviço de nossa colônia. O casamento estava em meu roteiro de realizações. Ruth, minha devotada companheira, incumbir-se-ia de colaborar comigo para melhor desempenho das tarefas.

Cumprida a primeira parte do programa, aos vinte anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo enorme amparo dos benfeitores invisíveis. Recordo ainda a sincera satisfação dos companheiros do grupo doutrinário. A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdade em fonte de renda material. Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos. Não era meu serviço igual a outros? Não recebiam os sacerdotes católicos-romanos a remuneração de trabalhos espirituais e religiosos? Se todos pagávamos por serviços ao corpo, que razões haveria para fugir ao pagamento por serviços à alma? Amigos, inscientes do caráter sagrado da fé, aprovavam-me as conclusões egoísticas. Admitíamos que, no fundo, o trabalho essencial era dos desencarnados, mas também havia colaboração minha, pessoal, como intermediário, pelo que devia ser justa a retribuição.

Debalde, movimentaram-se os amigos espirituais aconselhando-me o melhor caminho. Em vão, companheiros encarnados chamavam-me a esclarecimento oportuno. Agarrei-me ao interesse inferior e fixei meu ponto de vista. Ficaria definitivamente por conta dos consulentes. Arbitrei o preço das consultas, com bonificações especiais aos pobres e desvalidos da sorte, e meu consultório encheu-se de gente. Interesse enorme foi despertado entre os que desejavam melhoras físicas e solução de negócios materiais. Grande número de famílias abastadas tomou-me por consultor habitual, para todos os problemas da vida. As lições de espiritualidade superior, a confraternização amiga, o serviço redentor do Evangelho e as preleções dos emissários divinos ficaram a distância. Não mais a escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior, e sim a concorrência comercial, as ligações humanas legais ou criminosas, os caprichos apaixonados, os casos de polícia e todo um cortejo de misérias da Humanidade, em suas experiências menos dignas. Transformara-se completamente a paisagem espiritual que me rodeava. À força de me cercar de pessoas criminosas, por questões de ganho sistemático, as baixas correntes mentais dos inquietos clientes encarceraram-me em sombria cadeia psíquica. Cheguei ao crime de zombar do Evangelho de Nosso Senhor Jesus, esquecido de que os negócios delituosos dos homens de consciência

viciada contam igualmente com entidades perniciosas, que se interessam por eles nos planos invisíveis. E transformei a mediunidade em fonte de palpites materiais e baixos avisos.

Nesse momento, os olhos do narrador cobriram-se de súbita vermelhidão, estampando-se-lhe fundo horror nas pupilas, como se estivesse revivendo atrozes dilacerações.

- Mas a morte chegou, meus amigos, e arrancou-me a fantasia - prosseguiu mais grave. Desde o instante da grande transição, a ronda escura dos consulentes criminosos, que me haviam precedido no túmulo, rodeou-me a reclamar palpites e orientações de natureza inferior. Queriam notícias de cúmplices encarnados, de resultados comerciais, de soluções atinentes a ligações clandestinas.

Gritei, chorei, implorei, mas estava algemado a eles por sinistros elos mentais, em virtude da imprevidência na defesa do meu próprio patrimônio espiritual. Durante onze anos consecutivos, expiei a falta, entre eles, entre o remorso e a amargura.

Acelino calou-se, parecendo mais comovido, em vista das lágrimas abundantes. Fundamente sensibilizado, Vicente considerou:

- Que é isso? Não se atormente assim. Você não cometeu assassínios, nem alimentou a intenção deliberada de espalhar o mal. A meu ver, você enganou-se também, como tantos de nós.

Acelino, porém, enxugou o pranto e respondeu:

- Não fui homicida nem ladrão vulgar, não mantive o propósito íntimo de ferir ninguém, nem desrespeitei alheios lares, mas, indo aos círculos carnisais para servir às criaturas de Deus, nossos irmãos, auxiliando-os no crescimento espiritual com Jesus, apenas fiz viciados da crença religiosa e delinquentes ocultos, mutilados da fé e aleijados do pensamento. Não tenho desculpas, porque estava esclarecido; não tenho perdão, porque não me faltou assistência divina.

E, depois de longa pausa, concluiu gravemente:

- Podem avaliar a extensão da minha culpa?

Os Mensageiros – André Luiz – cap. 8

5. Vícios e mediunidade

5.1. Vícios

DEFINIÇÃO

É todo hábito prejudicial, que nos desvia de nossas corretas funções, seja em que setor de atividade for, causando desgaste de energias e perda de tempo, sem produzir o bem e o progresso.

Devemos comandar nossas necessidades e sentimentos. A partir do momento em que eles passam a dirigir o indivíduo, ele está sob o vício, escravizado.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º Fascículo – pág. 124

- Chico, apenas umas palavras sobre o vício.

- Eu não entendo o vício como um problema de criminalidade, mas como um problema de desequilíbrio nosso, diante das leis da vida, isso não apenas no terreno em que o vício é mais claramente examinado. Por exemplo: se eu falo demasiadamente, eu estou viciado no verbalismo excessivo e infrutífero; se bebo café em demasia eu estou destruindo também as possibilidades de meu corpo me servir um tanto mais.

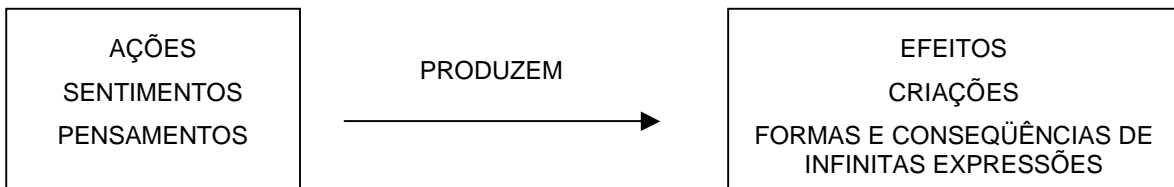
Entender Conversando – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 45

O vício é o costume de proceder mal.

Lesões orgânicas, esgotamento vital, prejuízos financeiros, lesões perispirituais, companhias afins (inferiores - encarnados e desencarnados), queda moral, são algumas das desagradáveis conseqüências, arrastando o indivíduo à ruína plena.

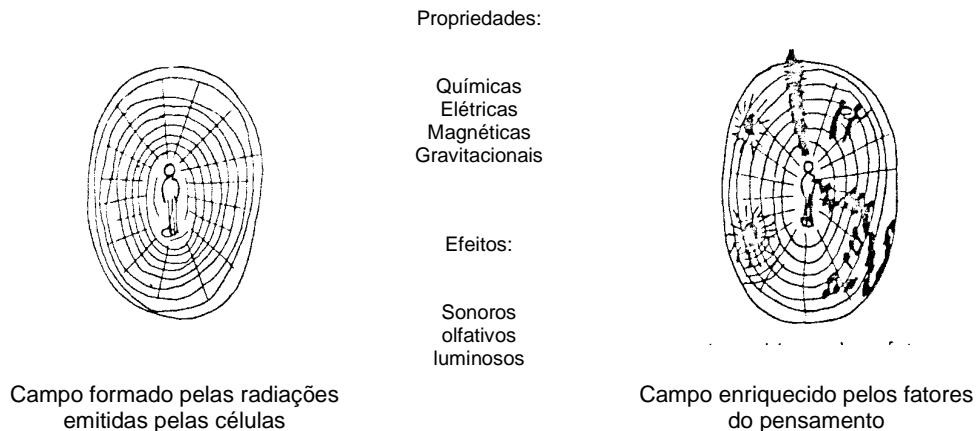
Eis alguns exemplos de vícios: álcool, gula, ambição, apego material, avareza, calúnia, jogo, ciúme, cólera, agressividade, fumo, inconformação, inveja, mentira, maledicência, orgulho, ociosidade, pornografia, queixa, roubo, tóxico, usura, vaidade.

Eliminando o Mal – Jornal Alavanca – Campinas/SP – Dez/84



Missionários da Luz – André Luiz – cap. III

5.2. *Pensamento e vida*



Estudando André Luiz – Apostila – CEFAPK – pág. 122

A mente é manancial vivo de energias criadoras, poderosas e atuantes.

* * *

Os pensamentos produzidos se combinam, se repelem ou se neutralizam.

* * *

Os pensamentos são raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos.

* * *

A imaginação é fonte de vitalidade, energia, movimento.

* * *

Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal.

* * *

A mente, em qualquer plano, emite e recebe, dá e recolhe, renovando-se constantemente.

* * *

Estamos assimilando correntes mentais de maneira permanente.

* * *

Precisamos compreender - repetimos - que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual.

* * *

Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.

* * *

Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a mente em equilíbrio acumula os valores do bem.

Roteiro – Emmanuel – caps. 26 e 28

À feição do ímã, que possui campo magnético específico, toda criatura traz consigo o halo ou aura de forças criativas ou destrutivas que lhe marca a índole, no feixe de raios invisíveis que arroja de si mesma. É por esse halo que estabelecemos as nossas ligações de natureza invisível nos domínios da afinidade. (Pensamento e Vida - Emmanuel - Cap. 22)

QUE FORÇAS ATRAEM AS ALMAS?

As forças múltiplas do pensamento. Os mundos atuam uns sobre os outros pelas irradiações que despendem e as almas influenciam-se mutuamente, por intermédio dos agentes mentais que produzem.

Idéias e sentimentos transmitem-se pelo pensamento em ação, em obediência à lei da afinidade.



Forças do:
amor/ódio,
paixões, vícios

Estudando André Luiz – pág. 123

5.3. Mente: Base do intercâmbio entre encarnados e desencarnados

As bases de todos os serviços de intercâmbio, entre os desencarnados e encarnados, repousam na mente, não obstante as possibilidades de fenômenos naturais, no campo da matéria densa, levados a efeito por entidades menos evoluídas ou extremamente consagradas à caridade sacrificial.

De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito.

Daí procede a necessidade de renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé ativa, se pretendemos conservar o contacto com os Espíritos da Grande Luz.

Simbolizemos nossa mente como sendo uma pedra inicialmente burilada. Tanto quanto a do animal, pode demorar-se, por muitos séculos, na ociosidade ou na sombra, sob a crosta dificilmente permeável de hábitos nocivos ou de impulsos degradantes, mas se a expomos ao sol da experiência, aceitando os atritos, as lições, os dilaceramentos e as dificuldades do caminho por golpes abençoados do buril da vida, esforçando-nos por aperfeiçoar o conhecimento e melhorar o coração, tanto quanto a pedra burilada reflete a luz, certamente nos habilitamos a receber a influência dos grandes gênios da sabedoria e do amor, gloriosos expoentes da imortalidade vitoriosa, convertendo-nos em valiosos instrumentos da obra assistencial do Céu, em favor do reerguimento de nossos irmãos menos favorecidos e para a elevação de nós mesmos às regiões mais altas.

A fim de atingirmos tão alto objetivo é indispensável traçar um roteiro para a nossa organização mental, no Infinito Bem, e segui-lo sem recuar.

Precisamos compreender - repetimos - que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual.

Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações, invocações e apelos.

Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.

Nosso êxito ou fracasso dependem da persistência ou da fé com que nos consagramos mentalmente aos objetivos que nos propomos alcançar.

Semelhante lei de reciprocidade impera em todos os acontecimentos da vida.

Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais nos colocamos em sintonia.

Nos mais simples quadros da natureza, vemos manifestado o princípio da correspondência.

Na mediunidade, essas leis se expressam, ativas.

Mentes enfermiças e perturbadas assimilam as correntes desordenadas do desequilíbrio, enquanto que a boa-vontade e a boa intenção acumulam os valores do bem.

Ninguém está só.

Cada criatura recebe de acordo com aquilo que dá.

Cada alma vive no clima espiritual que elegeu, procurando o tipo de experiência em que situa a própria felicidade.

Estejamos, assim, convictos de que os nossos companheiros na Terra ou no Além são aqueles que escolhemos com as nossas solicitações interiores, mesmo porque, segundo o antigo ensinamento evangélico, "teremos nosso tesouro onde colocarmos o coração".

5.4. Todos somos médiuns por efeito de sintonia

Todos nós somos médiuns, entendida esta afirmativa no sentido de que oferecemos, por efeito de sintonia magnética, receptividade às sugestões da Espiritualidade, sugestões que se tornam de mais fácil realização segundo nossas disposições mentais.

Há, entre nós e o plano espiritual, um clima de constante e indefectível reciprocidade vibratória.

Espíritos agressivos, maldosos, cruéis, influem mais preponderantemente sobre os encarnados do mesmo teor moral.

Criaturas tranqüilas, bondosas, sensíveis, sintonizam-se com Espíritos da mesma ordem, absorvendo-lhes as inspirações generosas e puras.

Tudo está em nós, seja no bom, seja no mau sentido.

Nossa mente é fulcro energético, criando forças que se associam, no plano espiritual, com energias semelhantes.

Emmanuel enriquece esta referência com as seguintes palavras: *De qualquer modo, porém, é no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão de espírito a espírito.*

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 234

A mediunidade é um dom inerente a todos os seres com faculdade de respirar, e cada criatura assimila as forças superiores ou inferiores com as quais sintonizar. Por isso mesmo, o Divino Mestre recomendou-nos a oração e vigilância, para não cairmos nas sugestões do mal, porque a tentação é o fio de forças vivas a irradiar-se de nós, captando os elementos que lhes são semelhantes e tecendo, assim, ao redor de nossa alma, espessa rede de impulsos, por vezes irresistíveis.

Nos Domínios da Mediunidade – André Luiz – cap. V

Se estudas mediunidade e percebes que ela se baseia, acima de tudo, em princípios de sintonia, pondera nas forças desequilibradas que atuam, freqüentemente, por trás da pessoa aparentemente sadia.

Encontro Marcado – Emmanuel – pág. 90

5.5. Caso: Sexo e Mediunidade

PESSOA OBSERVADA

Rapaz que se exercitava no desenvolvimento mediúnico, freqüentando um centro numa cidade brasileira, em que o Espírito Alexandre era mentor. Casado há oito meses, no entanto era atraído irresistivelmente para ambientes malignos, não resistindo às atrações de atividades doentias no campo sexual, tornando-se por isto mesmo ponto de atração para entidades grosseiras no mundo espiritual, que agiam à maneira de imperceptíveis vampiros.

O pobrezinho ainda não pode compreender, que o corpo físico é apenas leve sobre o corpo perispiritual, e não se capacitou de que a prudência, em matéria de sexo, é equilíbrio da vida, e recebendo as nossas advertências sobre a temperança, acredita ouvir remotas lições de aspecto dogmático exclusivo, no exame da fé religiosa.

A pretexto de aceitar o império da razão pura, na esfera da lógica, admite que o sexo nada tem que ver com a espiritualidade, como se esta não fosse a existência em si. Esquece-se que tudo é espírito, manifestação divina e energia eterna.

O erro de nosso irmão é o de todos os religiosos que supõem a alma separada do corpo físico, quando todas as manifestações psicofísicas se derivam da influência espiritual.

ORIGEM DAS ENTIDADES ACOMPANHANTES

- Os dois infelizes que se apegam tão fortemente ao rapaz, são dois companheiros, ignorantes e perturbados que ele adquiriu em contato com o meretrício. De leviandade em leviandade, criou certos laços com certas entidades ainda atoladas no pântano de sensações do meretrício, das quais se destacam, por mais perseverantes, as duas criaturas que ora se lhe agarram, quase integralmente sintonizadas com o seu campo magnético pessoal. O pobrezinho não se apercebeu dos perigos que lhe são invisíveis, tão fracos e viciados quanto ele próprio.

RECURSOS DE LIBERTAÇÃO

- E não haverá recurso para libertá-lo? - indagou André Luiz, emocionado.

- Mas quem deverá romper as algemas, senão eles mesmos? - respondeu Alexandre - nunca lhes faltou o auxílio exterior de nossa amizade permanente; no entanto, eles próprios alimentam-se uns aos outros, no terreno das sensações sutis, absolutamente imponderáveis para os que lhes não possa sondar o mecanismo íntimo. É inegável que procuram, agora, os elementos de libertação. Aproximam-se da fonte de esclarecimento elevado, sentem-se cansados da situação, e experimentam, efetivamente o desejo de vida nova; - contudo, esse desejo é mais dos lábios do que do coração, por constituir aspiração muito vaga, quase nula. Se, de fato, cultivassem a resolução positiva, transformariam suas forças pessoais, tornando-se determinantes, no domínio da ação regeneradora. Esperam, energias próprias, únicas alavancas da realização.

TENTATIVAS FRACASSADAS

André Luiz, no afã de conseguir solução imediata para o desligamento das entidades infelizes, propõe:

a) Provocar a retirada dos vampiros inconscientes. Esta solução foi tentada, - explicou Alexandre, mas nosso amigo afirmou, intimamente, sentir-se menos homem, levando humildade à conta de covardia, e tomando o desapego aos impulsos inferiores por tédio destruidor, invocando mentalmente as duas entidades e atraindo-as novamente para o seu convívio.

b) Doutrinação das entidades:

- semelhante recurso - falou Alexandre - não foi esquecido. Essa providência vem sendo efetuada com perseverança e métodos precisos. Todavia, nosso irmão encarnado converteu-se em poderoso ímã de atração, e a medida exige tempo e tolerância fraternal. De qualquer modo, esteja convicto de que toda a assistência tem sido prestada aos amigos e sob nossas observações.

Missionários da Luz – André Luiz – cap. III

5.6. Caso: Mediunidade no bar

Identificação dos personagens

OBSEDADO

Rapaz que escrevia, sentado em mesa lautamente provida, de um restaurante barato, fumando com volúpia, tomando conhaque; casa cheia, não só de fumantes e bebedores inveterados, como de criaturas desencarnadas de triste feição.

OBSESSOR

Entidade digna de compaixão pelo aspecto repelente em que se mostrava e que dominava o rapaz que escrevia, escrevia...

MENTOR

Áulus, André Luiz e Hilário Silva, que entraram na casa de pasto para colheita de alguns registros interessantes no sentido do aprendizado, ao cair da noite, aproveitando o tempo enquanto aguardavam o horário de início das atividades do centro espírita que visitariam logo após.

Ocorrências no campo da aura

FORÇAS DE ATRAÇÃO

O que unia a dupla eram as forças viciadas da malícia.

O rapaz, operoso lidador da imprensa, para atender ao pedido de amigo influente, procurava exagerar a participação de uma jovem em homicídio que envolvera sua família.

O desencarnado, ferrenho perseguidor da menina, interessava-se em exagerar-lhe a participação na ocorrência, com o fim de martelar-lhe a mente apreensiva e arrojá-la aos abusos da mocidade. Usando calculadamente o rapaz com quem se afinizava, pretendia alcançar o noticiário de sensação, para deprimir a vida moral da jovem e com isso amolecer-lhe o caráter, trazendo-a, se possível, ao charco vicioso em que ele próprio jaz.



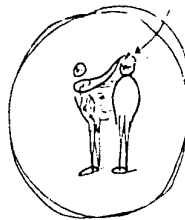
Forças viciadas da malícia

Entre as excitações do álcool e do fumo que saboreavam juntos, pretendiam provocar uma reportagem perniciososa...

Via-se-lhes a absoluta associação na autoria dos caracteres escritos...

O rapaz tinha o cérebro embebido em substância escura e pastosa que escorria das mãos do triste companheiro desencarnado que o enlaçava.

Fluidos negros



Áulus: O rapaz encarnado tem as células do pensamento integralmente controladas pelo infeliz cultivador de crueldade sob a nossa vista. Imanta-se-lhe à imaginação e lhe assimila as idéias, atendendo-lhe aos propósitos escusos, através dos princípios da indução magnética, de vez que o rapaz, desejando produzir páginas escabrosas, encontrou quem lhe fortaleça a mente e o ajude nesse mister.

Mediunidade

Seria médium o jovem jornalista?

Áulus: Nosso irmão desconhecido é hábil médium psicógrafo.

Hilário: Todavia, será ele um médium na acepção real do termo? Será peça ativa em agrupamento espírita comum?

Áulus: Não. Não está sob qualquer disciplina espiritualizante. É um moço de inteligência vivaz, sem maior experiência da vida, manejado por entidades perturbadoras.

Então, mesmo entre entidades viciosas, valendo-se de pessoas que com elas se afinam numa perfeita comunhão de forças inferiores, seria lícito ver a mediunidade em ação?

Áulus: Sem qualquer dúvida. Recursos psíquicos, nesse ou naquele grau de desenvolvimento, são peculiares a todos, tanto quanto o poder de locomoção ou a faculdade de respirar, constituindo forças que o Espírito encarnado ou desencarnado pode empregar no bem ou no mal de si mesmo. Ser médium não quer dizer que a alma esteja agraciada por privilégios ou conquistas feitas. Muitas vezes é possível encontrar pessoas altamente favorecidas com o dom da mediunidade mas dominadas, subjugadas por entidades sombrias ou delinqüentes, com as quais se afinam de modo perfeito, servindo ao escândalo e à perturbação, em vez de cooperarem na extensão do bem. Por isso é que não basta a mediunidade para a concretização dos serviços que nos competem. Precisamos da Doutrina do Espiritismo, do Cristianismo Puro, a fim de controlar a energia medianímica, de maneira a mobilizá-la em favor da sublimação espiritual na fé religiosa, tanto quanto disciplinamos a eletricidade, a benefício do conforto na civilização.

Pergunta de André

- Conseguirá o espírito que persegue a jovem atingir os seus fins?

Áulus: Quem sabe? Naturalmente a jovem teria escolhido o gênero de provações que atravessa, dispondo-se a lutar, com valor, contra as tentações.

Hilário: E se não puder combater com a força precisa?

Áulus: Será mais justo dizer "se não quiser", porque a Lei não nos confia problemas de trabalho superiores à nossa capacidade de solução. Assim, pois, caso não delibere guerrear a influência destrutiva, demorar-se-á por muito tempo nas perturbações a que já se encontra ligada em princípio.

Hilário: Tudo isso por que?

Áulus: Indiscutivelmente, a jovem e o infeliz que a persegue estão unidos um ao outro desde muito tempo... Terão estado juntos nas regiões inferiores da vida espiritual, antes da reencarnação com que a menina presentemente vem sendo beneficiada. Reencontrando-a na experiência física, de cujas vantagens ainda não partilha, o desventurado companheiro tenta incliná-la, de novo, à desordem emotiva, com o objetivo de explorá-la em atuação vampirizante.

Conceitos gerais

Outras abordagens dentro do caso: Quando André Luiz, Hilário e Áulus passavam na porta do referido restaurante, um homem maduro em deploráveis condições de embriaguez era retirado de dentro, sendo arrastado por dois guardas para o carro policial.

Achava-se o pobre amigo abraçado por uma entidade da sombra, qual se um polvo estranho o absorvesse. Reparamos que a bebedeira alcançava os dois porquanto se justapunham completamente um ao outro, exibindo as mesmas perturbações, - descreve André Luiz.



... Como um polvo

Dentro do restaurante, algumas entidades desencarnadas sorviam as baforadas de fumo arremessadas ao ar, ainda aquecidas pelo calor dos pulmões que as expulsavam, nisso encontrando alegria e alimento. Outras aspiravam o hálito de alcoólatras impenitentes.

Áulus: Muitos de nossos irmãos, que já se desvencilharam do vaso carnal, se apegam com tamanho desvario às sensações da experiência física que se casam àqueles nossos amigos terrestres temporariamente desequilibrados nos desagradáveis costumes por que se deixam influenciar.



Nos Domínios da Mediunidade - André – cap. 15

5.7. Reação educativa

909. Poderia sempre o homem, pelos seus esforços, vencer as suas más inclinações?

“Sim, e, freqüentemente, fazendo esforços muito insignificantes. O que lhe falta é a vontade. Ah! Quão poucos dentre vós fazem esforços!”

910. Pode o homem achar nos Espíritos eficaz assistência para triunfar de suas paixões?

“Se o pedir a Deus e ao seu bom gênio, com sinceridade, os bons Espíritos lhe virão certamente em auxílio, porquanto é essa a missão deles.”

911. Não haverá paixões tão vivas e irresistíveis, que a vontade seja impotente para dominá-las?

“Há muitas pessoas que dizem: Quero, mas a vontade só lhes está nos lábios. Querem, porém muito satisfeitas ficam que não seja como "querem". Quando o homem crê que não pode vencer as suas paixões, é que seu Espírito se compraz nelas, em consequência da sua inferioridade. Compreende a sua natureza espiritual aquele que as procura reprimir. Vencê-las é, para ele, uma vitória do Espírito sobre a matéria.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 3ª – cap. XII

Uma das perguntas do mestre lionês: Pode o homem eximir-se da influência dos Espíritos que procuram arrastá-lo ao mal?

A resposta foi afirmativa, eis que os Espíritos menos felizes somente podem impor suas vontades às mentes que se afinam com eles, uma vez que o problema da sintonia vige em todos os fenômenos de que participa a mente humana.

Espíritos incorretos não podem levar o homem digno a se tornar um trãnsfuga da sociedade, a não ser que tal homem possua, em si mesmo, manifestos, os germes do desacerto e das tendências inferiores, prontos a desabrocharem tão logo surjam condições propícias.

Entidades desequilibradas, por mais insistentes que sejam, tendem a afastar-se daqueles que se negam atender suas estranhas vontades. Se resistimos, com firmeza e constância, evidentemente fogem eles para outros sítios mentais, onde lhes seja possível dar expansão aos seus propósitos. Materializarem, enfim, seus infelizes desígnios.

Indaga o insigne Codificador como pode o homem neutralizar a influência de Espíritos desumanos, tendo obtido a resposta de que a prática do bem e a fé em Deus repelem a influência dos Espíritos inferiores. Frustram-lhes o império que pretendam exercer sobre a mente encarnada.

O Pensamento de Emmanuel – Martins Peralva – pág. 232

Vigiemos o uso que fazemos de nosso corpo (é um templo bendito para aprendizado, resgate, serviço e comunicação com nossos semelhantes); evitemos prejudicá-lo com desvios e excessos de qualquer tipo.

Vigiemos nossa conduta espiritual, em todos os instantes e circunstâncias, para não prejudicarmos nosso perispírito nem cedermos às influências perniciosas, de encarnados ou desencarnados.

Teremos, por recompensa, assegurada nossa integridade, saúde, segurança e bem estar, material e espiritual.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho

479. A prece é um meio eficaz para afastarmos os espíritos inferiores?

“A prece é um poderoso socorro para todos os casos, mas sabei que não é suficiente murmurar algumas palavras para obter o que se deseja. Deus assiste aos que agem e não aos que se limitam a pedir. Cumpre, portanto, que o encarnado faça, de seu lado, o que for necessário para destruir em si mesmo a causa que atrai os maus espíritos.”

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec – Parte 2ª – cap. IX

A reação educativa contra o mal, é sempre um dever nosso, mas antes de cogitar dum desenvolvimento psíquico, que seria talvez prematuro, deveremos procurar a elevação de nossas idéias e sentimentos. Não poderíamos contar com uma boa mediunidade sem a consolidação dos nossos bons propósitos, e para sermos úteis, nos reinos do Espírito, cabe-nos aprender, em primeiro lugar, a viver espiritualmente, embora ainda estejamos na carne.

* * *

O espiritismo cristão é a reminiscência do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, e a mediunidade constitui um de seus fundamentos vivos. A mediunidade, porém, não é exclusiva dos chamados "médiuns". Todas as criaturas a possuem, porquanto significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. (referia-se a eles, espíritos, pois dirigia-se a André Luiz). Não bastará, entretanto, perceber, é imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem. A maioria dos candidatos ao desenvolvimento dessa natureza, contudo, não se dispõe aos serviços preliminares de limpeza do vaso respectivo. Dividem, inexoravelmente a matéria e o espírito, localizando-os em campos opostos, quando nós, estudantes da verdade, ainda não conseguimos identificar rigorosamente as fronteiras entre uma e outra, integrados na certeza de que toda a organização universal se baseia em vibrações puras. Inegavelmente, meu amigo - e sorriu -, não desejamos transformar o mundo em cemitério de tristeza e desolação. Atender a santificada missão do sexo, no seu plano respeitável, usar um aperitivo comum, fazer a boa refeição, de modo algum significa desvios espirituais; no entanto, os excessos representam desperdícios lamentáveis de força, os quais retêm a alma nos círculos inferiores. Ora, para os que se trancafiam nos cárceres da sobra, não é fácil desenvolver percepções avançadas. Não se pode cogitar de mediunidade construtiva, sem o equilíbrio construtivo dos aprendizes, na sublime ciência do bem viver.

Missionários da Luz – André Luiz – cap. III

5.8. Hábitos, vícios e mediunidade

A mediunidade a serviço do Bem é incompatível com certos hábitos e com toda espécie de vícios. A mediunidade de cura carrega uma grande responsabilidade diante dos enfermos. O médium viciado, por meios que escapam até mesmo à sua sensibilidade, transfere para o doente o miasma oriundo dos vícios, aquele magnetismo inferior que representa uma doação imprestável.

O cigarro, adotado por certos homens como distração, passa a dominá-los como necessidade e avança ainda mais, ficando na escala dos vícios. O homem, esse grande ser dotado de inteligência e razão, que domina todas as coisas, é dominado, dependendo, para viver, desse ato inferior para o qual arruma mil desculpas sem fundamentos, que lhe permitam sustentar a sua inferioridade e desrespeitar os que não usam o fumo. O fumo não faz mal somente ao físico. Atinge, por meios sutis, outros corpos que o espírito usa. Não estamos combatendo nada, estamos apenas mostrando o que, por vezes, escapa ao entendimento de muitos.

A intriga, muito comum nos meios humanos e que pertence a variadas escalas, perturba a função mediúcnica, distorcendo as forças do bem, e impedindo que o fluido cósmico, na sua candidez, viaje por todos os centros de forças encaixados no corpo espiritual com o seu seguro desempenho.

O álcool em excesso, além de provocar ruptura em delicadas membranas protetoras que separam o mundo espiritual do mundo físico, desativa e retarda as vibrações do centro energético esplênico, interrompendo a distribuição de forças vitais a todo o organismo, impedindo as próprias glândulas endócrinas da fabricação adequada de hormônios, elementos indispensáveis à vida humana, além de outras responsabilidades que têm esses instrumentos louváveis do corpo humano.

O centro de força esplênico irradia uma luz rosa encantadora no homem dotado de equilíbrio, que já aprendeu a cultivar as virtudes mencionadas pelo Evangelho de Jesus. Tais virtudes devem ser cultivadas pelo médium, consciente desses tesouros que Deus concedeu a todos. O desinteresse pelo Bem, principalmente da comunidade que o cerca, trava as pétalas de luz de alta velocidade do centro coronário - que, nos espíritos evoluídos, se manifestam com policromias indescritíveis - e este se escurece pelo que recebe da mente viciada e sem disposição para a caridade e o amor.

O sexo em demasia, canalizado pela distorção da mente eivada de pensamentos inferiores, embrutece a área dos sentimentos, e o centro cardíaco, que no homem de bem desprende luzes de um amarelo mesclado com azul celeste, no sexualista exagerado passa a soltar um vermelho de cor distonante pela violência que recebeu dos impulsos inferiores.

A maledicência e o humor picante são vícios terríveis que igualmente modificam todo o sistema de irrigação vital, que acompanham o grande rio sanguíneo, na sua manifestação de vida em todo o complexo humano.

Não nos parece necessário falar mais dos desvios da mediunidade, pois pelo que já vimos, podemos deduzir as conseqüências das outras no campo mediúnico. A iniquidade é campo fértil para a desarmonia, e a desarmonia é festa para as sombras. Se o companheiro ainda não tem forças para se libertar dos hábitos incômodos e dos vícios perniciosos, não intente, por enquanto, desenvolver teus dons espirituais, porque uma coisa não pode se misturar à outra, para que não advenham terremotos internos e conflitos incompreensíveis. Todavia, para tudo existe solução e esta se encontra no trabalho da caridade, desde que não se exija nada em troca, pelo teu dever de ajudar aos teus irmãos carentes.

Faze-te companheiro do bom livro, que ele te orienta, e torna-te amigo de homens que se entregaram à reforma moral, que eles vão ajudar-te nos primeiros passos na senda da verdade. Tudo o que procuras existe dentro de ti, até o próprio céu.

Os vícios somente prendem e usam seu poder sobre os inferiores, que neles se deliciam das coisas transitórias, por desconhecerem as belezas eternas que as virtudes restabelecem nos corações.

Se és médium curador, procura analisar a tua vida. Mas faze isso todos os dias e exige de ti mesmo uma mudança, se for o caso. Aquela que obedece à lei da harmonia, mas que nunca pára de modificar para melhor.

A missão da criatura que já se libertou das inferioridades morais é ajudar aos outros no silêncio dos exemplos, com o mesmo sorriso e a mesma dedicação dos discípulos do Mestre, quando chamados por Ele a servir de instrumentos de educação para a humanidade. Sê um deles na feição que te agrada trabalhar. Faze tudo com amor, que o amor tem a força de transportar todos os vícios, lançando-os para fora, e

instalando a luz no seu mundo interno, para que viceje a verdadeira felicidade no centro de teu coração e nele nasça o Cristo, convidando-O para o banquete de luz, na luz de Deus.

Longe de nós incentivar o fanatismo. Apenas procuramos irmãos de boa vontade para o equilíbrio das nossas forças espirituais, dominando os instintos animais que, porventura, queiram nos impedir na conquista da nossa liberdade. O médium que ainda não se esqueceu dos vícios, anda com passos largos para as casas de alienados mentais, onde vai aprender pela dor o que não se dispôs a conquistar pelo amor.

Àquele que quer se renovar interiormente não lhe faltarão as mãos benfeitoras da espiritualidade maior, amparando-o em todos os seus esforços, como bênçãos de Deus e como misericórdia de Jesus aos filhos que pedem a melhoria não só com palavras, mas com os próprios esforços.

Vamos dar-nos as mãos, espíritos e homens, com lealdade, para melhor compreendermos o Evangelho do Mestre e, nessa sintonia dos nossos corações com Ele, nada mais teremos a esperar, senão a luz.

Segurança Mediúnica – Miramez – pág. 141

6. Mediunidade: Como praticá-la

6.1. O meio em que vivemos

Nossa vida não é material, é espiritual e como tal regida pela mente. Alimentamo-nos de matéria para sustento do corpo, mas vivemos de anseios, sonhos, aspirações, idéias e impulsos espirituais que brotam do nosso íntimo ou nos chegam em forma de sugestões e, às vezes, de envolvimento emocional do meio em que vivemos, das mente encarnadas e desencarnadas que nos cercam e convivem conosco.

Mediunidade Prática – J. Herculano Pires – pág. 119

6.2. Mediunidade: Percepção de todas as criaturas

- É justo considerarmos todos os homens como médiuns?

- Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando, pelo avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos.

Na atualidade, porém, temos de reconhecer que no campo imenso das potencialidades psíquicas do homem existem os médiuns com tarefa definida, precursores das novas aquisições humanas. É certo que essas tarefas reclamam sacrifícios e se constituem, muitas vezes, de provações ásperas; todavia, se o operário busca a substância evangélica para a execução de seus deveres, é ele o trabalhador que faz jus ao acréscimo de misericórdia prometido pelo Mestre a todos os discípulos de boa-vontade.

O Consolador – Emmanuel – pág. 214

Asseverou Allan Kardec que todas as criaturas são médiuns.

E na atualidade, em confirmação ao que diz o mestre lionês, Emmanuel esclarece:

"Todos os homens têm o seu grau de mediunidade, nas mais variadas posições evolutivas, e esse atributo do espírito representa, ainda, a alvorada de novas percepções para o homem do futuro, quando,

pele avanço da mentalidade do mundo, as criaturas humanas verão alargar-se a janela acanhada dos seus cinco sentidos".

Mediunidade e Evolução – Martins Peralva – pág. 94

A mediunidade não é exclusiva dos chamados "médiuns". Todas as criaturas a possuem, porquanto significa percepção espiritual, que deve ser incentivada em nós mesmos. Não bastará, entretanto, perceber. É imprescindível santificar essa faculdade, convertendo-a no ministério ativo do bem.

Pérolas do Além – Chico Xavier – pág. 148

Há tanta variedade de médiuns como de mediunidades, visto que não é pequena a variedade de corpos e de aptidões; depende, portanto, de cada um, estudar essas aptidões em si mesmo, bem como nos que o cercam, para liberar a causa produtora dos fenômenos e assim reconhecer a sua utilidade.

Médiuns e Mediunidade – Caibar Schutel – pág. 21

É natural que nos comuniquemos com os espíritos desencarnados e eles conosco, porque também somos espíritos, embora estejamos encarnados.

Pelos sentidos físicos e órgãos motores, tomamos contato com o mundo corpóreo e sobre ele agimos. Pelos órgãos e faculdades espirituais mantemos contato constante com o mundo espiritual, sobre o qual também atuamos.

Todas as pessoas, portanto, recebem a influência dos espíritos.

A maioria nem percebe esse intercâmbio oculto, em seu mundo íntimo, na forma de pensamentos, estados de alma, impulsos, pressentimentos, etc..

Mas há pessoas em que o intercâmbio é ostensivo. Nelas, os fenômenos são marcantes, acentuados, bem característicos (psicofonia, psicografia, efeitos físicos, etc.), ficando evidente uma outra individualidade, a do espírito comunicante. A essas pessoas, Allan Kardec denomina médiuns.

Médium é uma palavra neutra, de origem latina; quer dizer medianeiro, que está no meio. De fato, o médium serve de intermediário entre o mundo físico e o espiritual, podendo ser o intérprete para o espírito desencarnado.

Mediunidade é a faculdade que permite sentir e transmitir a influência dos Espíritos, ensejando o intercâmbio, a comunicação entre o mundo físico e o espiritual. (faculdade: capacidade que pode ou não ser usada)

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º Fascículo – pág. 114

6.3. Verdadeira definição

- Qual a verdadeira definição da mediunidade?

- A mediunidade é aquela luz que seria derramada sobre toda carne e prometida pelo Divino Mestre aos tempos do Consolador, atualmente em curso na Terra.

A missão mediúnica, se tem os seus percalços e as suas lutas dolorosas, é uma das mais belas oportunidades de progresso e de redenção concedidas por Deus aos seus filhos misérrimos.

Sendo luz que brilha na carne, a mediunidade é atributo do Espírito, patrimônio da alma imortal, elemento renovador da posição moral da criatura terrena.

O Consolador – Emmanuel – pág. 213

6.4. Medo da mediunidade

Há muitos que temem os Espíritos.

Por razões interiores, obscuras por vezes até à própria criatura, muitos de nossos irmãos de caminhada que se aproximam dos círculos luminosos do Espiritismo-cristão trazem e sustentam dentro de si uma espécie de temor pelas manifestações espirituais.

Alguns, por terem visto médiuns deseducados.

Outros, pelo jugo de seus perturbadores ou obsessores que encontram no medo o mais eficiente meio de ligação e amplo domínio das suas aparentes vítimas, por destrambelhar-lhes o campo magnético individual.

Raros, porém, admitirão tal receio.

Preferirão afastar-se, sob alegações várias, a ter que confessar o seu temor pelos Espíritos ou pela mediunidade. E se forem abordados sobre o tema, não titubearão em afirmar que jamais temeram tais coisas.

O medo, contudo, existe esmagadoramente.

É o fruto da ausência de esclarecimento Doutrinário.

A criatura ainda não sentiu a Espiritualidade como um dos departamentos normais da Vida, que coexiste conosco em todos os lugares e em todos os recantos, independentemente do registro que façamos ou não dessa realidade através do sexto-sentido mediúcnico.

Mas, não se afasta o temor com ironia.

Nem com o sarcasmo.

Menos ainda com fanfarrônicas e valentias tolas.

E menos ainda com sermões!

Todos os candidatos à mediunidade devem ser inteirados de que a grande maioria dos encarnados, inclusive aqueles que afirmam crer na existência de espíritos, temem a sua ação e o seu contato em maior ou menor intensidade – enquanto não alcançam noções efetivas e claras sobre o tema.

À medida que dominam os postulados básicos da Doutrina Espírita irão se sentindo unidos aos Mentores da Vida Maior e, além desse contato salutar e renovador, irão descobrindo que a Espiritualidade é semelhante à nossa própria vida, regida por Leis imutáveis e sem nenhuma ocorrência imprevisível ou não controlável.

Não é uma luta constante contra o receio.

É tão somente uma auto-iluminação paulatina, uma despreocupação com as atuais fobias, uma desvinculação dos planos menos felizes do mundo espiritual, um domínio lento e sistemático dos princípios codificados por Allan Kardec – e o medo irá desaparecendo gradualmente, dia a dia, do mediano, quase sem que este se aperceba da sua renovação íntima.

Natural que para tal progressão tudo será graduado.

Nada de deter-se em ângulos da Espiritualidade que possam apavorar os recém-vindos, visando torná-los dependentes de nossas reuniões. Nem pintar os panoramas do Além com as tintas negras de uma imaginação doentia. Nem enfileirar narrativas fantasmagóricas e falsas, qual se estivéssemos revivendo as histórias de “bicho papão” para disciplinar crianças através de condicioná-las a fobias incontáveis.

As lições serão serenas e naturais.

Graduadas, desapressadas, indicando os livros nobres de nossa biblioteca Espírita, visando ajudá-los a crescer interiormente com segurança – os ensinamentos serão quase homeopáticos, fugindo da tumultuação da aprendizagem ou da intoxicação do informante com fábulas e tolices dispensáveis.

O laço de confiança do médium com o agrupamento que o acolhe fará a sua integração afetiva, permitindo-lhe reorganizar-se intimamente e reduzindo as suas fobias de modo admirável. Por isso, o médium em desenvolvimento deve sentir-se amparado individualmente.

O medo é um sintoma de enfermidade psíquica comum.

Precisa ser estudado e conhecido seriamente pelos orientadores do desenvolvimento mediúnico, por ser um dos males silenciosos que mais distancia as criaturas dos círculos respeitáveis do Espiritismo-cristão.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho – pág. 149

6.5. Quem apresenta perturbações é médium?

Muitas vezes, ao eclodir a mediunidade, a pessoa costuma dar sinais de sofrimento, perturbação, desequilíbrio. Firmou-se até um conceito errado entre o povo: se uma pessoa se mostra perturbada deve ter mediunidade.

Entretanto, a mediunidade não é doença nem leva à perturbação, pois é uma faculdade natural. Se a pessoa se perturba ante as manifestações mediúnicas é por sua falta de equilíbrio emocional e por sua ignorância do que seja a mediunidade, ou porque está sob a ação de maus espíritos.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psiquicamente, através de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Deve-se recomendar, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas, caso em que o tratamento será feito pela medicina.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja equilibrado e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º fascículo – pág. 114

6.6. Sinais de mediunidade

Os sinais que podem indicar mediunidade são muitos e variados.

A mediunidade fica bem caracterizada, quando:

- Há vidência ou audição no plano fluídico.
- Se dá o transe psicofônico (mediunidade falante) ou psicográfico (mediunidade escrevente).
- Há produção de efeitos físicos onde a pessoa se encontra.

Mas nem sempre é fácil e rápido distinguir as manifestações mediúnicas, quando em seu início, das perturbações fisiopsíquicas.

Eis alguns sinais que, se não tiverem causas orgânicas, podem indicar que a pessoa tem facilidade para a percepção de fluidos, para o desdobramento (que favorece o transe) ou que está sob a atuação de espíritos:

- Sensação de “presenças” invisíveis.
- Sono profundo demais, desmaios e sínopes inexplicáveis.
- Sensações ou idéias estranhas, mudanças repentinas de humor, crises de choro.
- “ballonemente” (sensação de inchar, dilatar) nas mãos, pés ou em todo o corpo, como resultado de desdobramento perispiritual.

- Adormecimento ou formigamento nos braços e pernas.
- Arrepios de frio, tremores, calor, palpitações.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º fascículo – pág. 115

6.7. Mediunidade e seu desenvolvimento

A eclosão da mediunidade, como faculdade natural, não depende de lugar, idade, sexo, condição social, moral ou filiação religiosa.

Não devemos forçar a eclosão da mediunidade. Mas não só podemos como devemos oferecer condições apropriadas para que, nos que a possuam, ela venha a aflorar natural e equilibradamente, e eles saibam como usá-la. E quando ela aflorou sem esse preparo prévio do médium, é preciso orientá-lo, para que os fenômenos se disciplinem e ele empregue acertadamente sua faculdade.

Para o desenvolvimento da mediunidade, somente deve ser encaminhado quem esteja saudável, equilibrado, e doutrinariamente esclarecido e conscientizado.

Não se deve colocar em trabalho mediúnico quem apresente perturbações. Primeiro, é preciso ajudar a pessoa a se equilibrar psicologicamente, através de passes, vibrações e esclarecimentos doutrinários. Conforme o caso, se recomendará, também, a visita ao médico, porque a perturbação pode ter causas físicas, caso em que o tratamento compete à Medicina.

Estudos Sobre Mediunidade – CEAK/SP – Unidade I – pág. 14

- Gostaria de saber como uma pessoa pode notar que é dotada de mediunidade, quais as vantagens espirituais oferecidas pela mesma, e como essa pessoa deve proceder?

- Vamos dizer, a mediunidade é peculiar a toda criatura humana; todas as pessoas são portadoras de valores mediúnicos que podem ser cultivados ao máximo, desde que a criatura se dedique a esse gênero de trabalho espiritual. De modo que, muitas vezes, encontramos uma certa dificuldade no problema mediúnico dentro da Doutrina Espírita.

De modo geral, a pessoa só se diz médium quando se sente vinculada a um processo obsessivo; quando sente arrepios, muita perturbação, muito assédio, muita angústia, então se diz que essa pessoa é médium. Bem, aí já é médium assediado, médium doente. A mediunidade está enferma. Mas a pessoa sã, em plenitude dos seus valores físicos, pode perfeitamente estudar a própria mediunidade e ver qual o caminho que suas faculdades mediúnicas podem tomar.

Uma criatura que desenvolva a sua própria mediunidade, desenvolve-a educando-se, procurando aprimorar a sua capacidade cultural, os seus valores, vamos dizer, os seus valores de experiência humana, os seus contatos no campo da humanidade, o seu dom de servir; essa criatura encontra na mediunidade, um campo vastíssimo de trabalho e de felicidade, porque a felicidade verdadeira vem do trabalho bem aplicado, daquele trabalho que se constitui um serviço pelo bem de todos.

E o médium, dentro da Doutrina Espírita, é uma criatura não considerada fora de série de criaturas humanas. O médium é um ser humano, com as fraquezas e as perfeições potenciais de toda a criatura terrestre.

Então, a Doutrina Espírita é Mãe Generosa porque acolhe a criatura humana e faz dela um médium, mesmo que tenha muitos erros e muitos acertos, mas, depois, do curso do tempo, os acertos vão abafando os erros e a criatura pode terminar a existência com grande merecimento. Porque pelo trabalho na mediunidade, trabalho pelo bem comum, ela vence esse peso, que é o mais importante no mundo. Vencer a nós mesmos do ponto de vista das tendências inferiores que estejamos carregando. Falo isso a meu respeito, porque não creio que ninguém carregue tanta imperfeição como eu...

Entrevistas – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 101

Do ponto de vista espírita, desenvolver mediunidade não é apenas sentar-se à mesa mediúnica e dar comunicações.

É apurar e disciplinar a sensibilidade espiritual, (a fim de tê-la nas melhores condições possíveis de manifestação) e aprender a empregá-la dentro das melhores técnicas e visando as finalidades mais elevadas.

Sem essa educação, esse preparo para o correto exercício da mediunidade, o médium poderá fazer mau uso da sua faculdade e provocar situações difíceis e desagradáveis, para si mesmo e os que o cercam.

O desenvolvimento mediúnico abrange providências de natureza tríplice:

- **Doutrinária**

O médium precisa conhecer a Doutrina Espírita para compreender o Universo, a si mesmo e aos outros seres, como criaturas evolutivas, regidas pela lei de causa e efeito.

Atenção especial será dada à compreensão do intercâmbio mediúnico, ação do pensamento sobre os fluidos, natureza e situações dos espíritos no além, perispírito e suas propriedades na comunicação mediúnica, tipos de mediunidade, etc..

- **Técnica**

Exercício prático, à luz do conhecimento espírita, para que o médium saiba distinguir os tipos dos espíritos pelos seus fluidos, concentrar e desconcentrar, entender o desdobramento, controlar-se nas manifestações e analisar o resultado delas, etc..

Observação: quando se inicia a prática mediúnica, pode ocorrer de os sinais precursores se intensificarem e ampliarem. Não pense o médium que seu estado piorou. É que os espíritos estão agindo sobre os centros da sua sensibilidade e preparando o campo para as atividades mediúnicas. Persevere o médium, mantendo o bom ânimo e aos poucos, com a educação de suas faculdades, as sensações ficarão bem canalizadas, não mais causando perturbações.

- **Moral**

Não é preciso aguardar a santidade e o mais perfeito equilíbrio para exercitar a mediunidade. Basta um razoável equilíbrio psíquico, um sincero esforço para o bom proceder, aliados a algum preparo doutrinário em Centro Espírita que enseje ambiente propício e seguro.

Mas é indispensável o esforço pela reforma íntima, a fim de que nos libertemos de espíritos perturbadores e cheguemos a ter sintonia com os bons espíritos, dando orientação superior ao nosso trabalho mediúnico.

A orientação cristã, à luz do Espiritismo, leva-nos à vigilância, oração, boa conduta e caridade para com o próximo, o que atrairá para nós a assistência espiritual superior.

Essa assistência não faltará aos que, com boa vontade e dedicação, procurarem se preparar para o bom uso da mediunidade e a ela se devotarem, no desejo puro de servir ao bem.

É a boa moral que dá ao médium a segurança maior no seu labor mediúnico.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º Fascículo – pág. 115

- O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?
- Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.

- Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se vêem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?

- Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens há privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a

malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; *põe-nos nas mãos deles*. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou.

- Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

- Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio de mais se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.

Allan Kardec – O Livro dos Médiuns – Q. 226: 1ª, 2ª e 3ª

Depende das qualidades morais do médium a aplicação, o uso que ele faz da sua faculdade mediúnica. E determinará de que natureza serão os espíritos que virão a se comunicar por seu intermédio. Se a empregar para o bem, atrairá bons espíritos; se a empregar para o mal, atrairá maus espíritos (lei de sintonia ou afinidade moral).

O médium espírita sabe que deve usar a faculdade que possui exclusivamente para o bem, porque o Espiritismo esclarece que a finalidade da mediunidade é dar o conhecimento da verdade aos homens e promover a melhoria espiritual do próprio médium.

O médium que emprega mal sua faculdade está sujeito facilmente às mistificações, à obsessão, à perda e suspensão da mediunidade e a se constituir em veículo de idéias fantasiosas e prejudiciais.

Estudos Sobre Mediunidade – CEAK/SP – 2º Fascículo – pág. 55

Mediunidade é programa de serviço.

À vista de sua utilidade para nós mesmos, categorizando-nos a posições de maior responsabilidade junto aos Obreiros da Vida Eterna, e de sua função consoladora e sublime a bem do próximo, cabe-nos concluir que o seu desenvolvimento é uma importante conquista de cada um.

Não se pedirá que somente os Anjos ou as criaturas imaculadas venham exercitá-la na face da Terra. Temos de convir que essa faculdade é o meio de relacionar-nos com o Além, visando proporcionar-nos conhecimentos seguros sobre a Espiritualidade e tornar-nos aptos a dirigir-nos a nós mesmos. Mas, embora não tendo que possuir a perfeição para utilizá-la, deveremos dotar-nos de um mínimo de condições que nos assegurem contato enobrecedor.

Não aspiramos ser médiuns egoístas.

Não desejamos a mediunidade orgulho.

Querendo ser médium Espírita-cristão, isto é, matricular-nos nessa Universidade da Vida Maior que é o Espiritismo-cristão da atualidade, cabe-nos a obrigação de conhecer o campo de trabalho a que adentraremos.

Toda Universidade tem vestibular.

As criaturas imbuídas, portanto, de um propósito sério e honesto em relação à mediunidade, deverão iniciar o seu pré-desenvolvimento, começando por interessar-se pela Doutrina dos Espíritos nas obras codificadas por Allan Kardec e na extensão da codificação que são as obras recebidas psicograficamente pelos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira. Daí, deverão partir para a reforma de seus hábitos normais e à reformulação de seus objetivos ou “ambições da vida”.

É uma iniciação religiosa das mais sérias.

Anotemos, contudo, que a iniciação Espírita é dinâmica.

Não é apenas envernizamento do cérebro.

Não se aguarda que alguém seja catedrático ou profundo conhecedor de Espiritismo para só então ter condições mediúnicas. A ilustração mental deverá ser acompanhada de trabalho efetivo e é sua norma que deveremos aprender servindo, porque sozinho também aprendemos.

É burilamento da alma, no mais amplo sentido.

Evangelizar-se, nos comportamentos, é a necessidade.

Não nos confundamos pensando que o desenvolvimento mediúnico se restringe às reuniões especiais onde ensaiaremos a transmissão de mensagens espirituais ao lado de companheiros mais experimentados. Desenvolvimento é polimento moral, renovação de ideais, alargamento de propósitos humanitários, pedindo muita renúncia de nossas preferências habituais para ter sucesso.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacintho – pág. 35

- Qual a maior necessidade do médium?

- A primeira necessidade do médium é evangelizar-se a si mesmo antes de se entregar às grandes tarefas doutrinárias, pois, de outro modo poderá esbarrar sempre com o fantasma do personalismo, em detrimento de sua missão.

O Consolador – Emmanuel – pág. 215

Em qualquer setor de trabalho, a ausência de estudo significa estagnação. Esse ou aquele cooperador que desista de aprender, incorporando novos conhecimentos, condena-se fatalmente às atividades de sub-nível.

Nos Domínios da Mediunidade – André Luiz – cap. XVII

Conseguida a qualidade básica, ou seja, a boa vontade, - prosseguiu Alexandre – o candidato ao serviço precisa considerar a necessidade de sua elevação urgente, para que as suas obras se elevem no mesmo ritmo.

Missionários da Luz – André Luiz – cap. XIX

6.8. *Praticando a mediunidade*

Em Espiritismo, usamos certas práticas para cultivar nossas faculdades espirituais e nos relacionarmos com o plano espiritual. Ex.: a prece, a meditação, o passe, a fluidificação da água, o intercâmbio mediúnico, as reuniões de estudo e de divulgação doutrinária.

Tudo, porém, é feito com simplicidade e sinceridade, sem necessidade de qualquer fórmula ou exterioridade, porque o que age é o pensamento e a vontade. Seguimos, pois, nas práticas espíritas, o exemplo de Jesus que sempre agiu com simplicidade, orando, curando, ensinando sem quaisquer gestos especiais, fórmulas ou condicionamentos.

Há pessoas que não estudaram a Doutrina Espírita e, ao realizarem as práticas espíritas, adotam certos procedimentos que nada têm a ver com o Espiritismo, porque são meras credences, superstições ou exterioridade desnecessária.

Esclareçamos, portanto, que no **Espiritismo não se adota a prática de atos, objetos, cultos exteriores e muitos outros**, tais como:

- Exorcismo para afastar maus espíritos.
- Sacrifícios de animais e, muito menos, de seres humanos.
- Rituais de iniciação de qualquer espécie ou natureza.

- Paramentos, uniforme ou roupas especiais.
- Altares, imagens, andores, ou outros objetos materiais.
- Promessas, despachos, riscadura de cruzeiros e pontos, prática de atos materiais oriundos de quaisquer outras concepções religiosas ou filosóficas.
- Rituais e encenações extravagantes de modo a impressionar o público.
- Confecção de horóscopo, exercício da cartomancia e outras práticas similares.
- Administração de sacramentos como batizados e casamentos, concessão de indulgência e sessões fúnebres ou reuniões especiais para preces particulares a desencarnados.
- Talismãs, amuletos, orações miraculosas, bentinhos, escapulários, breves ou quaisquer outros objetos e coisas semelhantes.
- Pagamento ou retribuição de qualquer natureza por benefício recebido.
- Atendimento de interesses materiais para abrir caminhos.
- Danças, procissões e atos análogos.
- Hinos ou cantos em línguas mortas ou exóticas.
- Incenso, mirra, fumo, velas ou substâncias outras que induzam à prática de rituais.
- Qualquer bebida alcoólica.

Esclareçamos, também que só há um Espiritismo, o que foi codificado por Allan Kardec e por ele assim denominado, não existindo, portanto, diferentes ramificações ou categorias, como “alto” ou “baixo Espiritismo”, “Espiritismo de Mesa”, “Espiritismo Elevado”, ou outras desse gênero.

Curso de Iniciação ao Espiritismo – CEAK/SP – 4º Fascículo – pág. 112

Ajuda, pois, aqueles que no Além-Túmulo sofrem e te advertem com a aflição deles.

Talvez não sejas um grande médium, conhecido e disputado pela louvação dos homens; no entanto, procura constituir-te obreiro do amor, que não é ignorado pelos infelizes, podendo ser identificado pelos sofrendores da Erraticidade.

(Dimensões da Verdade – Joanna de Ângelis – pág. 102)

O médium, desde os instantes iniciais de sua trajetória na seara mediúnica espírita, aprende que a prática dessa faculdade exigirá dele – se quiser produzir algo proveitoso em benefício dos que sofrem e, concomitantemente, conseguir o desenvolvimento de sua aptidão – esforço e dedicação, estudo metódico e constante do Espiritismo, perseverança e disciplina e muita vontade de se renovar, de se transformar, para o que deverá também aliar o trabalho da caridade aos requisitos mencionados.

Somando esforços e experiências, empenhando-se profunda e sinceramente neste mister, cômico de sua responsabilidade, irá aos poucos conseguindo educar e desenvolver a sua faculdade. No trabalho incessante, adquirirá a imprescindível prática, que muito o ajudará no bom desempenho das tarefas a que for chamado a desincumbir.

Não se descurando do estudo, cuidando por melhorar o seu íntimo – auto-evangelizando-se -, adquirirá a confiança dos instrutores espirituais, que o requisitarão, cada vez mais, para trabalhos na seara do Mestre.

E, como os médiuns devotados ao labor da caridade e que operam em nome de Jesus, são por ora em pequeno número, é natural que aqueles que se sobressaiam na dedicação e no amor fraternal, a serviço

dos semelhantes, sejam convocados ao sublime dever de secundar os esforços dos Benfeitores do Mundo Maior.

Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert – pág. 148

Seja qual for o talento que te enriquece, busca primeiro o bem, na convicção de que o bem, a favor do próximo, é o bem irrepreensível que podemos fazer.

Desse modo, ainda mesmo te sintas imperfeito e desajustado, infeliz ou doente, utiliza a força medianímica de que a vida te envolve, ajudando e educando, amparando e servindo, no auxílio aos semelhantes, porque o bem que fizeres retornará dos outros ao teu próprio caminho, como bênção de Deus a brilhar sobre ti.

* * *

No exercício mediúnico, aceitemos o ato de servir por lição das mais altas na escola do mundo.

E lembremo-nos de que assim como a vida possui trabalhadores para todos os misteres, há médiuns, na obra do bem, para a execução de tarefas de todos os feitos.

Nenhum existe maior que o outro. Nenhum está livre do erro.

Todos, no entanto, guardam consigo a bendita possibilidade de auxiliar.

Esse tem a palavra que educa, aquele a mão que alivia e aquele outro a pena que consola.

Esse traz a oração que enleva, aquele transporta a mensagem que reanima e aquele outro mostra a força de restaurar.

Usa, pois, tuas faculdades medianímicas como empréstimo da Bondade Infinita, para que o orgulho te não assalte. E recorda que Jesus, o Medianeiro Divino, em circunstância alguma requestou a admiração dos maiorais de seu tempo, e sim passou entre os homens, amparando e compreendendo, ajudando e servindo... E se houve um dom de Deus em que se empenhou de preferência aos demais, foi aquele de praticar o culto vivo do Evangelho no coração do povo, visitando em pessoa os casebres da angústia e alimentando a turba faminta, ofertando amor puro aos enfermos sem-nome e estendendo esperança aos que viviam sem lar.

Seara dos Médiuns – Emmanuel – págs. 44 e 46

6.9. A importância do Centro Espírita

Os Templos de nossa fé são visitados por:

- Os que sentirão brotar em si, a seu mau grado, a influência espiritual de Espíritos galhofeiros ou perturbados que se tornam os instrumentos do despertar de muitos para as suas necessidades psíquicas.
- Os que aspiram por uma orientação mais clara, no campo religioso, que atendem a um impulso interior, oriundo de existências passadas unidas à Espiritualidade Maior.

São candidatos à educação Doutrinária. Neles a mediunidade poderá ter desabrochado naturalmente, independente de qualquer controle e tendo o medianeiro inexperiente problemas para conduzir-se – tal como acontece aos frutos silvestres que germinam, florescem e sazonom nativamente. Essa ocorrência apenas enaltece a naturalidade da fenomenologia que se não organiza apenas em nossos Templos, mas é um sentido comum no homem.

Sob a bênção do Cristianismo Redivivo, porém, a mediunidade se torna um meio nobre para atingir um fim nobre: a reforma moral de nossa Humanidade, através do contato permanente com a Espiritualidade Maior que programa serviços a benefício de todos os sofredores.

Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jachintho – pág. 129

– Existe alguma maneira de uma pessoa desenvolver a sua mediunidade sem precisar freqüentar um Centro ou mesmo aprofundar-se na Doutrina?

– Nós temos, por exemplo, o Esoterismo em determinadas doutrinas espiritualistas com processos semelhantes aos da loga, pelos quais a criatura se aperfeiçoa nas suas faculdades psíquicas e consegue ser, por exemplo, um intérprete do mundo espiritual sem as características do médium espírita-cristão propriamente considerado. Mas nos moldes em que eu me vi na necessidade de encontrar um socorro para os meus problemas psicológicos e espirituais, não vejo outras entidades no momento capazes de, no ponto de vista popular, trazer para o nosso coração tanto benefício como um Centro Espírita Cristão, orientado com segurança por amigos de Cristo e de Allan Kardec capazes de ponderar as responsabilidades que eles assumem. De modo que eu me sinto uma pessoa feliz com o tratamento da mediunidade na estação em que trabalho e me encontro, mas, cada qual tem o seu próprio caminho. Eu não desconheço que toda religião tenha os seus processos de apoio para a sublimação de seus adeptos e respeito todas elas.

Entender Conversando – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 22

Muito raramente os médiuns podem ser autodidatas: invariavelmente precisam de orientação e orientadores competentes; como quaisquer outros, são discípulos que precisam de mestres. Em geral, ao se entregarem ao desenvolvimento, ao invés de obterem alívio para suas perturbações, de ocorrência infalível, consolo para suas mágoas, esclarecimento para suas dúvidas, força para sua luta obscura, segurança para suas vidas, encontram, muitas vezes, o personalismo de uns, a ignorância de outros, e um conhecimento empírico ou falso, que ainda lhes envenena a alma com superstições grosseiras.

Quando precisariam ambientes claros e elevados, encontram muitas vezes atmosferas pesadas, hostis, de Espíritos inferiores, que ainda vêem acrescentar influências perniciosas àquelas de que já eram vítimas e contra as quais, justamente, iam buscar auxílio.

É preciso, portanto, que somente freqüentem sessões onde encontrem ambientes verdadeiramente espiritualizados, onde imperem as forças boas e onde as más, quando se apresentarem, possam ser dominadas.

E sessões desta natureza só podem existir onde haja, da parte de seus dirigentes, um objetivo elevado a atingir, fora do personalismo e da influência de interesses materiais, onde os dirigentes estejam integrados na realização de um programa elaborado e executado em conjunto com entidades espirituais de hierarquia elevada.

Sem espiritualidade não se consegue isso; sem Evangelho não se consegue espiritualidade e sem o propósito firme e perseverante de reforma moral, não se realiza o Evangelho.

Mediunidade – Edgard Armond – pág. 134

Os nossos amigos espirituais sempre nos ensinaram a considerar os Centros Espíritos como a Escola mais importante da nossa alma, porque é no Templo Espírita que nós recebemos de outros e podemos doar de nós mesmos os valores que servirão a cada um de nós para a vida eterna. De modo que, nós damos tanta importância ao Estudo da Matemática, ou ao estudo da Química, que realmente são importantes, não podemos menosprezar as lições em torno da paciência, em torno da tolerância, que são atitudes da alma que nós não teremos sem estudar, sem raciocinar. Portanto, um Templo Espírita é uma Universidade de formação espiritual para as criaturas humanas, e por isso o Espírito de Emmanuel, que nos orienta as atividades desde 1931, empresta a maior importância ao Templo Espírita, porque o Templo Espírita revive as casas do Cristianismo simples e primitivo em que os nossos corações se reúnem em torno dos ensinamentos do Cristo, para a melhoria da nossa vida interior. Por exemplo, numa Faculdade de ensino superior que nos merece o máximo acatamento, nós aprendemos Ciências que vão aperfeiçoar os nossos recursos intelectuais. Mas, no Centro Espírita, orientado segundo os preceitos do Evangelho, nós vamos encontrar os estudos e os raciocínios adequados à nossa necessidade de vivência em paz no mundo com a vivência igualmente do Amor uns para com os outros, segundo o ensinamento de Jesus; que nós não podemos esquecer: *“Amai uns aos outros como eu vos amei...”*

Entrevistas – Chico Xavier/Emmanuel – pág. 114